

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

GISELLE GALVÃO MENDES

ESTUDO DA ARQUITETURA RESIDENCIAL MODERNISTA: o bairro do Filipinho

São Luís
2018

GISELLE GALVÃO MENDES

ESTUDO DA ARQUITETURA RESIDENCIAL MODERNISTA: o bairro do Filipinho

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Grete Soares Pflueger

São Luís

2018

GISELLE GALVÃO MENDES

ESTUDO DA ARQUITETURA RESIDENCIAL MODERNISTA: o bairro do Filipinho

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Grete Soares Pflueger (Orientadora)
Doutora em Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Ms. Célia Regina Mesquita Marques (Examinadora)
Mestre em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Ms. Paulo Eduardo Silva de Vasconcelos (Examinador)
Mestre em Desenvolvimento Socioespacial e Regional
Universidade Estadual do Maranhão

A Deus, fonte de toda minha força; e a meu avô, Mário Mendes, meu maior exemplo de honestidade, responsabilidade, determinação, perseverança, amor e dedicação à família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelas infinitas bênçãos durante toda minha vida.

Agradeço a toda minha família, pelo maior amor do mundo; por todo apoio, carinho, paciência e compreensão durante toda minha jornada acadêmica, em a especial meus pais, Rita e Marcelo, que sempre prezaram pela minha educação e de meus irmãos, e nunca mediram esforços para nos dar o melhor; a meus avós, pelos ensinamentos e torcida constante; a meus irmãos – Marcela, Lúcio e Marcelinho – e à minha prima Mirza, pelo companheirismo e ombro amigo nos momentos de angústia e indecisão.

Muita gratidão à Universidade Estadual do Maranhão e a todos os professores, por todas as oportunidades e pelo conhecimento passado durante esses cinco anos de graduação.

Agradeço à minha orientadora, professora Grete, por quem tenho grande admiração, pelo apoio, disponibilidade, paciência, confiança e pelos conhecimentos transmitidos.

Agradeço aos meus amigos e colegas de curso, em especial: Ana Beatriz Siste, Sylvia Lins, Juliana Leite, Beatriz Dantas, Adriana Coimbra, Lara Serra, Ana Beatriz Pinho, Isabela Morais, Yvio Leonnardo, João Pedro Medeiros, Carlos Roger, Carlos Alberto, Ana Clara Coqueiro, Ágatha Ferreira e Luísa Henriques, por terem tornado essa jornada mais leve e divertida; pela companhia nos dias de sufoco e nas noites sem dormir; pela parceria dentro e fora da sala de aula.

Meu “muito obrigada” também aos moradores do bairro do Filipinho, em especial àqueles que entrevistei: Dona Lilia, Dona Theresa, Sr. Alfredo, Dona Rosinha e Aline; aos funcionários de órgãos como: Biblioteca Pública, Arquivo Público e EMARPH; e ao professor Paulo Vasconcelos, pela disponibilidade, transmissão de informações e materiais que muito contribuíram com a realização dessa pesquisa.

RESUMO

O grupo residencial do Filipino foi construído entre os anos de 1949 e 1950 pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC) com o objetivo de abrigar, prioritariamente, comerciantes e seus familiares. Esse conjunto residencial moderno pontuou um novo período no campo da habitação popular, que não foi marcado somente pelo emprego de novas técnicas e materiais, mas, principalmente, por sua sustentabilidade e caráter humanitário. Entretanto, infelizmente, essa nova forma de pensar a moradia de trabalhadores não foi levada adiante. Atualmente, a era dos conjuntos residenciais do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) é marcada pela ausência de conforto e segregação socioespacial dos mais pobres. Diante disso, visto sua importância e singularidade, torna-se de grande utilidade contar a história do Filipino. O objetivo do presente trabalho é elaborar um estudo sobre a arquitetura moderna em São Luís, com enfoque no Bairro do Filipino – descrevendo o contexto político, econômico, social e cultural em que esteve inserida sua construção, analisando seus aspectos projetuais e construtivos, sua tipologia arquitetônica e padrão urbanístico, para, por fim, compará-lo com outros conjuntos da cidade -. Para isso, foram realizadas: pesquisa histórica, visitas ao bairro, levantamento fotográfico, entrevistas com moradores, elaboração de mapas temáticos e estudo analítico e comparativo.

Palavras-chave: Conjunto residencial. Moderno. Habitação.

ABSTRACT

The Filipino residential group was build between the years 1949 and 1950 by the IAPC, with the purpose to shelter, primarily, merchants and their families. This modern residential complex punctuated a new period in the field of popular housing, which was not only marked by the use of new techniques and materials, but mainly for its sustainability and humanitarian character. However, unfortunately, this new way of thinking about housing for workers was not carried forward. Currently, the era of the residential complexes of the Minha Casa Minha Vida Program is marked by the lack of comfort and socio-spatial segregation of the poorest. Thus, given its importance and uniqueness, it is of great use to tell the story of Filipino. The objective of this study is to prepare a study on modern architecture in St. Louis, focusing on Filipino Barrio - describing the political, economic, social and cultural context in which it was inserted its construction, analyzing their projective and constructive aspects, typology architectural and urban pattern, to finally compare it with other sets of the city. For this, historical research, visits to the neighborhood, photographic surveys, interviews with residents, thematic maps and an analytical and comparative study were carried out.

Key-words: Residential Complex; Modern; Habitation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Catálogo da Semana de Arte Moderna.....	19
Figura 2	- Arquiteto brasileiro Rino Levi (1901-1965).....	21
Figura 3	- Arquiteto russo Gregori Warchavchik (1896-1972)	22
Figura 4	- Manifesto “Acerca da architectura moderna” publicado no periódico “Correio da Manhã” em 1925.....	23
Figura 5	- Casa Moderna da rua Santa Cruz, na Vila Mariana, São Paulo-SP	25
Figura 6	- Planta baixa do pavimento térreo.....	27
Figura 7	- Planta Baixa do pavimento superior.....	27
Figura 8	- Janelas horizontais da casa Moderna da rua Santa Cruz.	28
Figura 9	- Reportagem no periódico “Diário Nacional” sobre a construção da primeira casa moderna em São Paulo	29
Figura 10	- Reportagem no periódico “Correio Paulistano” sobre a primeira realização da arquitetura moderna.....	30
Figura 11	- Edifício do MES - Rio de Janeiro, RJ.....	32
Figura 12	- Implantação do edifício do MES.....	33
Figura 13	- Pilotis do edifício do MES	33
Figura 14	- Bloco transversal do prédio do MES	34
Figura 15	- Escultura de Bruno Giorgi	35
Figura 16	- Hospital da Brigada Militar, Recife-PE	37
Figura 17	- Imagem atual do Hospital da Brigada Militar.....	38
Figura 18	- Fachada da Usina Higienizadora de leite, e Recife-PE.....	38
Figura 19	- Esquema esqueleto do reservatório de água de Olinda	39
Figura 20	- Castelo D’água, em Olinda-PE	40
Figura 21	- Detalhes da fachada do Cine Éden, localizado na Rua Grande, em São Luís – MA.....	43
Figura 22	- Fachada da Empresa Brasileira de Correios e Telegraphos, localizada na Praça João Lisboa, em São Luís – MA	43
Figura 23	- Avenida Getúlio Vargas	46
Figura 24	- Planta da parte central de São Luís	47
Figura 25	- Modelo de cortiço, 1893.....	49
Figura 26	- Plantas do conjunto dos operários da Gamboa	50

Figura 27	- Vila operária da Gamboa	51
Figura 28	- Conjunto Habitacional do Realengo.....	53
Figura 29	- Conjunto operário residencial em Realengo, no Rio de Janeiro, em 1940	53
Figura 30	- Vista aérea da Vila do IAPI em 1948	54
Figura 31	- Casa de tipologia tradicional (porta e janela) da Vila do IAPI	55
Figura 32	- Localização do bairro do Filipino.....	59
Figura 33	- Dr. Remy Archer, presidente do IAPC	60
Figura 34	- Inspeção do presidente do IAPC às obras do Filipino em janeiro de 1950	60
Figura 35	- Dr. Remy Archer e Dr. Armando Falcão ladeados, dentre outras pessoas, pelos engenheiros Paulo Milliet e José Eduardo Freire	61
Figura 36	- Foto do terreno onde viria a ser construído o conjunto residencial do Filipino.....	62
Figura 37	- Registro da obra do bairro do Filipino na fase de acabamento	62
Figura 38	- Inspeção realizada na obra do Filipino em 20 de janeiro de 1950 ...	63
Figura 39	- Conjunto residencial do Filipino	63
Figura 40	- Foto mostrando ônibus da linha do Filipino e calçada com gramado ao centro	64
Figura 41	- Entrada do Grupo Escolar do conjunto residencial do Filipino no ano de sua inauguração.....	64
Figura 42	- Centro médico social e administração do conjunto residencial do Filipino.....	65
Figura 43	- Centro comercial do conjunto residencial do Filipino	65
Figura 44	- Obra do conjunto residencial do Filipino na fase de acabamento	66
Figura 45	- Trabalhadores na fabricação de tubulão de grande diâmetro na oficina instalada na obra do conjunto residencial do Filipino	67
Figura 46	- Planta baixa da unidade habitacional do conjunto residencial do Filipino.....	67
Figura 47	- Vista da fachada da unidade habitacional proposta pelo IAPC.....	68
Figura 48	- Unidade habitacional do conjunto residencial do Filipino.....	68
Figura 49	- Afastamento entre as residências do conjunto residencial do Filipino.....	69
Figura 50	- Implantação das residências do conjunto residencial do Filipino	69

Figura 51	- Casas do conjunto residencial do Filipino	69
Figura 52	- Vista da fachada principal da unidade habitacional do conjunto residencial do Filipino.....	71
Figura 53	- Perspectiva de uma rua do conjunto residencial do Filipino	72
Figura 54	- Foto do trabalho de assentamento da rede de esgotos do Conjunto.....	73
Figura 55	- Flagrante do dr. Remy Archer examinando parte do leito da rede de esgoto do Filipino	73
Figura 56	- Ônibus da linha Filipino – Centro	74
Figura 57	- Planta de loteamento original do conjunto residencial do Filipino	75
Figura 58	- Implantação original do conjunto residencial do Filipino	75
Figura 59	- Vista aérea do conjunto residencial do Filipino	75
Figura 60	- Residência com platibanda e gradil	78
Figura 61	- Residência com platibanda e gradil	78
Figura 62	- Residência com platibanda, gradil e mosaico de azulejos na fachada frontal	78
Figura 63	- Residência com platibanda, gradil e revestimento em pedra no muro.....	79
Figura 64	- Residência com platibanda, gradil e azulejos no muro	79
Figura 65	- Residência com marquise, platibanda e gradil.....	80
Figura 66	- Residência com marquise, platibanda, gradil e azulejos na fachada frontal e muro	80
Figura 67	- Residência de dois pavimentos, com marquise, grades e azulejos ...	81
Figura 68	- Detalhe do mosaico em azulejos e esquadrias em vidro	81
Figura 69	- Residência com muro com elementos vazados em concreto	82
Figura 70	- Residência com elementos vazados na fachada frontal e no muro.....	82
Figura 71	- Detalhe dos cobogós da fachada.....	83
Figura 72	- Residência com elementos vazados no muro.....	83
Figura 73	- Residência com poucas alterações na fachada	84
Figura 74	- Residência com poucas alterações na fachada	84
Figura 75	- Residência com poucas alterações na fachada	84
Figura 76	- Residência com poucas alterações na fachada	85
Figura 77	- Residência com poucas alterações na fachada.....	85

Figura 78	- Residência com poucas alterações na fachada.....	85
Figura 79	- Residência com poucas alterações na fachada.....	86
Figura 80	- Residência com poucas alterações na fachada.....	86
Figura 81	- Residência com poucas alterações na fachada.....	86
Figura 82	- Residência do conjunto com menos alterações na fachada	87
Figura 83	- Vista da varanda de entrada	87
Figura 84	- Grupo Escolar do conjunto residencial do Filipino	88
Figura 85	- Fachada frontal da Unidade Integrada Governador Archer em 2018	88
Figura 86	- Entrada da Unidade Integrada Governador Archer em 2018.....	89
Figura 87	- Centro médico social e administração do conjunto residencial do Filipino no ano de sua inauguração	89
Figura 88	- Fachada lateral direita do Hospital PAM Filipino em 2018.....	90
Figura 89	- Fachada lateral esquerda Hospital PAM Filipino em 2018.....	90
Figura 90	- Centro comercial do bairro do Filipino em 2018.....	90
Figura 91	- Perspectiva de uma quadra do conjunto residencial do Filipino	91
Figura 92	- Transição do tipo de pavimentação e calçadas em péssimas condições (visada H).....	91
Figura 93	- Mapa de Localização das visadas	92
Figura 94	- Visada A.....	93
Figura 95	- Visada B.....	93
Figura 96	- Visada C	93
Figura 97	- Visada D	94
Figura 98	- Visada E.....	94
Figura 99	- Visada F	94
Figura 100	- Visada G	95
Figura 101	- Visada I	95
Figura 102	- Visada J	95
Figura 103	- Visada K.....	96
Figura 104	- Localização do bairro do Filipino.....	97
Figura 105	- Limites do bairro e do conjunto residencial do Filipino	98
Figura 106	- Mapa de usos do bairro do Filipino	99
Figura 107	- Mapa de tipos.....	100
Figura 108	- Tabela de caracterização do Tipo 1	101

Figura 109 - Tabela de caracterização do Tipo 2	102
Figura 110 - Tabela de caracterização do Tipo 3	103
Figura 111 - Mapa de localização dos conjuntos em relação ao centro e eixos de expansão.....	105
Figura 112 - Planta baixa da unidade habitacional do conjunto residencial do Filipinho.....	106
Figura 113 - Planta baixa da unidade habitacional do conjunto da Rua Santiago.....	107
Figura 114 - Planta baixa da unidade habitacional do conjunto residencial José Bonifácio Andrada e Silva	107
Figura 115 - Vista da fachada da unidade habitacional proposta pelo IAPC.....	108
Figura 116 - Vista da fachada da unidade habitacional do conjunto da Rua Santiago.....	108
Figura 117 - Fachada da unidade habitacional do conjunto José Bonifácio da Silva Andrada.....	109
Figura 118 - Conjunto residencial da Rua Santiago	109
Figura 119 - Foto da fachada da unidade habitacional do conjunto José Bonifácio da Silva Andrada	110
Figura 120 - Conjunto residencial José Bonifácio da Silva Andrada	110
Figura 121 - Quadro de caracterização dos entrevistados.....	112
Figura 122 - Foto antiga de moradores do Filipinho com residências ao fundo ...	113
Figura 123 - Foto antiga de moradores do Filipinho com residência ao fundo	114
Figura 124 - Foto antiga de moradores do Filipinho com residência ao fundo	114
Figura 125 - Foto antiga de moradora do Filipinho com residência ao fundo.....	115
Figura 126 - Foto antiga de moradores do Filipinho	116
Figura 127 - Foto antiga de moradores do Filipinho.....	116

LISTA DE SIGLAS

CIAM	Congresso Internacional da Arquitetura Moderna
COHAB	Companhias de Habitação Popular
DAC	Secretaria de Arquitetura e Construção
IAPC	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes
IAPI	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários
IAPs	Institutos de Aposentadorias e Pensões
IPASE	Instituto de Pensões e Assistência dos Servidores do Estado
IPEM	Instituto Previdenciário dos Servidores do Estado do Maranhão
MÊS	Ministério da Educação e Saúde
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	INTRODUÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL	18
2.1	O arquiteto introdutor	21
2.2	A primeira casa modernista	25
2.3	O edifício do MES	31
2.4	O precursor da arquitetura moderna no Nordeste	35
3	INTRODUÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA EM SÃO LUÍS	42
3.1	Princípios higienistas e embelezamento da cidade	42
3.2	O Estado Novo e a modernização	44
4	OS MODOS DE MORAR DOS TRABALHADORES: dos cortiços aos conjuntos residenciais modernos	49
4.1	Conjuntos residenciais modernos em São Luís	55
5	O CONJUNTO RESIDENCIAL DO FILIPINHO	58
5.1	A origem	58
5.2	A construção do Conjunto Residencial do Filipino	59
5.3	As unidades habitacionais	67
5.4	A infraestrutura	71
5.5	A implantação	74
6	O FILIPINHO DOS DIAS DE HOJE	77
6.1	As residências	77
6.2	As demais edificações	88
6.3	As vias e calçadas	91
6.4	A forma urbana	96
7	UM COMPARATIVO ENTRE O FILIPINHO E OS CONJUNTOS RESIDENCIAIS ANTERIORES	104
7.1	Quantidade de unidades habitacionais	104
7.2	Planta baixa das residências	106
7.3	Fachada das residências	108
8	O CONJUNTO RESIDENCIAL MODERNO DO FILIPINHO NO IMAGINÁRIO DOS MORADORES	112
9	CONCLUSÃO	118
	REFERÊNCIAS	120
	APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 1	127
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 2	129
	APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 3	131

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 4	133
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 5.....	136

1 INTRODUÇÃO

A Revolução Industrial, vivenciada pelo Brasil de maneira tardia, entre os séculos XIX e XX, foi responsável, dentre outros aspectos, por uma grave crise habitacional; fruto do crescimento desordenado das cidades, causado pelo êxodo rural e pela intensa vinda de imigrantes para as principais cidades do país.

Nesse período, como não eram construídas casas para a população de baixa renda, os trabalhadores se concentravam nos cortiços, caracterizados pelo desprezo às regras de higiene, pelas unidades habitacionais minúsculas, falta de água, ausência de recolhimento de lixo, de ventilação e iluminação suficientes, disseminação de doenças, etc. (TRIGO, 2013/2014).

Diante dessas condições precárias, teve início no país reformas urbanas que visavam à realização de obras de saneamento básico, ao mesmo tempo em que buscavam promover o embelezamento das cidades (RUBIN, 2013). Foram construídas, no início do século XX, as primeiras residências para trabalhadores, com o objetivo de coibir as subabitações. As vilas operárias seguiam os conceitos higienistas, estavam localizadas fora das aglomerações urbanas, e foram financiadas pela iniciativa privada, que construía casas em série para serem alugadas pelos trabalhadores.

Com o início da Era Vargas, o estado assumiu grande participação no setor habitacional. No contexto do Estado Novo, os conjuntos habitacionais começaram a ser construídos pelos Institutos de Aposentadoria e Pensão (IAPs). Essas autarquias federais tinham como objetivo produzir moradias saudáveis, acessíveis e rentáveis, com projetos inovadores, cujas características principais deveriam ser a racionalidade, padronização e economia.

Inúmeros conjuntos habitacionais foram construídos por todo o Brasil seguindo esse conceito. Dentre eles, o Grupo Residencial do Filipino, em São Luís, pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC), durante a gestão do presidente Dr. Remy Archer. O cenário da capital era, na primeira metade do século XX, de modernização, em virtude do Plano de Remodelação e Extensão da cidade (elaborado por Saboya Ribeiro) - responsável pela abertura da Avenida Getúlio Vargas, pelo surgimento do primeiro vetor de expansão de São Luís, que

partiu do Centro em direção ao Anil, e pela formação de novas centralidades (BURNETT, 2011).

O conjunto em questão, construído entre os anos de 1949 e 1950, foi concebido para abrigar comerciários e seus familiares e representou o que havia de mais moderno e nobre para a época. O Filipinho apresentou características únicas, que o diferenciavam de tudo o que já havia sido produzido no campo da habitação; e exerceu grande influência sobre o que seria construído posteriormente.

Os ideais modernistas foram adotados no projeto e construção do conjunto. Foi seguido um modelo de planta mínima, com sala de estar e jantar conjugadas, somente uma unidade de banheiro, cozinha reduzida – devido ao advento dos eletrodomésticos –; lavanderia externa, com espaço destinado a abrigar a máquina de lavar roupa; ausência de muros; afastamento entre as residências; passeios largos e arborizados; infraestrutura própria e de qualidade. Além disso, foram empregados materiais novos – como as telhas de fibrocimento e o concreto –, e o canteiro de obras contou com oficinas, para pré-fabricar em massa tudo o que fosse possível.

O que o conjunto teve de mais relevante e especial foi a sua sustentabilidade. Não foram construídas apenas moradias para trabalhadores, mas também escola, comércio, centro médico e de assistência social. Tudo com o objetivo de tornar mais fácil, leve e digna a vida das famílias que ali se estabeleceriam; visto que o Filipinho foi construído numa área periférica, distante do Centro antigo.

Diante das singularidades e importância do Grupo Residencial do Filipinho, o presente trabalho tem como objetivo geral elaborar um estudo sobre a arquitetura moderna em São Luís, com enfoque no bairro do Filipinho; e como objetivos específicos compreender a produção arquitetônica e urbanística moderna das décadas de 40 a 60; descrever a construção do conjunto; analisar sua tipologia arquitetônica e padrão urbanístico, e estabelecer comparativos com os padrões residenciais anteriores e posteriores, comprovando o caráter inovador do Filipinho, tanto projetual, técnico e construtivo, quanto de busca por bem-estar, qualidade de vida e conforto para seus moradores.

Para isso foi realizada, inicialmente, pesquisa bibliográfica, com o intuito de entender o contexto histórico, econômico, social e cultural que a construção do

Filipinho esteve inserida. Em seguida, foram levantados dados, fotos e mapas do conjunto, obtidos, principalmente, em periódicos do século XX. A fase final consistiu na realização de várias visitas ao bairro – para observar seu estado atual e identificar suas principais mudanças – e em conversas com moradores de diversas épocas, para entender a dinâmica da área e o significado do Filipinho para cada um em diferentes recortes temporais.

2 INTRODUÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

No Brasil, a história da arquitetura moderna esteve intimamente atrelada à arquitetura internacional, principalmente europeia. Como nos países europeus os campos arquitetônicos nacionais já se encontravam estabelecidos e dominados pelas escolas mais tradicionais; e as construções eram escassas devido à crise econômica – fruto da II Guerra Mundial –, muitos arquitetos vieram atuar no crescente mercado brasileiro, onde estabeleceram contatos e alianças. Dentre esses arquitetos estavam nomes como Donat Agache, Marcelo Piacentini e Le Corbusier (CAVALCANTI, 2001).

Não diferente de outros países do novo mundo, o estilo chegou entre nós graças à migração, visita de europeus, retorno de brasileiros que estudaram na Europa e, principalmente, entusiasmo pelo novo estilo por parte das gerações mais jovens de arquitetos. (CAVALCANTI, 2001, p. 12).

Segundo Bruand (2010), da mesma maneira que os estilos históricos não desapareceram de uma hora para outra, o movimento moderno não surgiu de forma repentina no Brasil. Ele surgiu como resultado da evolução do pensamento de alguns grupos intelectuais brasileiros.

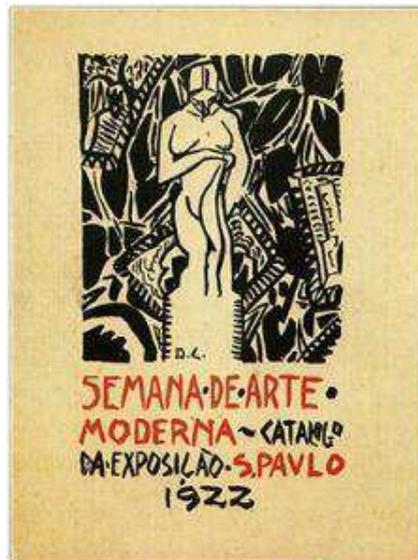
No início do século XX, São Paulo se configurava como a grande metrópole brasileira. Lá, a riqueza gerada pela produção cafeeira financiava um cenário de prosperidade material e qualificação industrial. Devido a esse contexto, o Teatro Municipal dessa cidade foi palco de uma exposição de pintura, escultura e arquitetura, considerada o primeiro pronunciamento antitradicionalista (SEGAWA, 2002).

Em 1922 ocorreu a Semana de Arte Moderna (figura 1), na qual inúmeras inovações foram apresentadas nos campos da literatura, música, artes visuais, etc. Essa foi, segundo Fernandes (2009, p. 11), a primeira manifestação pública de um grupo de intelectuais, formado principalmente por paulistas, que lutavam por uma renovação das artes no Brasil. Ela se configurou como um “[...] marco simbólico do processo de modernização e de reflexão da cultura brasileira”.

O contexto em que ela esteve inserida era bem complexo.

[...] a presença de um crescimento urbano e industrial nas principais cidades do país por conta da Primeira Guerra Mundial; o questionamento à legitimidade do sistema político das repúblicas oligárquicas; a influência dos imigrantes (vindos em massa a partir do final do século XIX) na sociedade intelectual e técnico; tudo isso dava margem ao surgimento de uma nova mentalidade, principalmente nas áreas das artes e da educação. (FERNANDES, 2009, p. 12).

Figura 1 - Catálogo da Semana de Arte Moderna



Fonte: Di Cavalcanti (1922)

Esse movimento buscava renovar o ambiente cultural como um todo. Ele se opunha aos valores passadistas e acadêmicos, e almejava uma atualização estética sem necessariamente seguir uma corrente específica (SEGAWA, 2002).

Dentre os objetivos do movimento modernista brasileiro estavam o fim da relação de dependência cultural em relação aos padrões estrangeiros – a relação deveria ser de sintonia - e o descobrimento do Brasil, quanto à sua história, cultura, povo, tradições, etc. (FERNANDES, 2009).

É importante destacar que o campo da arquitetura não apresentou, na Semana de Arte Moderna, a mesma expressividade da literatura e das artes plásticas. Foram apresentados somente desenhos, não havia obras executadas.

A inexistência da obra moderna construída condenava a intenção arquitetônica ao limbo da utopia. O debate na arquitetura estava virtualmente monopolizado pelo proselitismo e pelas obras executadas sob a inspiração de José Mariano Filho e Ricardo Severo na cruzada pelo neocolonial – postura que sombreava a preocupação da nacionalidade dos modernistas e arremessava a questão do nacionalismo ao rol da discussão estilística, nos moldes acadêmicos. (SEGAWA, 2002, p. 43).

A Semana de Arte Moderna não exerceu influência significativa na arquitetura. No entanto, ela foi primordial para a promoção de um clima de inquietude, insatisfação, contestação e revolta contra os padrões estabelecidos. Além disso, esse movimento foi importantíssimo para o surgimento de uma clientela interessada numa arquitetura nova - mesmo que ela tivesse pouco a oferecer no que diz respeito a ideias concretas e realizáveis. Para a realização arquitetônica os recursos de ordem material são indispensáveis (BRUAND, 2010).

O movimento moderno estrangeiro será para o Brasil uma referência capaz de antecipar muitas das respostas às contradições que se vão colocando ao nosso pensamento arquitetônico, mas por outro lado impinge prematuramente uma estética dita 'internacional', que só poder vir chocar-se com as alternativas nascidas espontaneamente no momento histórico que a Nação atravessa. De qualquer modo, a referência estrangeira será o cenário que a vanguarda acompanhará a partir dos primeiros passos, e do qual fará, debaixo do protesto dos 'passadistas', uma lenta apropriação, para tanto rejeitando as parcelas mais rígidas no nacionalismo, então em voga. (SOUZA, 1982, p. 11).

Entre os anos 20 e 30 pairava sob os profissionais brasileiros ligados à arquitetura a seguinte dúvida quanto a que postura seguir:

[...] o neocolonial lhes parece por demais anacrônico, o moderno por demais estrangeiro; o primeiro não atende aos reclamos concretos da sociedade industrial, o segundo subestima o passado e a peculiaridade cultural brasileira [...]. (SOUZA, 1982, p. 11).

De acordo com Souza (1982), a tentativa de ruptura com o passado não impedia os artistas brasileiros de se espelharem na produção europeia, em especial a francesa, cujos conteúdos culturais serviram por mais de cem anos como “guia do Mundo Ocidental”.

Ora, se é verdade que o movimento moderno prenuncia os caminhos possíveis da arquitetura na idade da indústria, e, nesse sentido revolucionário é indiscutivelmente internacional, também é verdade que ele se mescla às mais variadas ideologias, assumindo caráter próprio e inconfundível ao invadir diferentes culturas e diferentes nações. A França que os brasileiros seguem, já o dissemos, não é propriamente o berço da arquitetura moderna, mas, por outro lado, graças ao gênio solitário de Le Corbusier, é o país que verdadeiramente manipula os problemas com termos familiares a um Brasil que começa a se desembaraçar da repetição acadêmica. (SOUZA, 1982, p. 12).

A revolução arquitetônica no Brasil foi difundida por jovens arquitetos formados, em sua maioria, na Europa, e que haviam aderido a essa grande renovação mundial graças à Bauhaus¹ e aos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna inaugurados em 1928 (SOUZA, 1982).

O primeiro discurso moderno brasileiro foi publicado em 15 de outubro de 1925, no jornal *O Estado de São Paulo*. Foi uma carta de Rino Levi (figura 2) – brasileiro que morava em Roma estudando arquitetura –, cujo título era “*A Arquitetura e a Estética das Cidades*”. Nessa carta o jovem Levi destacou alguns aspectos da arquitetura moderna; como os novos materiais, os progressos nas técnicas de construção, a busca pela praticidade e economia, o emprego de volumes e linhas simples, uso de poucos elementos decorativos, a ideia de não mascarar a estrutura do edifício e de não criar efeitos falsos e artificiais, dentre outros (SEGAWA, 2002).

¹ Escola de artes fundada na Alemanha, em 1919, pelo arquiteto Walter Gropius. Foi responsável por lançar as bases da nova arquitetura.

Figura 2 - Arquiteto brasileiro Rino Levi (1901-1965)



Fonte: Fracalossi (2015)

Além disso, demonstrava a importância de que as tendências vindas do exterior fossem estudadas antes de serem aplicadas no Brasil. Deveria ser levado em consideração o clima, natureza, vegetação e costumes do país. Assim, ao resolver as problemáticas inerentes às cidades brasileiras, seriam construídas cidades únicas, diferentes das europeias (SEGAWA, 2002).

2.1 O arquiteto introdutor

O contexto de mudanças e renovação na arquitetura era, segundo Bruand (2010), favorável, mas os problemas que ainda precisavam ser superados eram muitos. A liberdade compositiva do arquiteto era limitada devido à legislação municipal; os materiais industrializados – como o cimento, ferro e vidro – eram caros; os métodos de construção eram ultrapassados e a opinião pública desfavorável. No entanto, a persistência e coragem necessárias para transpor essas dificuldades não faltaram ao arquiteto russo Gregori Warchavchik (figura 3).

Figura 3 - Arquiteto russo Gregori Warchavchik (1896-1972)



Fonte: Baratto (2015)

Warchavchik nasceu em Odessa, em 1896, onde iniciou seus estudos de arquitetura. Em 1918 mudou-se para a Itália e formou-se em 1920 no Instituto Superior de Belas-Artes de Roma. Logo nos dois anos seguintes trabalhou como assistente de Marcello Piacentini. Emigrou para o Brasil em 1923, para trabalhar para a Companhia Construtora de Santos. Esse jovem arquiteto, cujo trabalho foi influenciado por Piacentini e Le Corbusier, trouxe consigo um vasto conhecimento acadêmico e mente aberta para pesquisas sobre uma arquitetura prática, econômica, simples, com volumes e linhas puras, poucos ornamentos, dentre outros aspectos (BRUAND, 2010).

Ele chegou a São Paulo um pouco mais de um ano após a Semana de Arte Moderna. Esse período foi marcado pelo crescimento do mecenato privado e dos salões aristocráticos; surgimento de agrupamentos, revistas e tendências mais bem organizadas, e pela superação do futurismo e cubismo. Desde o início do século XX a cidade de São Paulo se configurava como um espaço dinâmico de trabalho, cultura e sociabilidade. Warchavchik se deixou levar pela movimentada atmosfera cultural paulistana e aprofundou e redescobriu as inovações artísticas europeias a partir das experiências modernistas locais. Ele não estava claramente ligado a nenhuma corrente de renovação (LIRA, 2011).

No Brasil, ele soube explorar as vantagens de ser estrangeiro: “Valendo-se do prestígio de sua formação técnica europeia e não estando ligado sentimental ou emocionalmente à terra onde recém chegara, era mais livre para propor um programa revolucionário do que alguém nascido no país” (BRUAND, 2010, p. 64).

Levi e Warchavchik possuíam, nesse período, concepções bem parecidas. Entretanto, os manifestos escritos e publicados por eles obtiveram pouca repercussão na rotina da arquitetura no Brasil. “Foram textos pioneiros resgatados muito tempo depois pela historiografia do modernismo, mas que renunciaram a atividade desses dois arquitetos, que efetivamente mais tarde materializaram suas ideias em obras construídas.” (SEGAWA, 2002, p. 44).

Segundo Bruand (2010), eles apresentaram temas comuns, como a arquitetura ditada pela praticidade e economia; a redução dos ornamentos ao mínimo, e correspondendo sempre a uma função; o arquiteto como técnico e artista. No entanto, enquanto Rino Levi se interessava mais pelo urbanismo e seguia o neoclassicismo simplificado de seu mestre Marcello Piacentini, Warchavchik se demonstrou bem mais radical:

[...] rejeitava a ideia de estilo contemporâneo (já que o estilo de uma época só viria a ser definido mais tarde, pelas gerações seguintes) e propunha uma explicação racionalista para a história da arquitetura (o valor dos estilos do passado provinha do caráter funcional de seus elementos decorativos e da unidade existente entre as artes, a vida e os meios técnicos de uma determinada época); concluía que a civilização do século XX, apoiada numa crescente mecanização, devia extrair uma estética própria das possibilidades que essa mecanização oferecia; os novos materiais – ferro, vidro e sobretudo concreto armado – condicionavam uma nova arquitetura, cuja beleza resultaria automaticamente da solução lógica dada aos problemas abordados; o arquiteto não seria senão um engenheiro encarregado de construir uma máquina, cuja forma seria determinada pela função. (BRUAND, 2010, p. 65).

Em 4 de janeiro de 1927 Warchavchik se casou com Mina Klabin, pertencente a uma rica família de industriais da cidade de São Paulo. A formação sofisticada – estudo das línguas, das artes e iniciação musical na École Secondaire Supérieure de Jeunes Filles em Genebra, na Suíça –, posição social e a grande sociabilidade de Mina permitiram que ela se tornasse braço direito de seu marido, em prol de quem colocou suas habilidades artísticas e linguísticas, e atuou como porta-voz no exterior (LIRA, 2011).

Depois de seu casamento, Gregori naturalizou-se brasileiro, demitiu-se do corpo técnico da Companhia Construtora de Santos e abriu seu próprio escritório. A união com Mina foi de grande importância no seu ingresso na elite local, e lhe possibilitou realizar suas experiências arquitetônicas. Entre 1927 e 1928 ele construiu sua própria casa, na Vila Mariana², onde a família Klabin era proprietária

² Bairro tradicional localizado na região centro-sul da cidade de São Paulo.

de grandes terrenos. Sua casa, situada na Rua Santa Cruz, foi considerada a primeira expressão da arquitetura moderna no Brasil (SEGAWA, 2002).

2.2 A primeira casa modernista

A casa da Rua Santa Cruz assinalou, em 1928, o início da arquitetura moderna no Brasil (figura 5). Apesar de tímida quanto à aplicação de elementos e possibilidades estruturais, essa construção forneceu aos modernistas um manifesto, “[...] desta vez construído em tijolos.” (CAVALCANTI, 2001, p. 112).

Figura 5 - Casa Moderna da rua Santa Cruz, na Vila Mariana, São Paulo-SP



Fonte: Fracalossi (2013)

Foram várias as dificuldades encontradas pelo arquiteto para a realização de sua primeira obra pessoal. A primeira delas esteve relacionada com a obtenção do alvará de construção. Segundo Cavalcanti (2001), havia um serviço junto à prefeitura que era encarregado de censurar as fachadas que não seguiam o modelo acadêmico. Esse órgão não admitia fachadas nuas, livres de ornamentos – características do projeto de Gregori.

Portanto, para que tivesse seu projeto aprovado, Warchavchik acrescentou a ele frisos, frontões, balcões, esquadrias comuns, cornijas, dentre outros. No entanto, esses elementos não foram executados, alegando o arquiteto

aos órgãos municipais que a residência concebida estava inacabada, devido à ausência de recursos (BRUAND, 2010).

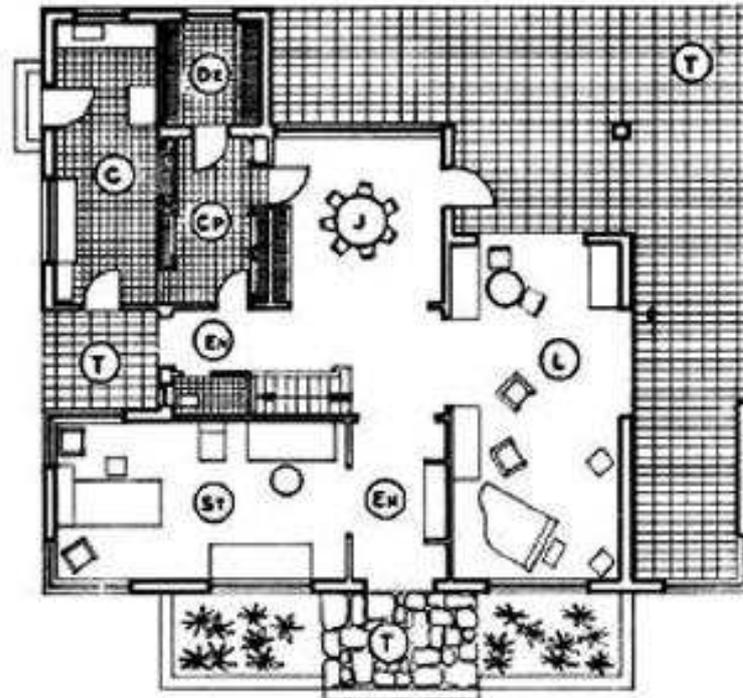
Além disso, um grande obstáculo foi a falta, no local, de produtos industrializados. Após defender em seu manifesto a padronização e o uso de elementos produzidos em larga escala, o arquiteto defrontou-se com um impasse: priorizar a concepção estética (desenhando e mandando fabricar esquadrias metálicas, grades, etc.) ou a economia. Ele não hesitou em priorizar a economia (BRUAND, 2010).

A sua primeira obra, a própria residência na rua Santa Cruz, não pode ser considerada um trabalho fiel ao ideário moderno europeu, tampouco ao seu discurso revolucionário: era uma casa que aparentava ter uma geometria própria para racionalização da construção, mas era toda de tijolo revestido e não empregava o concreto armado, tampouco componentes pré-fabricados. (SEGAWA, 2002, p. 46).

Dentre as características dessa obra estavam, segundo Bruand (2010):

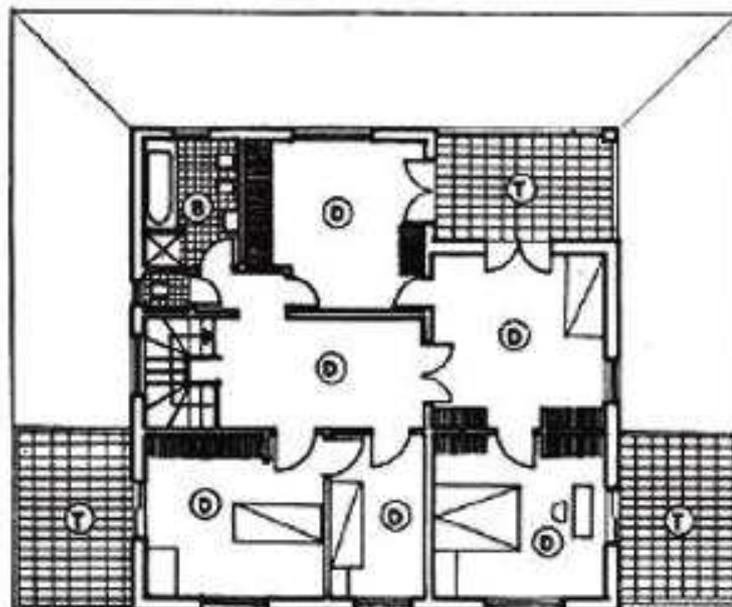
- a) A residência foi construída, quase totalmente, com tijolos revestidos de cimento branco. No projeto original foi previsto o emprego de concreto armado, no entanto, seu custo na época era bastante elevado;
- b) Apresentava cobertura em telhas coloniais escondidas por platibanda. A cobertura não era um terraço-jardim devido à ausência, na época, de materiais de impermeabilização;
- c) Fachada principal caracterizada pela justaposição de volumes simples adjacentes e emprego de linhas e ângulos retos;
- d) Fachada com superfícies lisas, sem ornamentos;
- e) Ligação entre exterior e interior através de portas de vidro protegidas por grades de ferro. De acordo com Lira (2011), além dos pátios, balcões e terraços em todas suas faces (figuras 6 e 7);
- f) Emprego das janelas de canto sob vergas em L, “[...] que suportam uma carga superior aliviada pelas varandas descobertas, reafirmando sem pudor as novas possibilidades estéticas do concreto armado.” (LIRA, 2011, p. 153);
- g) Presença de um jardim sertanejo projetado por Mina Klabin ao redor do volume da casa, composto por mandacarus, palmas, guapuruvus, dracenas, agaves, guaimbês, pândanos e samambaias (LIRA, 2011).

Figura 6 - Planta baixa do pavimento térreo



Fonte: Fracalossi (2013)

Figura 7 - Planta Baixa do pavimento superior



Fonte: Fracalossi (2013)

Vale ressaltar que, apesar de bastante influenciado por Le Corbusier, Warchavchik utilizou em sua obra somente um dos “cinco pontos da Nova Arquitetura”³, que foi a janela horizontal (figura 8). As razões foram materiais e econômicas.

Figura 8 - Janelas horizontais da casa Moderna da rua Santa Cruz.



Fonte: : Fracalossi (2013)

“Impuro ou incoerente para uns, absolutamente revolucionário para outros, o que se reafirmava em toda parte era o caráter excepcional do projeto.” (LIRA, 2011, p. 152). Ainda de acordo com o autor, essa casa produziu efeitos significativos na forma como se pensava e se fazia arquitetura no Brasil. Esse cunho inovador pode ser observado em diversas matérias de jornais da época, como em publicação do periódico *Diário Nacional*, datada de 1928 (figura 9).

³ Os cinco pontos da Nova Arquitetura de Le Corbusier são: fachada livre, janelas em fita, pilotis, terraço jardim e planta livre.

Figura 9 - Reportagem no periódico “Diário Nacional” sobre a construção da primeira casa moderna em São Paulo



Fonte: Moderniza-se... (1928)

O arquiteto declarou sobre sua obra, em entrevista concedida ao periódico *Correio Paulistano* e publicada no dia 8 de julho de 1928 (figura 10), o seguinte:

Esta minha construcção, situada á rua Santa Cruz, n. 11, é a primeira tentativa deste genero no Brasil. Creio que nella consegui crear um typo de casa racional, confortavel, de pura utilidade, repleta de ar, de luz, de alegria, emfim, uma boa machina para se morar nella. Sem os enfeites usados habitualmente, é ella de uma grande simplicidade de linhas, alegre pelas cores claras e vivas, abundancia de luz e exuberancia de vegetação.

Não querendo simplesmente copiar o que na Europa se está fazendo, inspirado pelo encanto das paizagens brasileiras, tentei crear um caracter de architectura que se adaptasse a esta região, ao clima e tambem ás antigas tradições desta terra. Ao lado de linhas rectas, nítidas, verticaes e horizontaes, que constituem, em forma de cubos e planos, o principal elemento da architectura moderna, fiz uso de tão decorativas e caracteristicas telhas coloniaes e creio que consegui idear uma casa muito brasileira, pela sua perfeita adaptação ao ambiente.

O jardim, de caracter tropical, em redor da casa, contém riquezas de plantas typicas brasileiras.

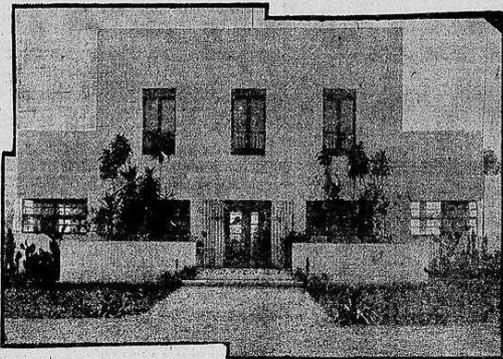
Foi minha colaboradora na criação desse jardim, bem como nos ultimos arranjos internos, minha senhora, d. Mina Klabin Warchavchik. (A PRIMEIRA..., 1928, p. 3).

Figura 10 - Reportagem no periódico "Correio Paulistano" sobre a primeira realização da arquitetura moderna

CORREIO PAULISTANO

A primeira realização da architectura moderna em São Paulo

Gregori Warchavchik, a quem cabe as honras da iniciativa, fala ao "Correio Paulistano"



A residencia Warchavchik, á rua Santa Cruz n. 11. Attente-se para a simplicidade de suas linhas.

A architectura moderna, vido-
ra em Albonaha com Walter
Gropius e em França com Le
Corbusier, os irmãos Perret
Paul Charier, Helder Rouvier e
tantos outros, triumphou hoje em
todas as salas da Europa. Jaa-
de a "Habitação", em Moscova e
Rusia "bolsheviki". Stravinski
nao a desiste. Todos a accepi-
tam.

Em Corbaier, no seu livro re-
cente "Vozes da architectura",
expõe, das linhas ge-
neraes aos detalhes menores, a mo-
derna concepção da arte archi-
tectonica, e das "tradicoes" re-
firmadas no sentido da econo-
mia e da utilidade, que são as
colunas moidas da architectura
viva contemporanea. "La mai-
son est une machine à habiter",
escreve o antigo director do
"L'Esprit Nouveau". E é esse,
richmento, o principio sobre o
qual se funda a architectura mo-
derna, e, enfim, da obsessão
dos "estylas".

O Brasil, porém, não conhecia
esta nova architectura. Inacabado
este genero e illustre architecto
viveo Gregori Warchavchik, que
nesta cidade ha já alguns annos.

A casa que para sua casa
de construo Warchavchik, em
Villa Mariana, é um modelo de
tudo o que ha de mais moderno,
de conforto e utilidade, confort-
me, se nos dá, insistentemente
dele as provas que deha publica-
mos. Não ha, ali, de dispendio-
so, de accesorio. Uma machi-
na "máquina à habitar".

O mais curioso é que Warcha-
vchik pouco a pouco "atraiu"
para elle, inconscientemente, ele-
mentos do nosso "estylas", e isso
mostra, ao contrario dos estu-
diosos pesquisadores, preoccupados ex-
clusivamente com o ornamental
do novo velho estylas, no orga-
nismo de ser sã, como War-
chavchik, e essencial. E foi assim
que o illustre architecto russo,
e com São Paulo já deve este
tamanho estylas, chegou, sem
esforço, a lançar as bases de
uma architectura — essa, sim —
paramente brasileira, ou, melhor,
tropical, de tal modo se adapta
as condições e circunstancias
do meio ambiente e corresponde
de harmonia de novo estylas,
temporanea, utilitades, con-
tornos, etc.

Gregori Warchavchik assim
o elle se refere, falando ao
"Correio Paulistano":

— Sabemos que hoje em dia a
architectura, sendo necessitada de
de se fazer da Europa, e que já
não se consideram mais construc-
ções copias das das tempos
passados. Assim tambem o gosto
moderno e refinado não pôde
mais admitir ornatos, estylas
e outros paticos estylas em
material barato. Como, na de-
de arte, a primeira equalidade

que deve ter a architectura é a
simplicidade. A architectura nova
na sua marcha triumphal através
da Europa, vem da França, da
Alemanha, da Hungria, da Fran-
co-Belgica, da Russia, da Hol-
landa, em toda a parte, criando
novas primicias.

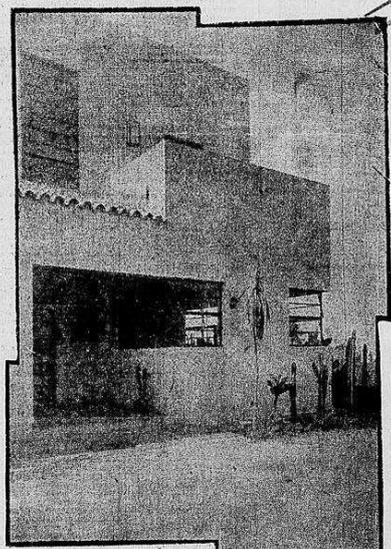
No Brasil é, principalmente, de
São Paulo, que, pelo seu progresso
vertiginoso e seu alto grau de
cultura, está produzindo, mais
do que qualquer outra cidade oc-
cidental, e ver a primeira a
adoptar esse genero de construc-
ção, que tão bem representa esta
epoca de desenvolvimento formi-
davel em todos os ramos da civi-
lização humana, com as suas
lutas e os desenvolvimentoes in-
chíveis no serviço do bem huma-
no e da civilização.

Esta minha concepção, applica-
da á rua Santa Cruz n. 11, é a
primeira tentativa desta natureza
no Brasil. Creio que esta concep-
ção creou um tipo de casa: rati-
onal, confortavel, de pura utili-
dade, regida de ar, de luz, de
aeracao, ventilação, e de mobili-
na para se usar a casa. Sem os
enfeites usados habitualmente, é
esta de uma grande simplicidade
de linhas, alegre pelas cores cla-
ras e vivas, abundancia de luz e
abundancia de vegetação.

Não querendo simplesmente copiar
o que na Europa se está fa-
zendo, inspirado pelo exemplo
das palacetos brasileiras, tentei
criar um caracter de architectura
que se adaptasse a esta região,
ao clima e tambem ás antigas
tradicoes desta terra. Ao lado de
linhas rectas, nitidas, verticaes
e horizontaes, que constituem, em
geral, os cubos e planas, o particu-
lar elemento da architectura
moderna, fiz uso das linhas desca-
radas e caracteristicas telhas con-
caves e creio que conseguí lidar
uma casa muito brasileira, pela
sua perfeita adaptação ao am-
biente.

O jardim, de caracter tropical,
em redor da casa, contém especia-
lmente de plantas tropicaes brasilei-
ras.

Foi minha collaboradora na
criação desse jardim, bem como
nos ultimos arranjos internos,
minha senhora, d. Mina Klabin
Warchavchik.



Outro aspecto da residencia Warchavchik. Veja-se o efeito obtido com as linhas brasileiras

Fonte: A primeira... (1928)

2.3 O edifício do MES

Em 1935 foi realizado um concurso de anteprojetos para o edifício que sediaría o Ministério da Educação e Saúde (MES), no Rio de Janeiro. Trinta e quatro propostas foram apresentadas e, de acordo com o regulamento do concurso, cinco seriam selecionadas para uma posterior decisão definitiva da vencedora. No entanto, só foram escolhidas três propostas pela comissão julgadora - formada por arquitetos acadêmicos – e a proposta vencedora foi a do arquiteto e professor na Escola de Belas Artes, Archimedes Memória (BRUAND, 2010).

Ele apresentou um projeto acadêmico, ornamentado em estilo marajoara⁴. Entretanto, o ministro Ricardo Capanema, que presidia o júri, mas não possuía direito a voto, estava insatisfeito. Ele buscava um edifício que fosse marcante, monumental, que representasse a sociedade contemporânea do século XX (BRUAND, 2010), que simbolizasse arquitetonicamente a renovação desejada para o futuro do Brasil (CAVALCANTI, 2001).

Capanema não anulou o concurso, e pagou o prêmio em dinheiro aos candidatos classificados. Porém, não executou o projeto vencedor e convidou Lúcio Costa (participante desclassificado) para expor um novo plano.

A escolha de Lúcio Costa era lógica e fundamentada: sem dúvida alguma, era ele a figura de maior destaque dentre os adeptos da arquitetura moderna, pelo papel que havia desempenhado na tentativa de reforma da Escola de Belas-Artes em 1930-1931 e, a seguir, pelas posições teóricas e práticas assumidas; apresentava-se claramente como o líder dos jovens arquitetos cariocas adeptos do funcionalismo. (BRUAND, 2010, p. 82).

Lúcio Costa, por julgar que outros arquitetos participantes do concurso também mereciam participar da elaboração do projeto – por possuírem características modernistas -, pediu ao ministro que Carlos Leão, Affonso Reidy e Jorge Moreira fossem convidados a formar, junto com ele, a equipe de arquitetos responsáveis pelo edifício. Vale lembrar que a equipe foi ampliada para seis arquitetos, com a entrada de Ernani Vasconcellos e Oscar Niemeyer. “Todos enfim comungavam das mesmas preocupações e dedicavam uma admiração ilimitada à obra de Le Corbusier.” (BRUAND, 2010, p. 82).

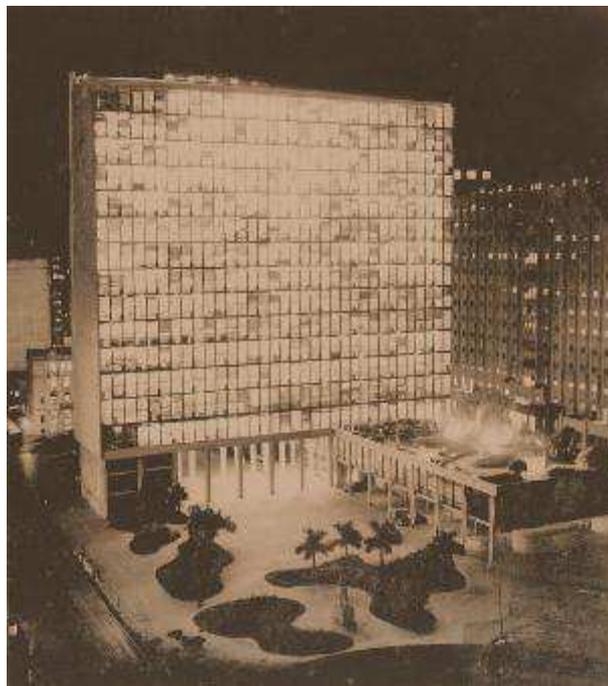
Após a elaboração de um primeiro projeto, que se demonstrou insatisfatório, Lúcio Costa convenceu o ministro da necessidade de trazer ao Brasil

⁴ De inspiração pré-colombiana. Produção artística típica do Pará; caracterizada pela arte em artefatos de cerâmica.

Le Corbusier, como arquiteto consultor do projeto. Ele veio ao Brasil em 12 de junho de 1936, pela segunda vez, e assessorou, durante seis semanas, a equipe de arquitetos responsável pelo projeto do prédio do ministério. Apesar de curta, a estadia de Le Corbusier exerceu grande influência e promoveu profundas transformações no trabalho dos arquitetos.

Segundo Bruand (2010, p. 81), “Desse trabalho, resultou o célebre edifício do Ministério da Educação e Saúde (figura 11), concluído em 1943, marco da transformação decisiva da arquitetura contemporânea no Brasil.”

Figura 11 - Edifício do MES - Rio de Janeiro, RJ



Fonte: Lucena (2015)

“A equipe brasileira conciliou economia e luxo, simplicidade e imponência, para obter um edifício próprio da sede de um ministério.” (CAVALCANTI, 2001, p. 371) Prédio que “[...] é o símbolo mais impactante da arquitetura moderna no Brasil e a primeira aplicação, em escala monumental, das ideias de Le Corbusier.” (MIDLIN, 1999, p. 218).

O edifício é um bloco de 14 andares, construído sobre pilotis de 10 metros de altura e implantado no centro do terreno, como pode ser observado na figura 12. Segundo Cavalcanti (2001), a escala monumental dos pilotis foi uma contribuição de Oscar Niemeyer, que dobrou a altura estabelecida por Le Corbusier. O uso desse

recurso deixou livre o térreo, que se transformou, de acordo com Bruand (2010), em uma grande esplanada (figura 13), ideal para a realização de cerimônias cívicas. Além de permitir que a edificação recebesse luz do sol e ventilação natural.

Figura 12 - Implantação do edifício do MES



Fonte: Santos (2014)

Figura 13 - Pilotis do edifício do MES



Fonte: Lucena (2015)

O bloco principal foi construído para abrigar todos os serviços essenciais. Outros dois volumes anexos foram criados, um em cada extremidade. Um deles foi o anexo de serviço, com três andares, onde está situada a entrada dos elevadores dos funcionários. (MIDLIN, 1999) O outro, retratado na figura 14, recebeu o auditório, a portaria e um amplo salão de exposições, e atravessa uma das extremidades do prédio, sem interceptá-la,

[...] fazendo com que o espaço entre as colunas, em baixo do grande bloco vertical, funcione como parte coberta do grande jardim público criado pelo

paisagista Roberto Burle Marx, utilizando, pela primeira vez, espécimes da flora nacional considerados, até então, pouco dignos para tal fim. (CAVALCANTI, 2001, p. 371).

Figura 14 - Bloco transversal do prédio do MES



Fonte: Pessoa (2012)

A orientação perpendicular desse volume em relação ao bloco principal contribuiu para estabelecer uma hierarquia de importância entre eles. Essa simples justaposição de volumes contíguos também estabeleceu uma perfeita integração entre os volumes (BRUAND, 2010).

Quanto aos aspectos internos, a planta do andar-tipo da edificação apresenta três sequências de colunas, que proporcionam grande flexibilidade ao layout, em ambos os lados do corredor central (MIDLIN, 1999). A possibilidade de posteriores alterações foi garantida pela estrutura em recuo e pela utilização de divisórias de meia altura no lugar das paredes – solução que permite, também, a ventilação constante (BRUAND, 2010).

O prédio abriga, em sua cobertura, dois restaurantes que dão acesso a um terraço ajardinado elevado sobre os reservatórios de água e a casa de máquina dos elevadores, que possuem paredes curvas revestidas por azulejaria azul (MIDLIN, 1999).

Ele possui duas paredes luxuosas, uma em cada extremidade do bloco principal, revestidas de granito, que contrastam com a fachada noroeste, que apresenta brise-soleils de fibrocimento horizontais e móveis, e com a fachada sudeste, totalmente coberta por caixilhos de vidro (MIDLIN, 1999); o que antecipava,

segundo Cavalcanti (2001), em escala mundial, a aplicação de uma tendência proveniente da Europa, chamada *curtain wall*⁵.

O edifício do MES possui ainda uma grande riqueza plástica, que realça e completa a arquitetura. Ele abriga muitas obras de arte, dentre elas um grande afresco de Portinari que retrata os ciclos econômicos da história brasileira; murais em azulejos brancos e azuis; uma escultura de nu feminino de Celso Antônio, e uma escultura de um jovem casal (figura 15), simbolizando a juventude brasileira, feita por Bruno Giorgi (CAVALCANTI, 2001).

Figura 15 - Escultura de Bruno Giorgi



Fonte: Fracalossi (2013)

2.4 O precursor da arquitetura moderna no Nordeste

Luiz Carlos Nunes de Souza nasceu em 1908, em Belo Horizonte. Estudou arquitetura entre os anos de 1926 e 1933 na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, onde exerceu intensa atividade acadêmica – ao participar do Diretório Acadêmico e liderar greve estudantil para protestar contra a demissão do professor Lúcio Costa –, e projetou uma série de apartamentos.

Em 1934 deslocou-se para a cidade de Recife, para assumir o cargo de arquiteto da Secretaria de Arquitetura e Construções (DAC). A ele caberia a

⁵ Parede cortina. Sistema no qual as paredes externas de uma edificação não são estruturais.

tarefa de coordenar e gerir um serviço de arquitetura que se encarregaria dos edifícios públicos do estado de Pernambuco, e dos privados que recebessem auxílio estatal (BRUAND, 2010).

Ele sabia unir teoria e prática. Coordenava o trabalho de mestres-de-obras, engenheiros e operários, que também participavam das decisões de projeto. Além disso, durante o período que ocupou o cargo de arquiteto da DAC, nos anos de 1934 e 1935, Luís Nunes organizou:

[...] uma série de ações integradas que visam melhorar a qualidade arquitetônica e construtiva dos edifícios estatais e diminuir os gastos públicos com a construção civil. Essas ações vão do investimento no aprimoramento educacional e técnico da mão-de-obra local à introdução de novos métodos, materiais e técnicas no canteiro de obras, da constituição de uma equipe técnica diversificada, formada por arquitetos, engenheiros, projetistas, artistas e operários ao desenvolvimento de projetos executivos completos que privilegiam a racionalidade técnico-construtiva. (ITAÚ CULTURAL, 2017a, não paginado).

O jovem arquiteto dotava de uma capacidade única de resolver os problemas de construção de modo racional e econômico. Diante da realidade, que não o permitia apoiar-se numa verdadeira produção industrial, Luís Nunes recorreu ao aperfeiçoamento das técnicas artesanais locais para obter os resultados que almejava. Foi assim que ele empregou, de maneira completamente nova, os cobogós. Esse elemento foi utilizado por ele no estado bruto, sem ser preenchido, como brise-soleil, com o objetivo de garantir uma boa ventilação e a proteção contra elementos naturais (BRUAND, 2010).

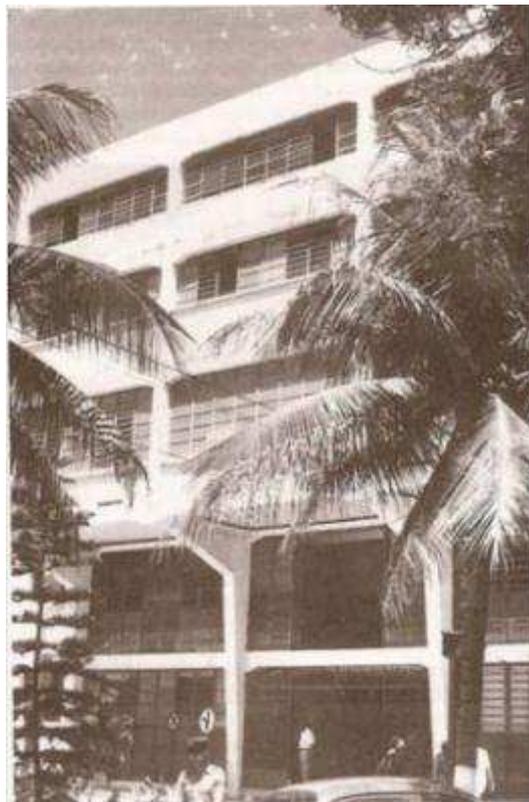
Quando se fala de arquitetura, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro detiveram no início do século XX quase total exclusividade das iniciativas. As outras cidades ainda seguiam os modelos ditados pelos países europeus. No entanto, segundo Bruand (2010), entre os anos de 1934 e 1937, antes da implantação definitiva da nova arquitetura em São Paulo e no Rio, se desenvolveu no Recife um movimento autônomo e mais avançado, cujo precursor foi o jovem arquiteto mineiro Luís Nunes.

Ele foi responsável por uma obra abundante, diversificada e original; demonstrou, desde seus primeiros projetos, que uma construção poderia ser econômica e funcional, e oferecer, ao mesmo tempo, soluções técnicas e formais audaciosas (BRUAND, 2010). Ao contrário dos arquitetos cariocas, Luís Nunes não tinha Le Corbusier como sua principal fonte de inspiração. Foi Gropius quem,

certamente, mas lhe influenciou, com sua arquitetura industrializada, econômica e padronizada.

Como exemplo, pode ser citado o projeto do Hospital da Brigada Militar (figuras 16 e 17), localizado em Recife, onde toda canalização corria sobre a fachada. Essa solução contrariava um dos princípios básicos de Le Corbusier; no entanto, já havia sido empregada por Gropius em 1922, no projeto para a sede do jornal Chicago Tribune (BRUAND, 2010). Outra inovação desse projeto foi, segundo Nascimento, E. (2007), a introdução da escada helicoidal, apoiada somente nas extremidades.

Figura 16 - Hospital da Brigada Militar, Recife-PE



Fonte: Bruand (2010)

Figura 17 - Imagem atual do Hospital da Brigada Militar



Fonte: Hospital da Brigada Militar (2016)

Luís Nunes absorveu os fundamentos enunciados pelo movimento racionalista europeu:

[...] emprego sistemático de materiais novos, especialmente de concreto armado, construções com estrutura aparente, coberturas planas, grandes superfícies envidraçadas de caixilhos metálicos. Aceitara a estética proposta e não hesitava em tomar como modelo as obras de grandes mestres como Gropius e Le Corbusier. (BRUAND, 2010, p. 79).

Ele encontrou na Diretoria de Arquitetura e Construções um ambiente favorável para pôr em prática suas ideias inovadoras. Assim, iniciou esse processo no mesmo ano de sua chegada, em 1934, com a concepção do projeto para a Usina Higienizadora de Leite (figura 18), sua primeira obra em Pernambuco (MARQUES; NASLAVSKY, 2007).

Figura 18 - Fachada da Usina Higienizadora de leite, e Recife-PE

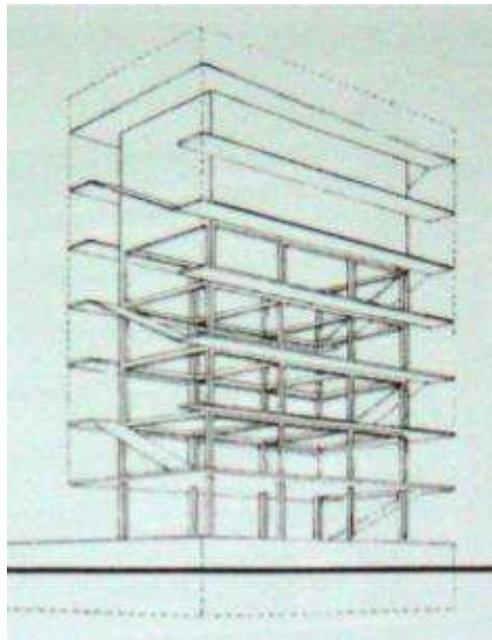


Fonte: Marques e Naslavsky (2007)

Ao conceber essa edificação, Nunes adotou uma postura de racionalização da construção e funcionalidade. Utilizou linhas horizontais, prismas retangulares justapostos, marquises em concreto armado e diferenciou o local de circulação vertical – características presentes no projeto de Walter Gropius para a fábrica Fagus. O arquiteto também buscou estabelecer ligação entre exterior e interior, assim como Gropius. No entanto, visto a realidade local quanto à oferta de materiais e às condições climáticas, substituiu os panos de vidro por terraços e aberturas diretas ao exterior (MARQUES; NASLAVSKY, 2007).

O projeto mais importante da curta carreira deste jovem arquiteto data de 1937 e chama-se Castelo D'água (figuras 19 e 20). Ele está localizado no ponto mais alto do centro histórico da cidade de Olinda e não busca conversar com a paisagem ou com as demais construções do século XVI. Esse bloco de seis pavimentos sustentados por pilotis parece ter como objetivo chocar, anunciar mudanças (CAVALCANTI, 2001).

Figura 19 - Esquema esqueleto do reservatório de água de Olinda



Fonte: Segawa (2002)

Figura 20 - Castelo D'água, em Olinda-PE



Fonte: Serraglio (2018)

Seu primeiro andar é vazado – foram utilizados cobogós –, e abriga um pequeno escritório, controle e sanitário. Os outros cinco correspondem ao reservatório de água. Essa edificação, construída em concreto armado, possui suas duas faces laterais lisas e a face frontal com uma textura quadriculada de concreto (CAVALCANTI, 2001).

O movimento do Recife foi breve, ocorreu entre os anos de 1934 e 1937, no entanto, foi de grande relevância, pois representou a tentativa de implantação da nova arquitetura no Brasil – que se caracterizava por seu caráter universal, por aliar os princípios básicos à expressão regional (BRUAND, 2010).

Embora pouco reconhecida, a arquitetura moderna pernambucana, sob o comando de Luiz Nunes, pode ser vista como pioneira não somente no Nordeste, mas também no Brasil. Como falado anteriormente, a Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo em 1922, foi pouquíssimo expressiva no campo da arquitetura. As ideias de arquitetura moderna, que tinham Le Corbusier como referência, chegaram ao Recife antes mesmo da vinda do arquiteto ao Brasil para prestar consultoria durante a elaboração do projeto do Edifício do Ministério da Educação e Saúde – em 1936.

Segundo Santana e Santos (2009), as ideias do arquiteto franco-suíço já eram familiares a diversos profissionais que atuavam no Recife. Dentre eles Luiz Nunes, que morava no Rio de Janeiro estudando arquitetura quando Le Corbusier

passou por lá pela primeira vez, em 1929. Além disso, segundo Marques e Naslavsky (2007), desde o início da década de 20 grande parte da elite cultural recifense já conhecia e admirava o modernismo.

Luiz Nunes foi responsável, desde 1934, antes mesmo da concepção do projeto para o edifício do MES, por obras sob a influência corbusiana. As obras construídas por ele no comando da equipe do DAC se caracterizavam pela funcionalidade e economia mais do que pela expressão plástica; não eram obras monumentais ou palácios. Talvez por isso não tenham causado tanto impacto quanto as obras construídas no sudeste brasileiro por arquitetos como Warchavichik e Lucio Costa (GOMES, 2016).

Ele incentivou a padronização e a utilização do standard na construção; se preocupou com a racionalização dos processos construtivos e em introduzir novas técnicas, novos materiais ou novas empregabilidades a materiais já conhecidos (MARQUES; NASLAVSKY, 2007).

3 INTRODUÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA EM SÃO LUÍS

3.1 Princípios higienistas e embelezamento da cidade

Na virada dos anos 20 para os anos 30 as grandes cidades brasileiras enfrentavam um período de ruptura com a república, que perdurou por 40 anos, e experimentação moderna (COSTA, 2016).

O cenário maranhense no intervalo de tempo entre a Revolução de 30 e a chegada de Paulo Ramos ao estado era de: fracasso da industrialização; existência de um mercado interno fraco e embrionário; evasão da mão-de-obra barata rumo à indústria da borracha na Amazônia; e posição hegemônica do comércio atacadista, que controlava a distribuição de bens produzidos pela lavoura e pela indústria decadente, e a importação de produtos pelo porto (COSTA, 2016).

Diante desse contexto, as propostas de remodelação e melhoramento da cidade, até a segunda metade da década de 30, foram guiadas pelas concepções higienistas. O objetivo delas era adequar os prédios às novas condições de uso e higiene, e adaptar as ruas e espaços públicos às novas tecnologias – bonde elétrico, automóveis, redes de iluminação e esgoto, novos materiais, etc. (PFLUEGER; LOPES, 2008).

Com essas inovações, a população da cidade buscava se modernizar sem perder suas raízes. “Modernizar-se com elementos da civilidade europeia, com os estilos eclético e *art nouveau*, símbolos da chamada belle époque.” (COSTA, 2016, p. 92). De acordo com o autor, a modernização de São Luís foi baseada em “sonhos do futuro e glórias do passado” e visava nesse período, também, o embelezamento da cidade através da construção e reforma de edifícios.

A reforma do Cine Éden (figura 21), cuja construção data do fim dos anos 1820, exemplifica esse processo no qual os capitalistas locais buscaram dar caráter moderno a edifícios tradicionais sem, no entanto, alterar suas características, e adequando-lhes às necessidades da época (COSTA, 2016). Essa reforma, realizada em 1939, conferiu ao Cineteatro elementos do estilo Art Nouveau (PFLUEGER; LOPES, 2008).

Figura 21 - Detalhes da fachada do Cine Édén, localizado na Rua Grande, em São Luís – MA



Fonte: Azevedo (2016)

Outro exemplo é a construção do prédio da sede regional dos Correios (figura 22). Esse projeto, de autoria do arquiteto Rafael Galvão, foi considerado inovador e ficou marcado pela conservação de elementos tradicionais - como as linhas verticais - aliada à inserção de aspectos da nova arquitetura, como os ângulos retos e telhados ocultados pelo emprego de platibandas (COSTA, 2016).

Figura 22 - Fachada da Empresa Brasileira de Correios e Telegraphos, localizada na Praça João Lisboa, em São Luís – MA



Fonte: Correios (2018)

3.2 O Estado Novo e a modernização

Costa (2016, p. 103), “No pós-30, não se falava apenas em embelezar, mas também em expandir e tornar as cidades grandiosas, seguindo em marcha acelerada rumo ao desenvolvimento material e espiritual”.

O cenário político brasileiro nos anos 30, com o Estado Novo, era de renovação, ruptura com o passado, implantação de novas ideias. Assim como o novo regime, a arquitetura moderna revelava um momento de ruptura com a sociedade anterior (CAVALCANTI, 1999). Através de vários planos e projetos, as mais importantes cidades brasileiras funcionaram como palco para a aplicação dos novos conceitos de modernidade urbana – que integravam a política de Getúlio Vargas, que buscava aliar os discursos políticos às técnicas profissionais (COSTA, 2015).

O pensamento arquitetônico e urbanístico apresentava grande importância durante o Estado Novo. Esse sistema político propunha a liberdade criativa e motivou reestruturações do espaço urbano, em especial nas capitais brasileiras, através de uma arquitetura monumental, que seria cenário para ideologias e governos autoritários (COSTA, 2015).

Na década de 30, ainda segundo Costa (2015), iniciou-se na cidade de São Luís um contexto de reforma urbanística, fruto da aproximação da administração estadual com o sentido modernizador do Estado Novo – possibilitada, principalmente, pela chegada de Paulo Ramos⁶ e José Otacílio Saboya Ribeiro em 1936.

Com a eleição de Paulo Ramos para governador do Maranhão por voto indireto, e a posterior indicação do engenheiro e urbanista Saboya Ribeiro para a prefeitura de São Luís, o modelo administrativo do estado assumiu novos rumos, que visavam reestruturar todos os setores da cidade (COSTA, 2015). De acordo com Costa (2016, p. 100), “A partir de 1936, as diretrizes modernizadoras teriam um norte discursivo, oriundo dos novos ventos políticos que varrem o Maranhão.”

Nesse período, as iniciativas governamentais relativas à organização da cidade se tornaram cada vez mais frequentes, com o objetivo de enquadrar São Luís aos preceitos da modernidade. Segundo Costa (2016), a administração de Saboya Ribeiro representou a aproximação local com a modernização varguista. Ele

⁶ Político brasileiro. Foi governador do Maranhão entre os anos de 1936 e 1945, e interventor do Estado Novo entre 1937 e 1945.

elaborou, em 1936, um plano de remodelação e extensão para a cidade, que buscava integrá-la às discussões modernas sobre urbanidade (COSTA, 2015).

O ante-projeto apresentado por Saboya Ribeiro estava fundamentado na reorganização do sistema da gestão urbana, na aprovação social das propostas, na aplicação de novos traçados viários e melhoramentos dos já existentes, na intervenção dos edifícios públicos, na adaptação das novas exigências dos métodos de higienização e na estética da cidade. (PEREIRA JÚNIOR, 2015, p. 250).

O plano de Saboya Ribeiro visava à modernização da cidade e a integração regional através de uma arquitetura e urbanismo modernos, sem, entretanto, deixar de lado a influência dos estilos nacionais e da tradição construtiva brasileira. Deveria ser mantido um diálogo com a cidade do passado. Suas ideias representavam o esforço de impor os padrões modernos, científicos e tecnicistas.

Apesar da rápida passagem pela prefeitura, e da forte oposição da elite mercantil – que detinha na época, segundo Pereira Júnior (2015), o poder decisório na capital -, que impediu que Saboya realizasse a maior parte das propostas de seu plano, ele conseguiu lançar as bases de uma modernização urbana, que foi retomada pelo prefeito que lhe sucedeu. Além de ter deixado como legado seu Anteprojeto de Remodelação e Extensão da cidade, o novo Código de Postura e o zoneamento.

Como seu sucessor, assumiu a prefeitura, em novembro de 1937, Pedro Neiva de Santana. O novo prefeito deu continuidade à transformação urbanística de São Luís, recebendo apoio do governador Paulo Ramos, considerado homem de confiança do presidente e ditador Getúlio Vargas (PEREIRA JÚNIOR, 2015).

As ações do novo prefeito estiveram voltadas para a modernização e profissionalização da administração municipal; ele defendeu a modificação dos impostos e taxas que incidiam sobre as operações comerciais – o que foi de encontro com a Associação Comercial que, após poucos meses de gestão, provocou a exoneração de Neiva de Santana (BURNETT, 2011).

Dentre as feitorias realizadas por ele estão aquelas relacionadas ao sistema viário, como a abertura da Avenida Getúlio Vargas, para ligar o centro ao interior da cidade, e da Avenida Magalhães de Almeida, para ligar o Mercado Central à Praça João Lisboa (PEREIRA JÚNIOR, 2015). Além disso, Neiva de Santana instituiu o novo zoneamento de São Luís, que dividiu a cidade em centro administrativo, zona residencial, zona comercial, zona industrial e zona agrícola (BURNETT, 2011).

A partir da abertura dessas duas avenidas surgiram novas tendências da arquitetura. O prolongamento do Caminho Grande foi, segundo Pflueger e Furtado (2017), um marco para o urbanismo moderno. Muitas edificações residenciais e institucionais

modernistas foram construídas por toda sua extensão. “[...] todo o padrão da arquitetura tradicional foi substituído pela linguagem arquitetônica vigente que refletia a chegada do moderno através do Eclético e do Art Déco.” (PFLUEGER; LOPES, 2008, p. 90).

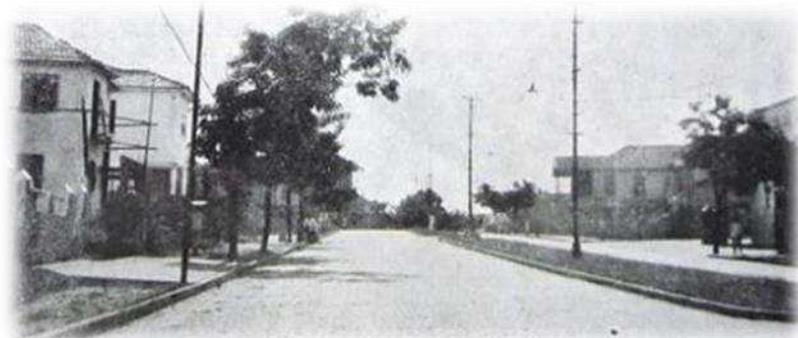
A Avenida Magalhães de Almeida, antiga 10 de novembro, foi aberta no início da década de 1940, com o objetivo de melhorar os serviços de infraestrutura da cidade dentro de um contexto de reformas de ordem estética e higienizadora. Sua abertura incentivou a demolição de casarões da arquitetura tradicional portuguesa, a construção de residências modernas, e a arborização da área (ANDRÉS, 2008).

Ela foi construída após a destruição de dezenas de exemplares da arquitetura tradicional luso-brasileira, e é considerada a maior obra feita com intuito de dar ares cosmopolitas ao centro da cidade (PEREIRA JÚNIOR, 2015). Lopes (2008, p. 31) cita que “De uma só vez dezenas de exemplares da arquitetura luso-brasileira foram demolidos, em uma obra que cortava todo o centro da cidade, praticamente ligando o Rio Anil ao Bacanga.”

A Avenida Getúlio Vargas, que foi construída com o intuito de ligar o centro da cidade ao bairro do João Paulo, foi de grande importância para o processo de expansão urbana ocorrido nas décadas de 40 e 50, em decorrência da chegada dos veículos automotores e dos novos padrões de residências – importados dos subúrbios americanos (BURNETT, 2011).

Ainda segundo Burnett (2011, p. 61), o aumento da frota de automóveis e sua necessidade de circulação pela malha colonial e pelas novas áreas residenciais que surgiram como fruto desse processo de expansão, no centro e no novo eixo de crescimento – contíguo ao antigo caminho grande, modernizado por Paulo Ramos e inaugurado como Avenida Getúlio Vargas (figura 23) –, foram responsáveis por uma “relativa modernização da cidade.”

Figura 23 - Avenida Getúlio Vargas



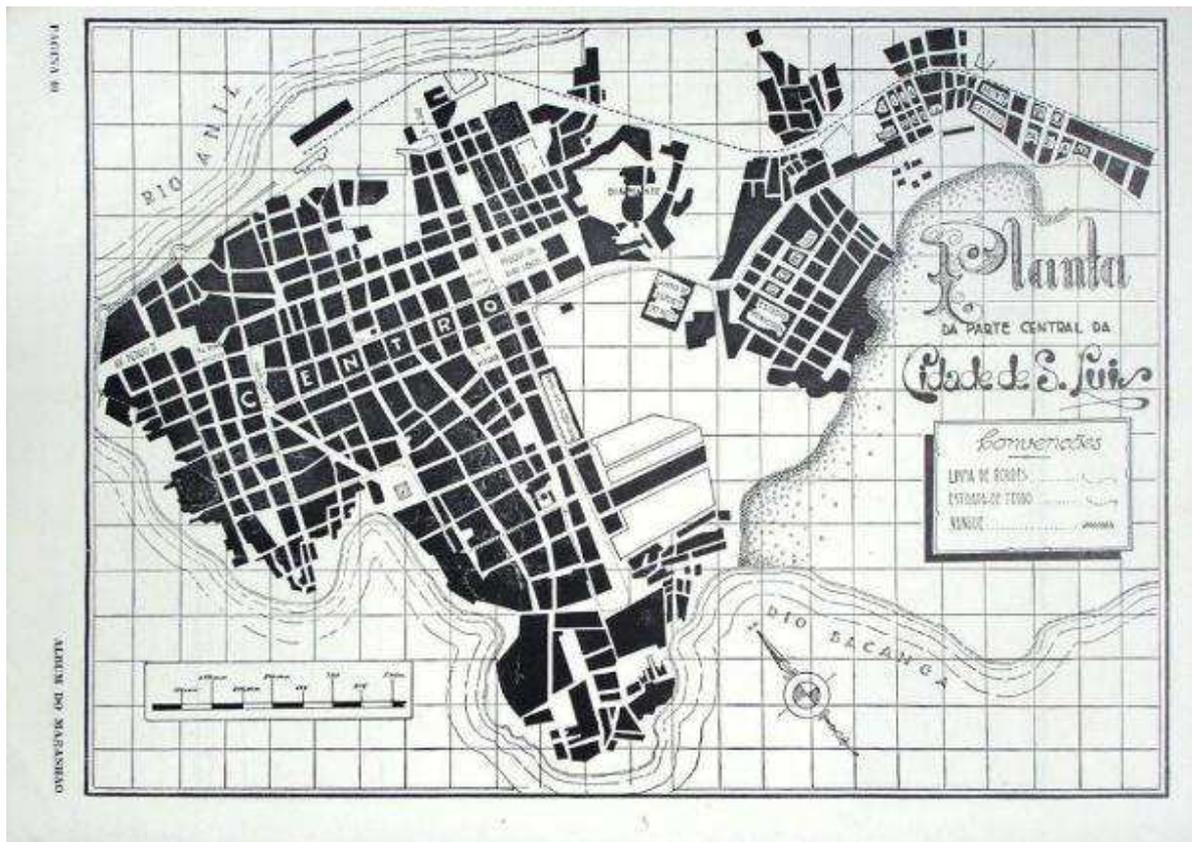
Fonte: Jorge (1950)

Nesse período, a formação de novas centralidades se deu pela ocupação de áreas adjacentes ao antigo caminho grande, extrapolando o João Paulo - que se configurou como um subcentro na década de 40 -, e se estendendo até a Vila do Anil (MASULLO; LOPES, 2016).

O estabelecimento desse novo eixo de expansão, como pode ser visto no mapa da figura 24, representou a primeira ultrapassagem dos limites do centro histórico de São Luís, e fixou o sentido de crescimento que a cidade manteria durante os anos subsequentes.

Com tal corredor de circulação, rápido e moderno, de acesso ao centro, para lá se deslocam as residências de uma parcela da camada mais rica da população, que ali construirá tipologias arquitetônicas ecléticas e mesmo modernistas. (BURNETT, 2011, p. 63).

Figura 24 - Planta da parte central de São Luís



Fonte: Jorge (1950)

Em São Luís, a chegada dos ideais modernistas esteve, no início, mais associada à renovação/reestruturação do espaço urbano, e foi marcada pelas

reformas urbanísticas propostas durante o Estado Novo e elaboradas por José Otacílio Saboya Ribeiro e Pedro Neiva de Santana na década de 1930.

Na tentativa de enquadrar a cidade aos preceitos de modernidade, o sistema viário sofreu grandes intervenções. Foram abertas as avenidas Getúlio Vargas e Magalhães de Almeida, que direcionaram o sentido de expansão da cidade e foram responsáveis pelo surgimento de novas centralidades e de novas tendências da arquitetura - ao longo dessas avenidas foi construída uma série de exemplares da arquitetura moderna, tanto residencial quanto institucional.

4 OS MODOS DE MORAR DOS TRABALHADORES: dos cortiços aos conjuntos residenciais modernos

No fim do século XIX, devido às grandes mudanças de ordem econômica, política, cultural, social – como a abolição da escravidão e o início da industrialização -, e ao grande crescimento demográfico registrado nas grandes cidades brasileiras, o país enfrentou uma grave crise habitacional. Como não eram construídas casas para a população de baixa renda, a massa de trabalhadores se concentrava nos cortiços, que eram caracterizados pelas dimensões reduzidas, pelo desprezo às regras de higiene, ausência de ventilação e iluminação suficientes, inexistência de recolhimento de lixo, falta de água, disseminação de doenças, etc. (TRIGO, 2013/2014).

Nos cortiços, como pode ser observado na figura 25, as unidades habitacionais estavam dispostas enfileiradas, todas voltadas para um quintal comum com um corredor único que dava acesso às instalações sanitárias, que eram coletivas (TRIGO, 2013/2014).

Figura 25 - Modelo de cortiço, 1893



Fonte: Trigo (2013/14)

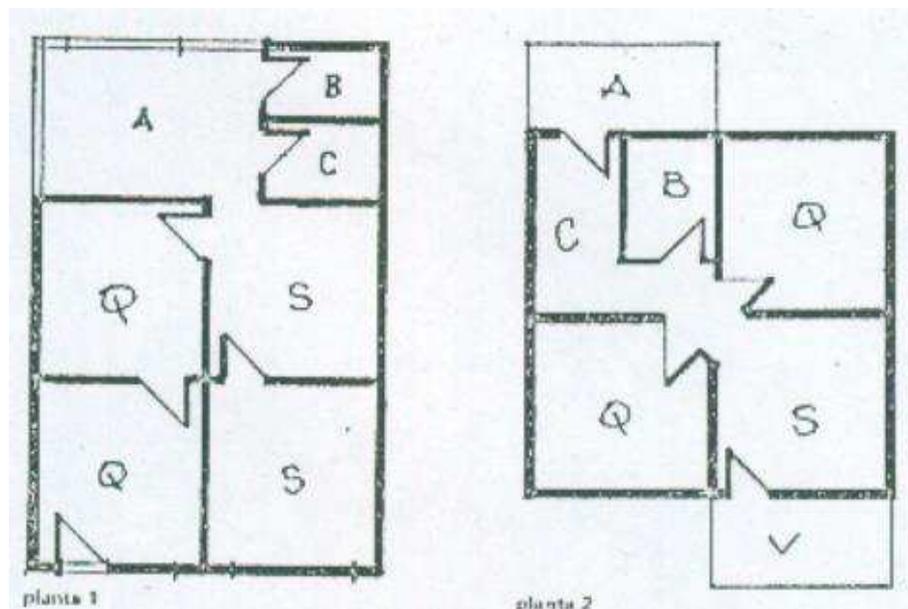
Diante das condições precárias das estalagens, na virada do século XIX para o XX, iniciam-se no país reformas urbanas que visavam à realização de obras de saneamento básico – para a eliminação de epidemias -, ao mesmo tempo em que buscavam promover o embelezamento das cidades (RUBIN, 2013). Dessa forma, foram iniciadas nesse período as primeiras iniciativas de construção de residências para trabalhadores. O estado brasileiro buscou coibir as subabitações. A questão habitacional era, até então, segundo Vasconcelos (2014), ignorada no país.

Nesse contexto, foram construídas as vilas operárias, que seguiam os conceitos higienistas, e deveriam estar localizadas fora das aglomerações urbanas, distante dos centros das cidades (RUBIN, 2013).

Na década de 1920, o discurso do poder público era que a construção de habitações higiênicas resolveria o problema habitacional. Essas novas habitações substituíram os casebres e cortiços, considerados como o início dos problemas habitacionais. Além disso, o investimento na ampliação das redes de água e esgoto foi bastante expressivo. (RUBIN, 2013, p. 63).

Após a semana de arte moderna, realizada em 1922, as ideias do Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (CIAM) no campo da Arquitetura e Urbanismo começaram a se propagar no Brasil. A ideia de cidade jardim foi bastante difundida nesse período, assim como a busca por cidades modernas, salubres e com grandes áreas verdes. O conjunto dos operários da Gamboa (figuras 26 e 27), construído em 1934 no Rio de Janeiro, projetado por Warchavchik e Lúcio Costa, é um exemplo da época de moradia para trabalhadores.

Figura 26 - Plantas do conjunto dos operários da Gamboa



Fonte: Pessoa e Araújo (1983)

O partido utilizado em planta mantém afinidades com o que já se construía para as vilas operárias desde fins do século anterior. A planta quadrada com quatro cômodos de idênticas dimensões era um padrão nesse tipo de construção, que tinha a parte de serviços (banheiro e cozinha), ao fundo, como um puxado (planta 1).

O prédio da Gamboa utiliza esse tipo de planta por sua racionalidade, trazendo, porém, para o interior de um dos cômodos a cozinha e o banheiro e utilizando os cantos dos cômodos para criar uma circulação entre eles (planta 2). (PESSÔA; ARAÚJO, 1983, p. 55).

Figura 27 - Vila operária da Gamboa



Fonte: Costa e Warchavchik (2017)

Nessa época, as moradias eram construídas em série para serem alugadas. A produção habitacional estava ligada à iniciativa privada, o Estado não possuía grande participação no setor habitacional (RUBIN, 2013), situação que perdurou até a era Vargas, quando os conjuntos habitacionais começaram a ser construídos pelos IAPs.

Eles foram precursores de um sistema de produção estruturado através de instituições responsáveis por arrecadar benefícios previdenciários de várias classes profissionais vinculadas ao Ministério do Trabalho. A construção de habitações não era o objetivo principal desses órgãos, no entanto, eles viam nesse mercado um investimento lucrativo. Vargas identificou, nesse contexto, a utilidade dos IAPs e da política urbana para promoção da habitação social como recurso de controle social (VASCONCELOS, 2014).

A partir do Estado Novo, surgem condições para a atuação efetiva dos IAPs no campo habitacional, com o Decreto nº 1789, que autorizava os Institutos a criar carteiras prediais, podendo destinar até metade de suas reservas para o financiamento de construções habitacionais, com redução das taxas

de juros e ampliação dos prazos de pagamento. (NASCIMENTO, F., 2007, p. 7).

Esses institutos tinham como principal objetivo solucionar os graves problemas enfrentados pelas principais cidades brasileiras no período entre guerras, frutos, principalmente, do alto crescimento demográfico e migração do campo (DEGANI, 2003).

No Brasil, neste período, que vai dos anos 30 até a metade dos 60, e que podemos denominar de Ciclo dos IAPS, por ter sido patrocinado em sua grande maioria pelos recém-criados Institutos de Aposentadoria e Pensão, foi capaz de produzir no campo de habitação social obras de grande valor e de criatividade poucas vezes alcançados nos períodos posteriores. (DEGANI, 2003, p. 12).

Eles buscavam produzir moradias saudáveis, acessíveis e rentáveis, com projetos inovadores, cujas características principais deveriam ser a racionalidade, padronização e economia. Essas habitações deveriam atender com dignidade às necessidades dos futuros moradores e, ao mesmo tempo, ser baratas o suficiente para que pudessem ser alugadas por trabalhadores de baixa renda. No período de busca do novo governo por uma identidade nacional marcada pela modernização e desenvolvimento, os conjuntos residenciais dos IAPs concretizariam o papel social da arquitetura (FERRARI, 2014).

A política habitacional dos IAPs tinha como essência a redução de custos, para que o acesso às moradias se tornasse possível aos associados, que possuíam baixos salários. A construção dos conjuntos seguia os moldes europeus de simplicidade, padronização dos processos construtivos e emprego de novos materiais e tecnologias – como as telhas de fibrocimento, chapas de compensado para divisórias internas e elementos pré-fabricados (DEGANI, 2003). Além disso, esses conjuntos deveriam ser autônomos com acesso a equipamentos de uso coletivo. Cada um deles deveria oferecer tudo que seus habitantes precisassem (exceto trabalho): escola, igreja, lazer e comércio (TRIGO, 2013/14).

Inúmeros conjuntos habitacionais foram construídos por todo o Brasil seguindo esse conceito. Eram construções de aspecto simples e despojado, sem grandes aspirações estéticas. Foram edificadas centenas de conjuntos “[...] com o seu correr de casas em fita e prédios de apartamentos de poucos pavimentos e linhas puras, sem qualquer adorno.” (DEGANI, 2003, p. 66).

Entre 1930 e 1964 foram construídos cerca de 600 conjuntos residenciais no Brasil; com tipologias diversas, e seguindo diferentes correntes teóricas, para atender às particularidades de cada local (NASCIMENTO, F., 2007).

O primeiro conjunto residencial a ser construído no Brasil no contexto da nova política de Institutos criada pelo presidente Getúlio Vargas, foi o Conjunto Residencial do Realengo, no Rio de Janeiro, em 1939 (figuras 28 e 29). Ele foi projetado pelo arquiteto Carlos Frederico Ferreira, e foi inaugurado em 1943, com 2.335 unidades (DEGANI, 2003).

Esse projeto sofreu grande influência europeia; nele predominavam as linhas horizontais, a conciliação de várias escalas, a mistura de elementos modernos europeus e elementos da cultura local (como os cobogós), emprego de materiais inovadores (como os blocos de betão e os painéis pré-fabricados de madeira), além da racionalidade construtiva e da ideologia das áreas mínimas na concepção das unidades habitacionais (TRIGO, 2013/14).

Figura 28 - Conjunto Habitacional do Realengo



Fonte: Bonduki (2004)

Figura 29 - Conjunto operário residencial em Realengo, no Rio de Janeiro, em 1940



Fonte: Aravecchia-Botas (2010)

As soluções incluídas neste plano passam por casas isoladas e geminadas de um e dois pavimentos que representam um urbanismo expansivo e ocupam grande parte da mancha urbana, edifícios três pisos que albergam dois apartamentos em cada nível e por fim o bloco horizontal, com quatro pavimentos e distribuição em galeria para inúmeros fogos. (TRIGO, 2013/14, p. 44).

Outro conjunto habitacional construído pelo governo federal, no entanto através do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI), foi a Vila do IAPI (figura 30), entre os anos de 1942 e 1954 em Porto Alegre, no bairro Passo d'Areia – área próxima ao local de implantação das novas indústrias da cidade (LAPOLLI, 2006).

Figura 30 - Vista aérea da Vila do IAPI em 1948



Fonte: Lapolli (2005)

Sua construção teve Marcos Kruter como engenheiro responsável e contou com a participação, durante a fase inicial, do engenheiro e urbanista José Otacílio de Saboya Ribeiro. De acordo com Lapolli (2006), o projeto da Vila do IAPI se assemelhava bastante às vilas operárias que estavam sendo construídas na Europa e ao modelo de cidade-jardim, no qual as facilidades da cidade se mesclavam com as qualidades da vida no campo.

As tipologias do IAPI caracterizam-se por apresentar as edificações localizadas no centro dos lotes e trabalhadas com jardins, em suas relações com os recuos laterais e frontais, resultando uma geometria limpa, de forma quadrada ou retangular, cobertas por telhados de duas ou quatro águas, havendo uma separação entre as habitações unifamiliares e multifamiliares. (FAYET et al., 1995, p. 33).

As edificações apresentavam escala humana, se caracterizavam pela horizontalidade dos elementos, ritmo dos vãos que compunham a fachada, e faziam referência a uma arquitetura neocolonial (figura 31) (LAPOLLI, 2006). Suas residências eram bem semelhantes às construídas em São Luís pelo IAPC, no Conjunto Residencial do Filipino – tema central do presente trabalho.

Figura 31 - Casa de tipologia tradicional (porta e janela) da Vila do IAPI



Fonte: Lapolli (2006)

4.1 Conjuntos residenciais modernos em São Luís

Nesse período, na capital maranhense, a questão habitacional encontrava-se agravada em virtude da situação econômica e social que ela enfrentava – economia falida e cidade inchada, devido à grande migração de trabalhadores vindos, em sua maioria, do interior do estado. Com as dificuldades de acesso a moradias formais, esses trabalhadores dependiam da subabitação ou de alugueis, e começaram a ocupar as margens do Centro Histórico da cidade (VASCONCELOS, 2014).

Em São Luís, no final da década de 40, inicia-se uma produção mais ampla de moradias, com a construção de conjuntos residenciais, consequência da expansão do eixo de crescimento de São Luís e da política habitacional dos Institutos de previdência. Essas políticas habitacionais, bem como as de saúde, dependeram, nesse período, dos recursos federais, visto que a capital encontrava-se desvalida. Elas foram financiadas por autarquias federais, portanto foram

limitadas às categorias profissionais favorecidas pela legislação trabalhista (BURNETT, 2011).

Vale destacar que, de acordo com Vasconcelos (2014), os IAPs viam os investimentos em habitação somente como uma forma de aumentar seus recursos, por isso sua produção foi pouco expressiva quanto à quantidade de unidades habitacionais. Os primeiros conjuntos residenciais construídos em São Luís, nas décadas de 50 e 60, como o Filipinho e Ipase, contavam com cerca de 300 residências, número bastante inferior aos financiados posteriormente pelo Banco Nacional de Habitação, como as Companhias de Habitação Popular (COHABs).

Demonstra-se assim, a chegada do fenômeno americano da suburbanização na cidade, junto com os primeiros automóveis. A partir de então,

[...] a casa passa a ser incluída como produto industrial e sua localização periférica atende às exigências de quantidade, o que leva à ocupação de terrenos grandes e baratos e, conseqüentemente, à extensão da rede de infraestrutura urbana [...]. (BURNETT, 2011, p. 64).

Com o surgimento de vários bairros ao longo da nova Avenida Getúlio Vargas, o contexto ludovicense no final da década de 50 esteve marcado, segundo Burnett (2011), pela compacidade e continuidade, pela ausência de vazios urbanos e grande miscigenação social, visto a proximidade física entre ricos e pobres. Assim como em épocas passadas, o crescimento da cidade, o adensamento da população e da urbanização se deu às margens da infraestrutura e do planejamento urbano.

A fisionomia da velha cidade colonial que é a capital maranhense, vem sendo transformada com a abertura de avenidas ajardinadas e dotadas de todos os requisitos da moderna técnica urbanística. Surgem prédios magníficos públicos e particulares [...]. (PLANTANDO..., 1951, p. 4).

Como abordado neste capítulo, somente no século XX, com a industrialização, o crescimento demográfico das grandes cidades brasileiras e a disseminação das ideias higienistas e de embelezamento foi que a questão habitacional tornou-se importante para o estado brasileiro. Foi nesse período que as primeiras moradias para trabalhadores foram construídas no país, com o objetivo de reprimir as subabitações, em especial os cortiços.

Esse processo não ocorreu de forma diferente na capital maranhense. Em um contexto de crise habitacional, expansão da cidade ao longo da Avenida Getúlio Vargas e atuação dos Institutos de Previdência, o fim da primeira metade do século XX esteve marcado pela construção de grupos residenciais pequenos, com número reduzido de unidades habitacionais, como os do Instituto Previdenciário dos

Servidores do Estado do Maranhão (IPEM) e Instituto de Pensões e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE).

Os modos de morar dos trabalhadores, que refletem o contexto econômico, social, cultural, histórico e tecnológico de determinada sociedade, foram se transformando ao longo do tempo, até chegar aos conjuntos residenciais modernos (ênfase do trabalho) e aos enormes conjuntos habitacionais dos dias de hoje – sem identidade, sem vida e retrógrados, visto que são caracterizados pela repetição de um modelo de moradia, sem levar em consideração, muitas vezes, aspectos sociais, culturais, naturais (como clima, insolação e ventilação), disponibilidade de materiais, dentre outros.

5 O CONJUNTO RESIDENCIAL DO FILIPINHO

5.1 A origem

O bairro do Filipinho surgiu a partir da primeira expansão da cidade de São Luís, que se estendeu do Centro em direção ao Anil, pelo antigo Caminho Grande – atuais avenidas Getúlio Vargas e João Pessoa. Esse percurso agregou, depois de um tempo, a linha de bonde que ia ao Distrito do Anil, e ao redor dele surgiram os bairros fabris e as vilas operárias de São Luís (CURVELO-MATOS, 2015).

Um dos motivos que ocasionou esse movimento de expansão que saía do centro foi a tentativa de embelezá-lo, ao inibir a presença de cortiços e habitações de proletariados, que contrastavam com a esplêndida arquitetura dos prédios de azulejaria francesa e portuguesa (CURVELO-MATOS, 2015). Esse contraste se deu, segundo Pereira Júnior (2015), devido à não separação entre zona fabril e zona residencial durante o fim do século XIX e início do XX. Nesse período, as construções fabris, moradias e comércios disputaram espaço no centro da cidade, aumentando sua densidade demográfica.

Também esteve relacionada com a construção do Conjunto do Filipinho a crise habitacional que a cidade vivenciou. Faltavam moradias higiênicas para abrigar o grande número de pessoas que vieram a São Luís devido a fatores como: inauguração da empresa de aviação e de estradas, que ligaram a capital aos mais remotos municípios do estado; construção de postos médicos e agropecuários, dentre outros (PLANTANDO..., 1951).

De acordo com Curvelo-Matos (2015), o crescimento demográfico de São Luís originou dois tipos de ocupação do solo para a construção de residências: a irregular e a planejada. O Filipinho é um exemplo de ocupação planejada – tipologia na qual se inserem os conjuntos habitacionais construídos por órgãos estatais, por construtoras ou cooperativas.

O conjunto do Filipinho ou Cidade Residencial do Filipinho está localizado, conforme mapa da figura 32, entre os bairros da Jordôa, Sacavém, Coroadado e Coroadinho. Ele foi financiado por verbas públicas - por uma autarquia federal, o IAPC - e destinado a abrigar trabalhadores. Construído entre os anos de 1949 e 1950, o Filipinho foi, até 1969, o maior conjunto habitacional de São Luís.

Figura 32 - Localização do bairro do Filipinho



Fonte: Google Earth, editado pela autora, em 2018.

Segundo Curvelho-Matos (2015, p. 125), “Esse conjunto de residências planejadas vai ser sucedido por outros que favorecerão o surgimento de ocupações espontâneas não só em suas imediações, mas em todo o território da cidade.”

Quanto à origem do nome do bairro, Heloísa Curvelo-Matos afirmou, em sua tese de doutorado, não ter identificado a motivação toponímica de Filipinho, mas o classificou como

Um substantivo próprio que, hipoteticamente, pode referir-se ao nome de morador da localidade. Afirmamos isso porque essa era uma tendência da época, por esse motivo, classificamos o substantivo próprio no diminutivo, Felipe > Felipinho, como Antropotopônimo. (CURVELO-MATOS, 2015, p. 128).

5.2 A construção do Conjunto Residencial do Filipinho

A construção do conjunto residencial do Filipinho foi financiada pelo IAPC, durante a gestão de Remy Archer, e executada por uma construtora de propriedade do engenheiro Paulo Geraldo Milliet. Esse último foi, juntamente com o engenheiro José Eduardo Freire de Carvalho, o responsável técnico da obra (RESULTADOS...,

1950). Essa empreitada contou ainda com os serviços de Paulo Pires de Carvalho e Albuquerque, como engenheiro-fiscal do Instituto (figuras 33 a 35) (ALGO..., 1950).

Figura 33 - Dr. Remy Archer, presidente do IAPC



Fonte: Obra... (1950)

Figura 34 - Inspeção do presidente do IAPC às obras do Filipinho em janeiro de 1950



Nota: Na foto estão, da direita para a esquerda: Antônio Alexandre Baima, Remy Archer, José Eduardo Freire, Armando Falcão, Paulo Pires de Carvalho e José Mariano Travassos, diretor do Banco do Brasil.

Fonte: Algo... (1950)

Figura 35 - Dr. Remy Archer e Dr. Armando Falcão ladeados, dentre outras pessoas, pelos engenheiros Paulo Milliet e José Eduardo Freire



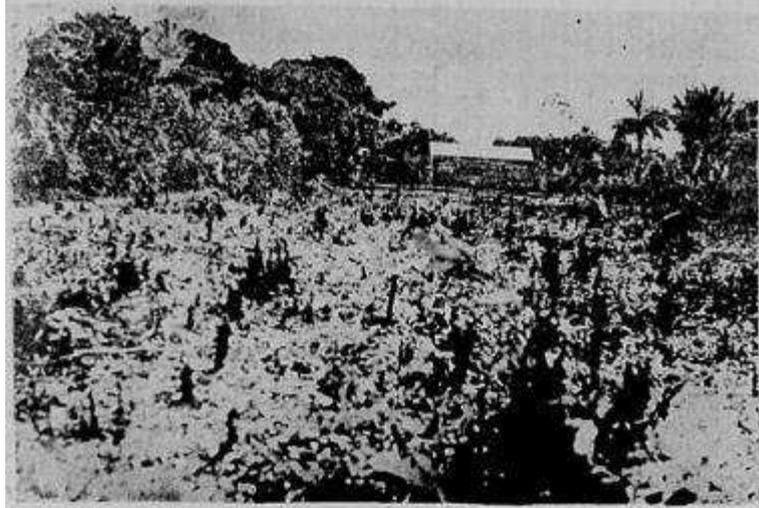
Fonte: Algo... (1950)

Esse grande grupo residencial foi pensado inicialmente pelo senador Vitorino Freire e pelo presidente do IAPC, Dr. Remy Archer. Eles dois contaram com o apoio do então presidente da República, o general Eurico Gaspar Dutra. O objetivo era abrigar, fornecer conforto e melhorar as condições de vida dos comerciários e de seus familiares, levando em conta as condições modernas de higiene (ALGO..., 1950).

Segundo relato do engenheiro Paulo Milliet em visita realizada à obra em janeiro de 1950, o conjunto foi projetado, entre os anos de 1948 e 1949 para ser construído no bairro do João Paulo. No entanto, surgiram dificuldades que impediram sua execução. A mudança de local atrasou o início da obra, que começou, efetivamente, em junho de 1949 (ALGO..., 1950).

O terreno escolhido possuía uma área de 206.500 metros quadrados, era bastante acidentado e coberto por vegetação (figura 36). Portanto, os primeiros serviços realizados foram os de derrubada da vegetação e limpeza do solo, sucedidos da terraplanagem da área, o que exigiu a aquisição de máquinas caras (PLANTANDO..., 1951).

Figura 36 - Foto do terreno onde viria a ser construído o conjunto residencial do Filipinho



Fonte: O IAPC... (1949)

A cidade residencial do Filipinho foi inaugurada em solenidade realizada no dia 21 de janeiro de 1951, com 320 unidades habitacionais, dez ruas arborizadas, quatorze quadras, e calçadas largas com gramado ao centro (figuras 37 a 40) (PLANTANDO..., 1951).

Figura 37 - Registro da obra do bairro do Filipinho na fase de acabamento



Fonte: Algo... (1950)

Figura 38 - Inspeção realizada na obra do Filipino em 20 de janeiro de 1950



Nota: Da esquerda para a direita: os presidentes do IAPM, dr. Armando Falcão, e do IAPC, dr. Remy Archer, os engenheiros Paulo Geraldo Milliet e José Eduardo Freire de Carvalho, responsáveis pela construção, e dr. Deomar Desterro e Silva, chefe da Secção de Aplicação de Fundos da Delegacia do IAPC.

Fonte: Algo... (1950)

Figura 39 - Conjunto residencial do Filipino



Fonte: Jorge (1950)

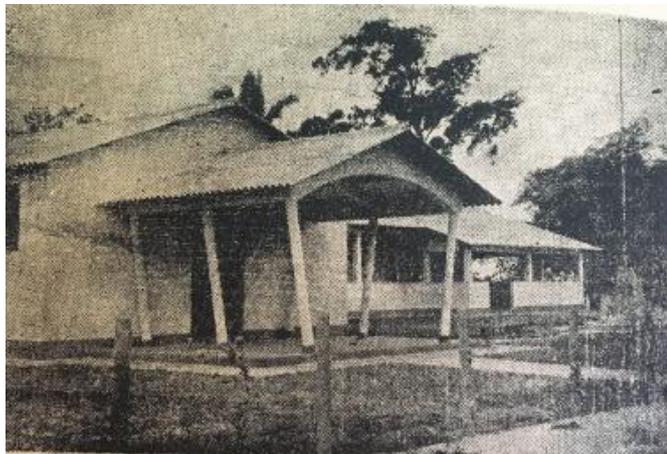
Figura 40 - Foto mostrando ônibus da linha do Filipino e calçada com gramado ao centro



Fonte: Filipino Banco da Praça (2015a)

Além das residências, foi pensada, para atender às necessidades dos moradores, a construção de uma escola (figura 41), de um edifício destinado ao centro médico social e administração do conjunto (figura 42), além de um centro comercial, com 20 lojas (figura 43) (ALGO..., 1950) – nas quais se instalaram, segundo relatos de moradores antigos, pequenos comércios, como mercadinhos, farmácias, padarias, restaurantes e sorveterias (ALFREDO RODRIGUES VASCONCELOS FILHO). (informação verbal).⁷

Figura 41 - Entrada do Grupo Escolar do conjunto residencial do Filipino no ano de sua inauguração



Fonte: Plantando... (1951)

⁷ Informação fornecida por meio de entrevista realizada em São Luís, em 21 de novembro de 2018. Cf. Apêndice A.

Figura 42 - Centro médico social e administração do conjunto residencial do Filipino



Fonte: Plantando... (1951)

Figura 43 - Centro comercial do conjunto residencial do Filipino



Fonte: Plantando... (1951)

O centro médico social abrigou, nas décadas de 50 e 60, a administração do conjunto, o setor de assistência social, e a cooperativa de moradores.

[...] atrás do colégio tinha um posto, que hoje é posto, na época era o setor de administração, nesse setor tinha assistente social, tinha professora de corte e costura, de bordado, de culinária, de pintura. O administrador era seu Vasquez, que morava na rua 13. (LILIA MARIA FERREIRA SOARES). (informação verbal).⁸

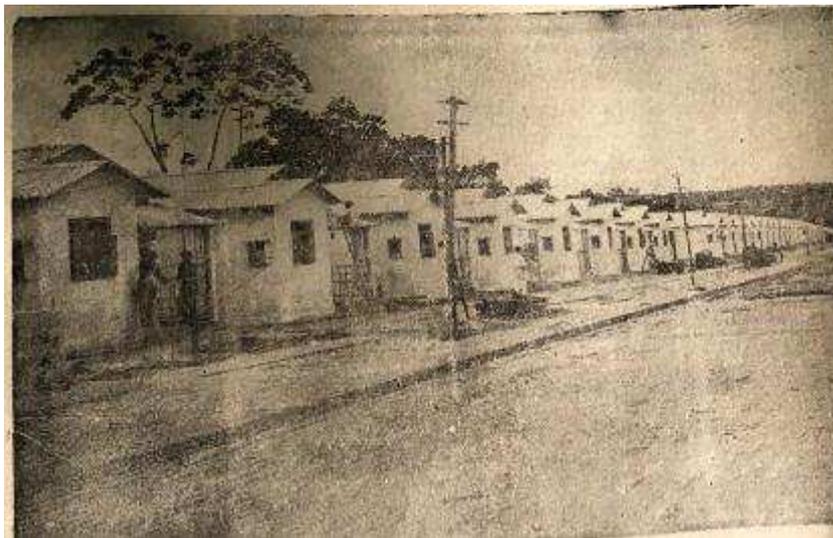
Essa cooperativa foi bastante atuante nas primeiras décadas que sucederam a inauguração do conjunto. Ela foi responsável, por exemplo, pela compra de três ônibus seminovos exclusivos para os moradores do bairro, que faziam o trajeto Filipino – Praça João Lisboa. Além disso, oferecia aos associados serviços de manutenção, realizados por encanadores, pedreiros, eletricitas, dentre outros profissionais (ALFREDO RODRIGUES VASCONCELOS FILHO).

⁸ Informação fornecida por meio de entrevista realizada em São Luís, em 30 de novembro de 2018. Cf. Apêndice E.

A construção desse conjunto proporcionou, segundo matéria no jornal *O Imparcial* de 29 de janeiro de 1950, inúmeras vantagens à classe operária ludovicense. Essa obra permitiu, aos 800 trabalhadores de diversas categorias profissionais que nela encontravam-se empregados, a assimilação de novas técnicas (graças à presença de 20 proletários especializados vindos do Rio), que muito lhes poderiam servir no futuro. Além disso, nela foram despendidos cerca de 28 milhões de cruzeiros, dos quais grande parte foi gasta na cidade, tanto para a compra de materiais, quanto para o pagamento da mão de obra (ALGO..., 1950).

Vale destacar que, seguindo os conceitos modernistas, o canteiro de obras da cidade do Filipinho (figura 44) contou com oficinas, como as da figura 45, para pré-fabricar em massa tudo o que fosse possível. Foram produzidos para serem utilizados na construção do conjunto elementos como: tubulões de concreto com diâmetro de 30 a 70 centímetros, meios-fios retos e curvos, lavanderias, fossas, pias de cozinha, caixas de inspeção, peitoris, soleiras, vergas para portas e janelas, ralos, caixas de registro de água, ventiladores de telhados, mourões de cerca, dentre outros (ALGO..., 1950).

Figura 44 - Obra do conjunto residencial do Filipinho na fase de acabamento



Fonte: Algo... (1950)

Figura 45 - Trabalhadores na fabricação de tubulão de grande diâmetro na oficina instalada na obra do conjunto residencial do Filipinho



Fonte: Algo... (1950)

5.3 As unidades habitacionais

Construídas para abrigar seis pessoas sem transgredir as regras de conforto e higiene, as unidades habitacionais apresentavam, aproximadamente 60 metros quadrados; uma planta simples, do tipo quadrangular regular; seguiam um modelo de moradia econômica e apresentavam um número reduzido de ambientes (figura 46).

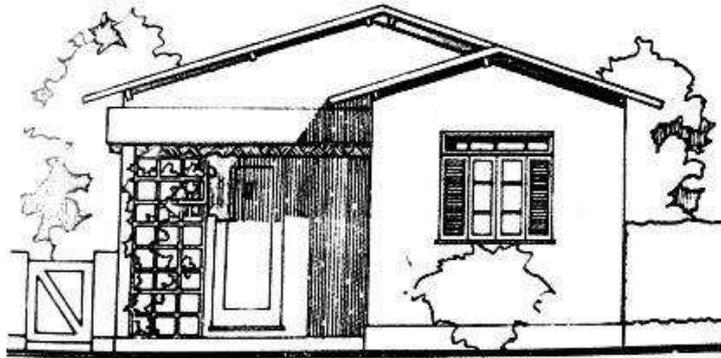
Figura 46 - Planta baixa da unidade habitacional do conjunto residencial do Filipinho



Fonte: Vasconcelos (2007)

Cada casa possuía uma varanda de entrada, que apresentava gradil propício à sustentação de uma planta trepadeira; três quartos; sala; cozinha; banheiro; lavanderia, e “[...] um quintal suficiente às necessidades de cada família, com a área mínima de 90 metros quadrados.” (figura 47) (ALGO..., 1950, p. 7).

Figura 47 - Vista da fachada da unidade habitacional proposta pelo IAPC



Fonte: Bonduki e Koury (2014)

Como pode ser observado na foto abaixo (figura 48), essas residências representavam uma clara referência aos bangalôs construídos na cidade no início do século XX, entretanto foram adicionados a elas alguns elementos modernos, como os cobogós, as grandes aberturas para o exterior e os afastamentos laterais (ALMEIDA, 2012). As casas foram construídas todas isoladas, sem geminação e sem muros, com uma distância de 3 metros entre cada uma delas (figuras 49 a 51).

Figura 48 - Unidade habitacional do conjunto residencial do Filipinho



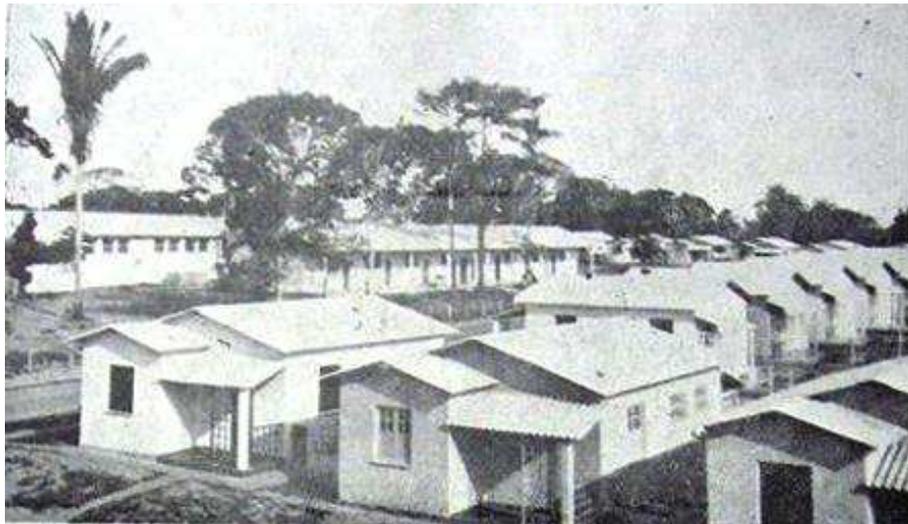
Fonte: Jorge (1950)

Figura 49 - Afastamento entre as residências do conjunto residencial do Filipinho



Fonte: Jorge (1950)

Figura 50 - Implantação das residências do conjunto residencial do Filipinho



Fonte: Jorge (1950)

Figura 51 - Casas do conjunto residencial do Filipinho



Fonte: Inaugura-se... (1951a)

A cobertura criada apresentava quatro níveis ou alturas diferentes. Duas mais baixas e com apenas uma água, que protegiam a varanda e a lavanderia; a intermediária, com duas águas, que cobria o quarto da frente; e a mais alta, também com duas águas, que cobria o restante dos cômodos.

O tipo de telha empregada foi a de fibrocimento – material ainda pouco utilizado no Maranhão naquela época, mas já empregado com frequência em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília -, devido à rapidez para execução e à redução de custos com aquisição e transporte (são bem mais leves que as telhas cerâmicas) (ALGO..., 1950).

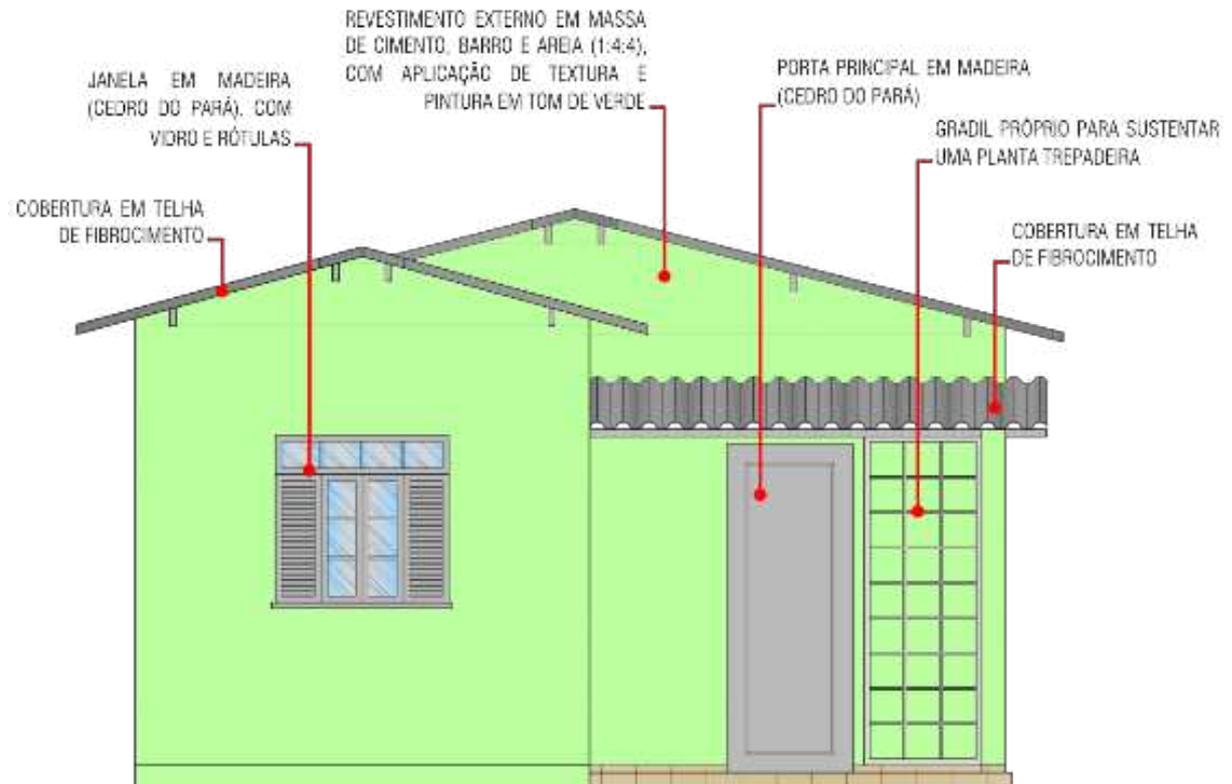
Para o revestimento externo das paredes das casas foi utilizada uma massa de cimento, barro e areia (1:4:4), conferindo resistência e impermeabilidade (ALGO..., 1950). As fachadas apresentavam textura e foram pintadas em tom de verde.

Quanto aos aspectos internos, as moradias construídas eram taqueadas e os pisos da varanda, banheiro e cozinha apresentavam mosaicos; elas eram forradas com madeira e emolduradas; o banheiro e a cozinha revestidos em azulejo branco vidrado; as esquadrias eram em cedro do Pará; as janelas eram em madeira e vidro e apresentavam rótulas (figura 52); e as instalações elétricas e hidráulicas eram totalmente embutidas.

Ressaltamos ainda, aqui nessa parte, que as casas possuem escápulas ou armadores chumbados em bloco de concreto fundido em um conjunto com uma viga de amarração em concreto armado que corre por sobre todas as paredes (ALGO..., 1950, p. 7).

Essas casas seriam alugadas pela Delegacia do IAPC. O valor do aluguel das casas da frente seria de seiscentos cruzeiros e o das restantes quinhentos cruzeiros. A preferência para aluguel seria dada aos comerciantes (INAUGURA-SE..., 1951b).

Figura 52 - Vista da fachada principal da unidade habitacional do conjunto residencial do Filipinho



Fonte: Elaborada pela autora, em 2018

5.4 A infraestrutura

O projeto do conjunto foi pensado em seus mínimos detalhes. Além de estrutura para auxílio social, escola e comércio, ele também contemplou diversas medidas de infraestrutura, desde sistema de água potável até soluções de transporte, com o intuito de tornar mais confortável o cotidiano de quem ali se estabeleceria.

As largas e arborizadas ruas que formavam o bairro – como a da figura 53 - permitiam, de acordo com publicação no jornal *O imparcial* de 29 de janeiro de 1950, um excelente sistema de escoamento de água, que contava ainda com meios-fios em concreto e revestidos por camada de solo cimento empedrado, sarjetas, galerias de águas pluviais e de esgoto (ALGO..., 1950).

Figura 53 - Perspectiva de uma rua do conjunto residencial do Filipino



Fonte: Jorge (1950)

A rede de água potável foi construída visando perfeição e grande durabilidade. Para sua execução foram utilizados tubos de ferro centrifugado provenientes do Rio de Janeiro. “Essa rede, de acordo com os entendimentos havidos com os Serviços de Água, Esgotos, Luz, Tração e Prensa de Algodão do Estado, será abastecida pela adutora geral da cidade que passa em frente ao grupo residencial.” (ALGO..., 1950, p. 7). Assim como a luz elétrica, que também seria fornecida pelo S.A.E.L.T.P.A.

Quanto ao sistema de esgoto, foi construído um próprio para o conjunto residencial do Filipino (figuras 54 e 55). A solução adotada foi a considerada mais apropriada: a de tratamento da matéria pelo sistema de fossa biológica.

Conforme é do conhecimento de todos, as águas assim tratadas saem perfeitamente limpas e livres da matéria orgânica. Essas águas, uma vez saídas das fossas, vão para redes especiais, que, de trechos em trecho são ligadas à rede de águas pluviais, que, por sua vez, desaguam nas marés. (ALGO..., 1950, p. 10).

Figura 54 - Foto do trabalho de assentamento da rede de esgotos do Conjunto



Fonte: Algo... (1950)

Figura 55 - Flagrante do dr. Remy Archer examinando parte do leito da rede de esgoto do Filipinho



Fonte: Algo... (1950)

Em entrevista ao periódico *Diário de S. Luiz*, na data de inauguração do conjunto, o presidente do IAPC divulgou ainda que seriam inauguradas em breve linhas de ônibus que fariam de forma direta o percurso que ia do centro da cidade ao Filipinho, e vice-versa. Para, desta forma, afastar do novo bairro os problemas relacionados com o transporte coletivo (INAUGURA-SE..., 1951b). Distância não seria um problema para os moradores do bairro; “[...] em quinze minutos de bonde e dez de ônibus, pode-se vir ao centro urbano, regressando em igual tempo.” (figura 56) (PLANTANDO..., 1951, p. 4).

Figura 56 - Ônibus da linha Filipinho – Centro

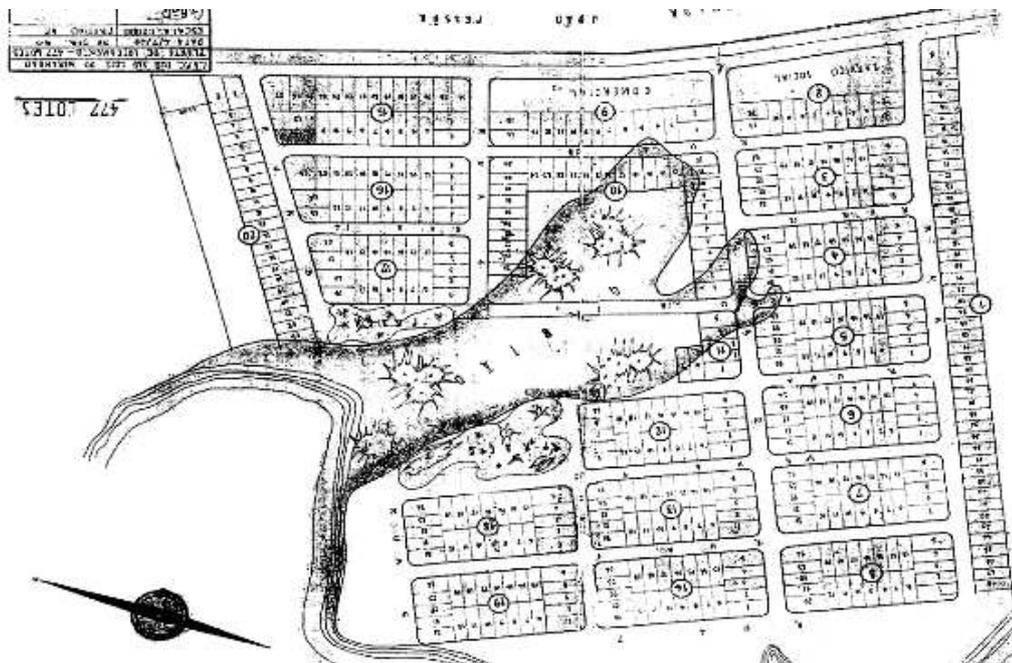


Fonte: Minha Velha São Luís (2018)

5.5 A implantação

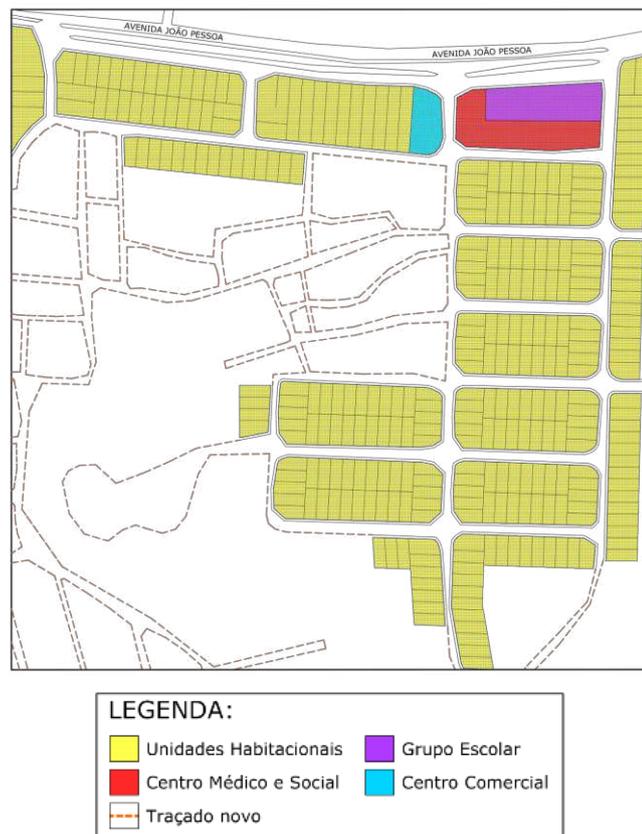
Segundo a planta original de loteamento do conjunto (figura 57), ele seria composto por 477 unidades habitacionais – distribuídas por 20 quadras -, sede social e sede comercial. No entanto, o bairro não foi construído da forma prevista em projeto. O Filipinho foi inaugurado com somente 320 unidades habitacionais e 14 quadras, conforme representado na planta da figura 58.

Figura 57 - Planta de loteamento original do conjunto residencial do Filipino



Fonte: Vasconcelos (2007)

Figura 58 - Implantação original do conjunto residencial do Filipino



Fonte: Elaborada pela autora, em 2018

Figura 59 - Vista aérea do conjunto residencial do Filipino



Fonte: Minha velha São Luís (2018b)

6 O FILIPINHO DOS DIAS DE HOJE

6.1 As residências

É notório que os conjuntos habitacionais construídos em São Luís nas décadas de 1950 e 1960 seguem um mesmo padrão. Esse modelo, diante do déficit habitacional enfrentado pela cidade, “visava à produção em massa, e a racionalização dos projetos, com a redução dos custos para a habitação mínima [...]” (VASCONCELOS, 2014, p. 111).

Ao pensar as chamadas “casas de conjunto”, as construtoras buscavam criar um projeto mínimo, que fosse de baixo custo e rápida reprodução. Dessa forma, foram construídas residências com poucos ornamentos, formas retas, linhas puras, telhados de somente duas águas, e planta bastante simples.

Diante de centenas de moradias idênticas, na busca por imprimir personalidade, seguir tendências e atender às necessidades de seus moradores, as residências do conjunto residencial do Filipinho passaram por muitas transformações ao longo de seus 68 anos de existência. A grande maioria das casas, que lembravam bangalôs ecléticos, receberam novos elementos e adquiriram um caráter bem distinto daquele pretendido quando da sua concepção.

Durante passeio pelas ruas do bairro foi possível identificar inúmeras residências de características modernas. A inserção de platibanda a fim de esconder as telhas de fibrocimento e dar, falsamente, uma linha horizontal à cobertura da edificação foi fato recorrente entre elas; além da construção de muros e/ou grades de ferro – que se configuraram como barreiras entre as unidades habitacionais e a rua, e tiraram a homogeneidade do conjunto, pois não há mais livre acesso entre o logradouro e a parte do terreno situada entre o alinhamento das casas e a calçada. Esses novos elementos podem ser identificados, por exemplo, nas casas das figuras 60 a 64.

Figura 60 - Residência com platibanda e gradil



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 61 - Residência com platibanda e gradil



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 62 - Residência com platibanda, gradil e mosaico de azulejos na fachada frontal



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 63 - Residência com platibanda, gradil e revestimento em pedra no muro



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 64 - Residência com platibanda, gradil e azulejos no muro



Fonte: Acervo pessoal da autora

As residências em questão se caracterizam, em sua maioria, pelas linhas retas, formas puras, volumes simples e pelos poucos ornamentos. Muitas delas também utilizaram revestimentos de pedra e mosaicos de azulejo, no muro e/ou em sua fachada principal, apresentadas nas figuras 62 a 64.

Outra prática comum foi a construção de marquises, como as das residências das figuras 65 a 68, que passaram a desempenhar a função de transição entre o interno e externo, função das tradicionais varandas. Elas também foram amplamente introduzidas nas casas do conjunto com o intuito de abrigar os automóveis dos moradores. Esse elemento, mesmo que associado a edificações de

desenho convencional, configurou-se como um indício da construção moderna. Sustentadas por colunas esbeltas, as marquises reforçam a plasticidade da construção cúbica.

Figura 65 - Residência com marquise, platibanda e gradil



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 66 - Residência com marquise, platibanda, gradil e azulejos na fachada frontal e muro



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 67 - Residência de dois pavimentos, com marquise, grades e azulejos



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 68 - Detalhe do mosaico em azulejos e esquadrias em vidro



Fonte: Acervo pessoal da autora

Assim como foi possível notar a inserção e a retirada de alguns elementos das casas do bairro do Filipinho, foi identificada a permanência de outros, como o cobogó, que foi aplicado em locais diferentes, com funções e em modelos diversos (figuras 69 a 72). Esse elemento foi retomado em virtude de seus benefícios

estéticos e de conforto ambiental (permite a entrada de luz e ventilação natural, e funciona como anteparo visual).

Figura 69 - Residência com muro com elementos vazados em concreto



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 70 - Residência com elementos vazados na fachada frontal e no muro.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 71 - Detalhe dos cobogós da fachada



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 72 - Residência com elementos vazados no muro



Fonte: Acervo pessoal da autora

Algumas moradias do conjunto permaneceram com suas fachadas bastante fiéis ao modelo original: com a cobertura em telha de fibrocimento aparente, sem grandes ampliações laterais – permanecendo com o mesmo jogo de volumes -; sem a inserção de adornos na fachada, dentre outros aspectos. Alguns exemplos são as residências das fotos abaixo (figuras 73 a 81).

Figura 73 - Residência com poucas alterações na fachada



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 74 - Residência com poucas alterações na fachada



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 75 - Residência com poucas alterações na fachada



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 76 - Residência com poucas alterações na fachada



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 77 - Residência com poucas alterações na fachada.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 78 - Residência com poucas alterações na fachada.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 79 - Residência com poucas alterações na fachada



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 80 - Residência com poucas alterações na fachada.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 81 - Residência com poucas alterações na fachada.



Fonte: Acervo pessoal da autora

A residência das fotos a seguir (figuras 82 e 83) foi a que permaneceu mais parecida com a construída em 1950. Essa foi a única casa que foi conservada sem muros, com a mesma textura e cor nas paredes externas. As principais alterações observadas foram: substituição das esquadrias de madeira por esquadrias em vidro e ferro; introdução de grade na janela e elevação da mureta lateral.

Figura 82 - Residência do conjunto com menos alterações na fachada



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 83 - Vista da varanda de entrada



Fonte: Acervo pessoal da autora

6.2 As demais edificações

Quanto às demais edificações do conjunto, que serão apresentadas a seguir, elas também sofreram algumas transformações:

O antigo Grupo Escolar do Filipino, conhecido atualmente como Unidade Integrada Governador Archer - localizada na Rua Luzia Bruce, paralela à Avenida João Pessoa -, preservou sua estrutura de entrada, no entanto, a cobertura e a passarela foram ampliadas. Além disso, as esquadrias foram trocadas e o prédio recebeu muro e grades para proteção, como poder ser observado ao comparar uma foto antiga (figura 84) com fotos atuais (figuras 85 e 86).

Figura 84 - Grupo Escolar do conjunto residencial do Filipino



Fonte: Filipino Banco da Praça (2015b)

Figura 85 - Fachada frontal da Unidade Integrada Governador Archer em 2018



Fonte: Acervo pessoal da autora

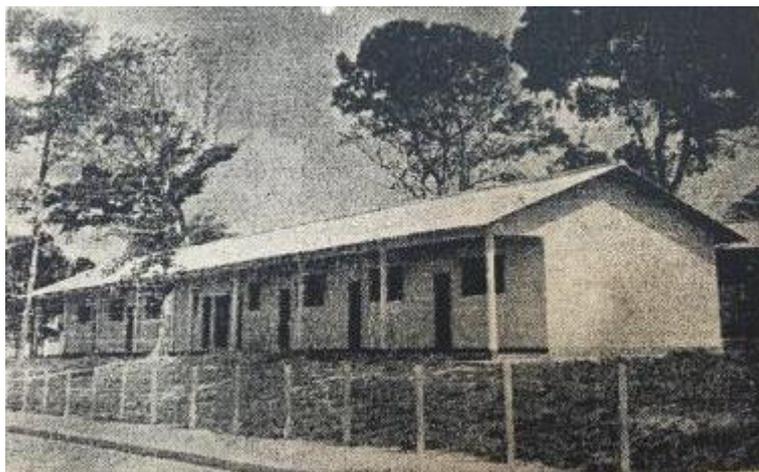
Figura 86 - Entrada da Unidade Integrada Governador Archer em 2018



Fonte: Acervo pessoal da autora

A edificação destinada ao centro médico social e administração do conjunto (figura 87) abriga hoje o Hospital PAM Filipinho (figuras 88 e 89), situado na esquina entre a Rua Treze e a Rua Um. Dentre as principais mudanças sofridas pelo prédio estão: troca das esquadrias, construção do muro, aumento no comprimento do prédio e ampliação lateral - ocupando área antes destinada à circulação externa.

Figura 87 - Centro médico social e administração do conjunto residencial do Filipinho no ano de sua inauguração



Fonte: Plantando... (1951)

Figura 88 - Fachada lateral direita do Hospital PAM Filipino em 2018



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 89 - Fachada lateral esquerda Hospital PAM Filipino em 2018



Fonte: Acervo pessoal da autora

Quanto ao centro comercial, localizado na Rua Dois, ele encontra-se bastante descaracterizado, tornando-se inviável identificar a edificação antiga em sua configuração atual (figura 90).

Figura 90 - Centro comercial do bairro do Filipino em 2018

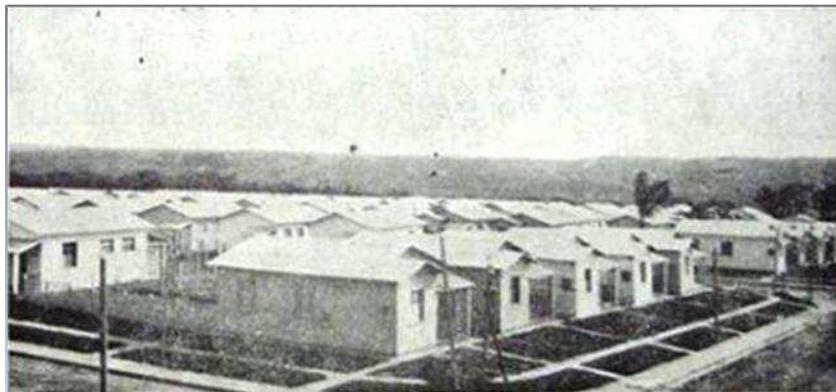


Fonte: Acervo pessoal da autora

6.3 As vias e calçadas

As calçadas do bairro foram remodeladas. Com a construção de muros e grades por praticamente todas as residências do conjunto, grande parte da largura da calçada foi incorporada aos lotes. Ao comparar fotos do ano de construção do Filipinho (como a da figura 91) com fotos atuais (como a da figura 92), é possível observar que os largos passeios, formados por três faixas – duas pavimentadas e uma de grama – não existem mais. As calçadas atuais são estreitas, com cerca de dois metros de largura, e sem arborização alguma.

Figura 91 - Perspectiva de uma quadra do conjunto residencial do Filipinho



Fonte: Jorge (1950)

Figura 92 - Transição do tipo de pavimentação e calçadas em péssimas condições (visada H)



Fonte: Acervo pessoal da autora

Quanto às ruas, grande parte recebeu asfalto sobre os blocos de paralelepípedo. Na figura 92 é possível observar a transição no tipo de pavimentação.

Esses aspectos foram responsáveis por mudanças na dinâmica do bairro. A configuração atual do Filipino não é mais marcada pela homogeneidade e integração de outrora. A sequência de muros rodeando as quadras e moradias foi responsável pela segregação do conjunto.

Após circular pela área, a pé e de carro, em horários e dias da semana diferentes, ficaram evidentes suas transformações como um todo. O caminhar por ali se tornou desagradável e inseguro. As calçadas são estreitas, sem sombra, com buracos e desníveis; veículos transitam pelas ruas do bairro em alta velocidade e a circulação significativa de pedestres fica restrita às áreas próximas à avenida; nas redondezas do hospital, escola, comércio, igreja e quadra de esportes.

A seguir, as figuras 94 a 103 ilustram a situação atual do conjunto.

Figura 93 - Mapa de Localização das visadas



Fonte: Google Earth, 2018, editado pela autora

Figura 94 - Visada A



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 95 - Visada B



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 96 - Visada C



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 97 - Visada D



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 98 - Visada E



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 99 - Visada F



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 100 - Visada G



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 101 - Visada I



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 102 - Visada J



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 103 - Visada K



Fonte: Acervo pessoal da autora

6.4 A forma urbana

A cidade é analisada por alguns autores, dentre eles Aldo Rossi, a partir da relação entre tipologia arquitetônica e morfologia ou forma urbana.

Segundo Rossi, tipologia construtiva e morfologia urbana têm uma relação dialética, onde a forma urbana é interdependente da forma construtiva e trabalhar a forma urbana é determinar tipologias. A cidade portanto é o princípio ordenador no qual se desenvolvem e estruturam os tipos construtivos que integrarão a forma urbana. Fazendo-se necessário, portanto, o estudo dos tipos construtivos e da morfologia urbana para o entendimento da paisagem urbana. (AMORIM; TANGARI, 2006, p. 62).

Para analisar a morfologia atual do Filipinho utilizaremos as três escalas abordadas por Aldo Rossi, segundo Amorim e Tangari (2006): as escalas da cidade, do bairro e da rua.

a) Escala da cidade

Nessa escala, o bairro de estudo será situado dentro da cidade; ele será caracterizado quanto a seus processos de ocupação e sua localização em relação a importantes bairros e avenidas, através de mapas e textos analíticos.

O bairro do Filipinho se originou a partir do primeiro vetor de expansão da cidade, que partiu do centro em direção ao Anil, através das atuais avenidas Getúlio Vargas e João Pessoa. Ele está localizado entre duas importantes avenidas da cidade: João Pessoa e dos Africanos, e é ladeado pelos bairros da Jordôa, Sacavém, Coroado e Coroadinho (figura 104).

Figura 104 - Localização do bairro do Filipinho

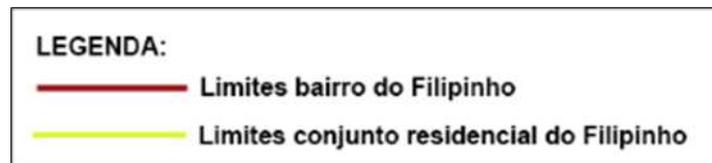
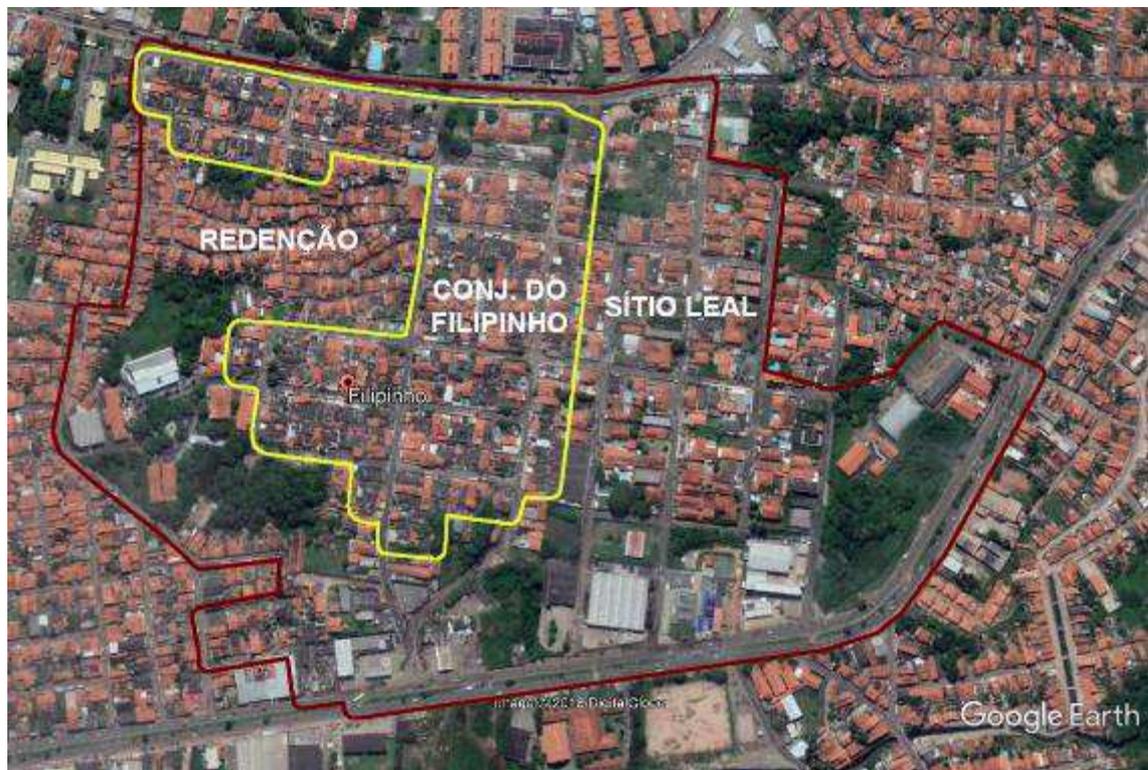


Fonte: Google Earth, editado pela autora, 2018.

Como observado no mapa abaixo (figura 105), em virtude do crescimento da cidade de São Luís, o Filipinho se expandiu para além dos limites do conjunto construído pelo IAPC entre os anos de 1949 e 1950. Com o surgimento de novas edificações, em sua maioria residências, foram incorporadas à malha original do grupo residencial novas vias e quadras.

A ocupação mais antiga do bairro corresponde às edificações do conjunto residencial do Filipinho que datam de 1950 (região delimitada no mapa da figura 105 pela linha amarela). O entorno, correspondente às áreas conhecidas como Redenção e Sítio Leal, foi ocupado, segundo relatos de moradores, respectivamente, no fim da década de 60 e na década de 70.

Figura 105 - Limites do bairro e do conjunto residencial do Filipinho



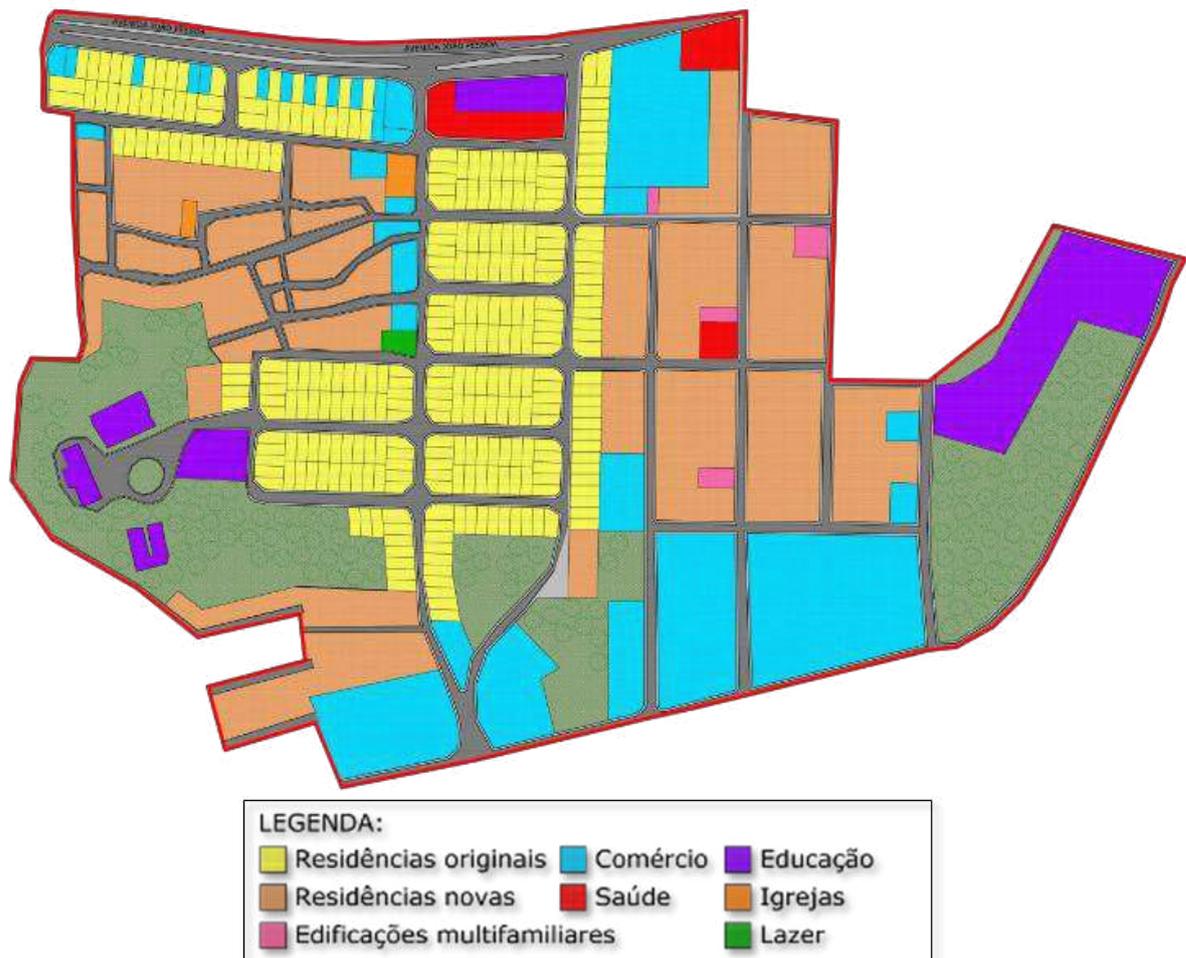
Fonte: Google Earth, editado pela autora, em 2018

b) Escala do bairro

Quanto à escala do bairro, foi elaborado o mapa de usos do Filipinho - utilizando as seguintes categorias: uso residencial, comercial, saúde, educação e igrejas -, com o objetivo de analisar os usos predominantes e sua localização dentro do bairro, para assim entender os fluxos e a dinâmica da área.

Como pode ser observado no mapa abaixo (figura 106), o bairro do Filipinho é, predominantemente, residencial. As edificações comerciais existentes se concentram próximas às avenidas e à Rua Dois (principal via interna do bairro).

Figura 106 - Mapa de usos do bairro do Filipino



Fonte: Elaborado pela autora, em 2018

O comércio do interior do bairro se caracteriza por ser de pequeno porte e destinado a atender às necessidades de seus moradores – são lanchonetes, padarias, salões de beleza, mercadinhos, dentre outros -, ao contrário dos grandes estabelecimentos situados às margens da avenida dos Africanos (postos de gasolina, lojas de material de construção, revendedoras de automóveis, etc.).

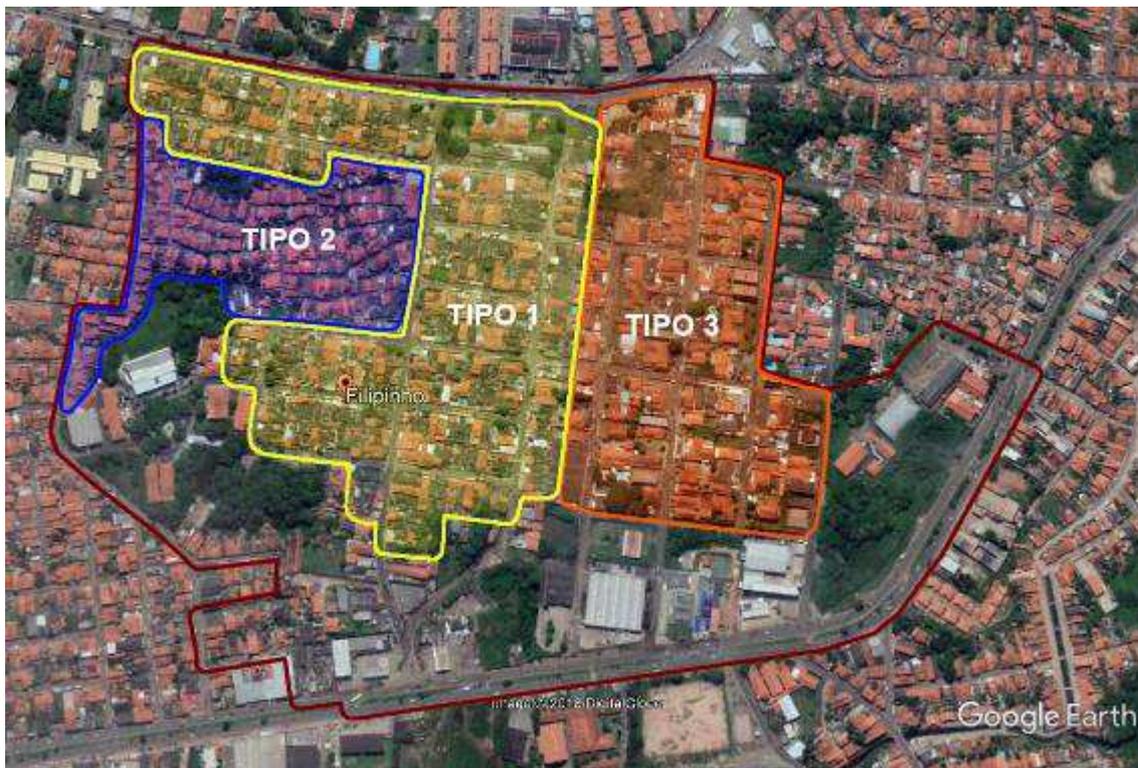
Os usos são determinantes para os fluxos no bairro. As áreas mais movimentadas são aquelas localizadas nas proximidades dos estabelecimentos comerciais, das escolas, do hospital, da igreja e da quadra – localizados, quase que em sua totalidade, na Rua Dois, na Rua Luzia Bruce (paralela à avenida João Pessoa) e na Avenida dos Africanos. O restante do bairro, por ser formado somente por residências, é vazio; não há circulação significativa de pedestres e o fluxo de automóveis é reduzido.

Ao analisar o mapa acima, também é importante destacar a baixa oferta de praças e parques no bairro. A quadra de esportes foi o único equipamento de lazer observado.

c) Escala da rua

Essa escala trata dos tipos morfológicos encontrados no Filipinho, definidos, no presente trabalho, por aspectos como: processo de ocupação, padrões edilícios, atividades existentes e dimensões do lote. Ao cruzar estes aspectos, foram delineados três tipos básicos, cuja distribuição espacial está representada nas figura 107.

Figura 107 - Mapa de tipos



LEGENDA:	
	Limites bairro do Filipinho
	Limites TIPO 1
	Limites TIPO 2
	Limites TIPO 3

Fonte: Google Earth, editado pela autora, em 2018

Figura 108 - Tabela de caracterização do Tipo 1

TIPO 1
<ul style="list-style-type: none">• Conjunto residencial do Filipinho;• Traçado regular;• Configuração da quadra fechada;• Ruas com cerca de 6 metros de largura;• Uso predominantemente residencial (unifamiliar);• Predomínio de edificações térreas;• Pequena ocorrência de edificações de 2 pavimentos;• Lotes com testadas entre 9 e 15 metros.
Ilustração
 <p>Vista aérea - tipologia arquitetônica 1. Fonte: Google Maps, 2018.</p>
 <p>Tipologia arquitetônica 1. Fonte: Acervo pessoal, 2018.</p>

Fonte: Elaborada pela autora, em 2018

Figura 109 - Tabela de caracterização do Tipo 2

TIPO 2
<ul style="list-style-type: none"> • Área de ocupação irregular; • Traçado irregular; • Ruas tortuosas , em declive e estreitas; • Uso predominantemente residencial (unifamiliar); • Predomínio de edificações térreas, com ocorrência significativa de edificações de 2 pavimentos; • Edificações construídas sem afastamentos; • Lotes com testadas entre 4 e 6 metros de largura.
Ilustração

<p>Vista aérea - tipologia arquitetônica 2. Fonte: Google Maps, 2018.</p>

<p>Vista panorâmica - tipologia arquitetônica 2. Fonte: Acervo pessoal, 2018.</p>

<p>Tipologia arquitetônica 2. Fonte: Acervo pessoal, 2018.</p>

Fonte: Elaborada pela autora, em 2018.

Figura 110 - Tabela de caracterização do Tipo 3

TIPO 3
<ul style="list-style-type: none"> • Traçado regular – deu continuidade ao traçado do conjunto; • Configuração da quadra fechada; • Ruas com cerca de 6 metros de largura; • Uso predominantemente residencial unifamiliar; • Pequena ocorrência de uso residencial multifamiliar; • Predomínio de edificações com 2 pavimentos; • Pequena ocorrência de edificações com até 4 pavimentos; • Lotes grandes com testadas bastante heterogêneas .
Ilustração
<div style="text-align: center;">  <p>Vista aérea - tipologia arquitetônica 3. Fonte: Google Maps, 2018.</p> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 20px;"> <div style="text-align: center;">  <p>Tipologia arquitetônica 3. Fonte: Acervo pessoal, 2018.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Tipologia arquitetônica 3. Fonte: Acervo pessoal, 2018.</p> </div> </div>

Fonte: Elaborada pela autora, em 2018

7 UM COMPARATIVO ENTRE O FILIPINHO E OS CONJUNTOS RESIDENCIAIS ANTERIORES

O grupo residencial do Filipino foi concebido entre os anos de 1949 e 1950, com 320 unidades habitacionais, e foi o primeiro conjunto ludovicense financiado pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC). No entanto, antes dele, outros conjuntos já haviam sido construídos na capital, porém, por outros órgãos, como pelo IPEM e pelo IPASE.

O presente capítulo tem como objetivo comparar o Filipino com alguns outros conjuntos retratados por Miécio Jorge no Álbum do Maranhão de 1950 - conjunto residencial da Rua Santiago, e conjunto residencial José Bonifácio de Andrada e Silva, localizados, respectivamente, no bairro Belira e no Monte Castelo, ambos bem próximos do centro antigo da capital. Além do órgão financiador e da localização, outras diferenças são nítidas entre eles.

7.1 Quantidade de unidades habitacionais

Em primeiro lugar, vale destacar a quantidade de unidades habitacionais edificadas. Como demonstrado na tabela 1, os demais conjuntos possuem número bastante inferior.

Tabela - Tabela de descrição dos conjuntos.

INSTITUIÇÃO	CONJUNTO	LOCALIZAÇÃO	ANO PROJETO	Nº DE UNIDADES
IPEM	Largo de Santiago	Belira	1948	24
IPASE	José Bonifácio	Monte Castelo	-	14
IAPC	Filipinho	Filipinho	1948-1949	320

Fonte: Elaborada pela autora, em 2018

Em entrevista dada ao *Diário de S. Luiz* em 1948, Remy Archer explicou o que motivou a concepção de um grupo residencial com essa quantidade de casas, o que era incomum até então. Segundo ele, o número elevado de residências tornaria

a construção mais econômica, pois elas seriam feitas em série. Além disso, um grupo numeroso de casas permitiria a instalação de serviços, como assistência social e médica, escolas e equipamentos de lazer (UM HOSPITAL..., 1948).

Se as casas ao contrário, fossem construídas em pequenos grupos, distantes uns dos outros, ou casas em lotes isolados, não poderia o IAPC prestar essa assistência aos seus segurados, nem tiraria partido das vantagens acima enumeradas – vantagens técnicas e econômicas da construção em série. (UM HOSPITAL..., 1948, p. 4).

O Filipinho foi construído a partir de uma expansão da cidade ao longo do antigo Caminho Grande. Quando concebido, sua localização era periférica, fora do centro, por isso a seu projeto foram incorporados estabelecimentos comerciais e equipamentos de saúde e educação, para suprir as necessidades de quem ali se estabeleceria. Ao contrário dos demais conjuntos já construídos, que por serem menores, foram inseridos dentro de uma malha urbana já existente e dotada de infraestrutura. A localização dos conjuntos em relação ao centro pode ser observada através do mapa abaixo (figura 111):

Figura 111 - Mapa de localização dos conjuntos em relação ao centro e eixos de expansão



Fonte: Google Earth, editada pela autora, em 2018

7.2 Planta baixa das residências

Além dos aspectos já explicitados, a planta baixa das unidades habitacionais também passou por mudanças – reflexo de uma nova conjuntura econômica e social, avanços tecnológicos, dentre outros. As casas do Filipinho foram projetadas seguindo um modelo típico dos conjuntos habitacionais brasileiros dos anos 1950 e 1960 – moradias compostas, geralmente, por dois ou três quartos, sala de estar e jantar juntas (devido ao tamanho reduzido das casas), cozinha compacta (em virtude do advento dos eletrodomésticos), área de serviço ampliada (para abrigar máquina de lavar), varanda frontal, e somente uma unidade de banheiro (figura 112).

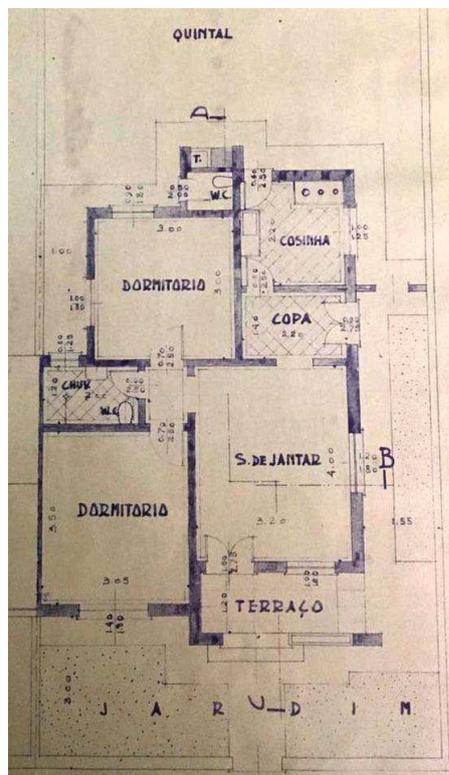
Figura 112 - Planta baixa da unidade habitacional do conjunto residencial do Filipinho



Fonte: Vasconcelos (2007)

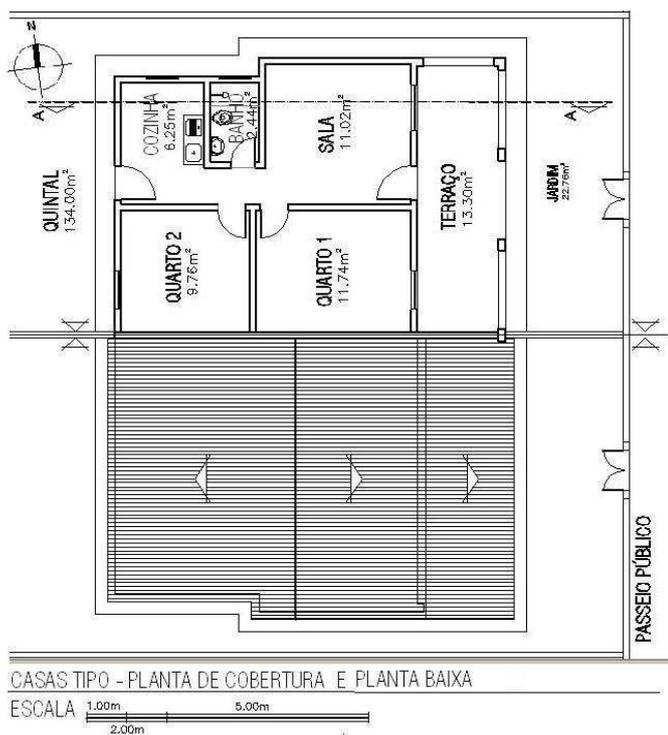
Já a unidade habitacional do conjunto localizado na Rua Santiago, construído pelo IPEM, é constituída por dois banheiros, sala e cozinha amplas, além de uma copa, como pode ser visto na planta abaixo (figura 113). Além disso, as casas são coladas em uma de suas laterais - são geminadas duas a duas – e apresentam muros, características presentes também nas residências do conjunto residencial José Bonifácio de Andrada e Silva (figura 114).

Figura 113 - Planta baixa da unidade habitacional do conjunto da Rua Santiago



Fonte: Associação dos Práticos do Estado do Maranhão (1948a)

Figura 114 - Planta baixa da unidade habitacional do conjunto residencial José Bonifácio Andrada e Silva

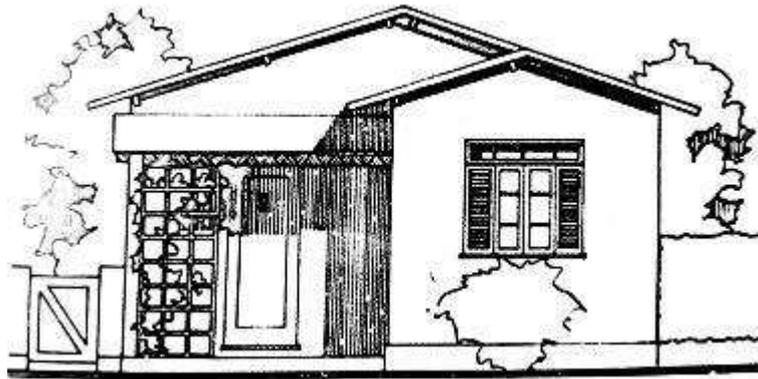


Fonte: Vasconcelos (2007)

7.3 Fachada das residências

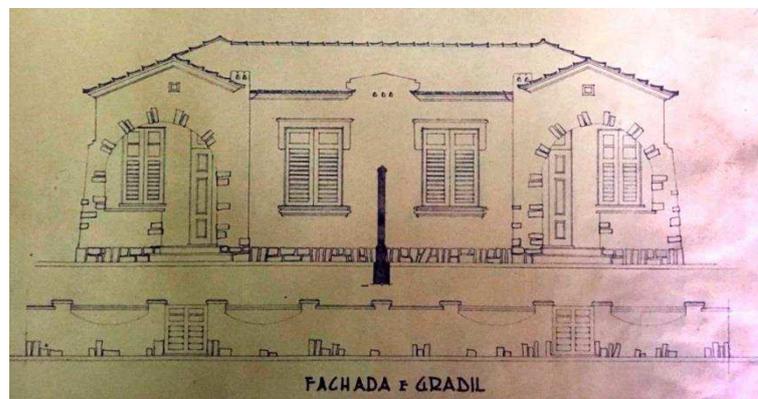
Quanto aos aspectos das fachadas, as casas do Filipinho se caracterizam por serem mais simples. Elas não apresentam ornamentos, e são compostas por linhas puras e formas retas, ao contrário das fachadas dos demais conjuntos em análise. As residências do conjunto José Bonifácio foram projetadas com varanda frontal com três arcos. Já as do conjunto da Rua Santiago, possuíam somente uma unidade desse elemento e apresentavam, também, colunas trabalhadas e detalhes em pedra (figuras 115 a 117).

Figura 115 - Vista da fachada da unidade habitacional proposta pelo IAPC



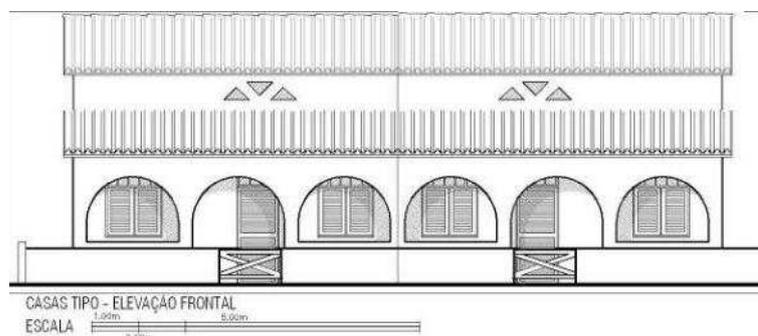
Fonte: Bonduki e Koury (2014)

Figura 116 - Vista da fachada da unidade habitacional do conjunto da Rua Santiago



Fonte: Associação dos Práticos do Estado do Maranhão (1948b)

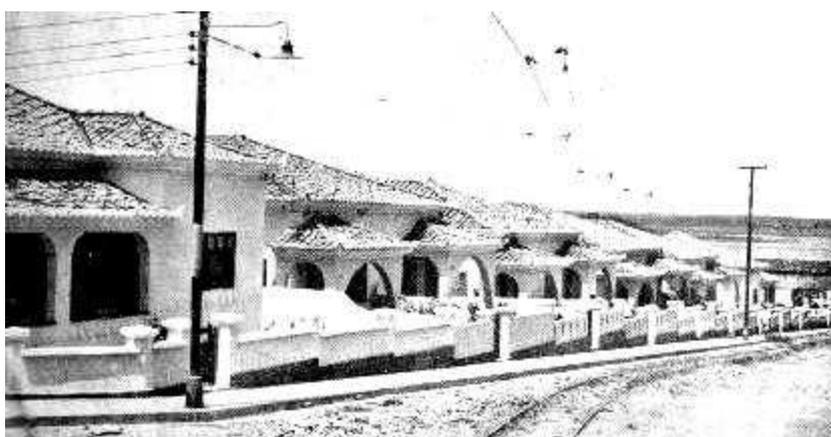
Figura 117 - Fachada da unidade habitacional do conjunto José Bonifácio da Silva Andrada



Fonte: Vasconcelos (2007)

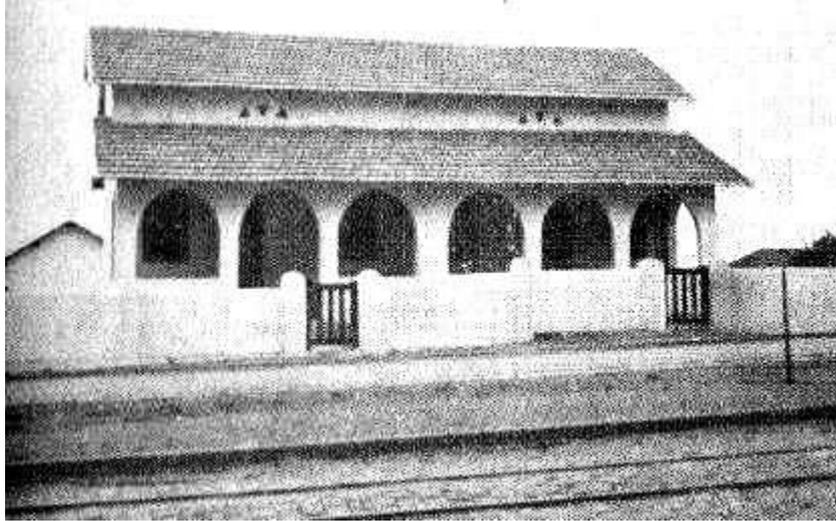
No que se refere às semelhanças, as três tipologias possuíam janelas em vidro e madeira com persianas. Além disso, as unidades habitacionais dos três conjuntos apresentam varanda frontal com cobertura situada em uma altura mais baixa que a do restante da edificação. Somente nas casas do conjunto da Rua Santiago o telhado foi trabalhado com mais de duas águas (figuras 118). Quanto ao tipo de telha, somente as casas do Filipinho foram executadas com telhas de amianto – as outras receberam telha cerâmica.

Figura 118 - Conjunto residencial da Rua Santiago



Fonte: Jorge (1950)

Figura 119 - Foto da fachada da unidade habitacional do conjunto José Bonifácio da Silva Andrada



Fonte: Jorge (1950)

Figura 120 - Conjunto residencial José Bonifácio da Silva Andrada



Fonte: Jorge (1950)

Ao comparar o conjunto do Filipinho com outros anteriores a ele, se torna mais evidente o seu caráter moderno e de ruptura. Ele apresenta características – como quantidades de unidades, implantação, planta baixa, tipologia de fachada e materiais empregados – que o distanciam bastante do que já havia sido produzido na capital maranhense até então e que prenunciam uma nova era.

O Filipinho pontuou um período de produção habitacional marcada pelas unidades habitacionais um pouco menores, com cômodos mais compactos, e fachadas mais simples – visto que, o objetivo das construtoras era construir em série, tornando o processo mais rápido e barato –; ausência de muros – com o objetivo de conceber bairros mais homogêneos e promover a integração entre as

residências e as calçadas e ruas –; inserção, no conjunto, de outras edificações, como escola e comércio, devido à sua localização fora do centro.

Esse bairro, considerado um dos mais importantes da cidade no século XX, foi construído com o objetivo de ser confortável, funcional e agradável para os trabalhadores que ali se estabeleceriam – em especial os comerciários e suas famílias. Entretanto, os modos de morar foram se transformando ao longo do tempo, e, nos dias de hoje, a lucratividade das grandes construtoras têm se configurado como interesse principal dos empreendimentos no campo da habitação popular.

Em consequência disso, a era em que vivemos hoje - a dos condomínios construídos pelo programa “Minha Casa Minha Vida” - é marcada pela busca por quantidade e não qualidade. Busca-se construir locais para morar e não para viver. O modelo construído não atende às necessidades de seus moradores.

Por mais que a unidade habitacional tenha se mantido bem similar, quanto ao tamanho, divisão interna e simplicidade das fachadas, elas são construídas pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em quantidades enormes – milhares de casas sem identidade – e seguem um modelo padrão, que é replicado em diversas cidades do país, sem levar em consideração suas particularidades (aspectos naturais, culturais e sociais). Além disso, o modelo produzido é de moradia mínima (com dois quartos), o que dificulta o atendimento de famílias grandes.

Esses empreendimentos são implantados, em sua maioria, em áreas periféricas, sem acessibilidade e bem distantes dos mecanismos de infraestrutura – onde os terrenos são mais baratos. Entretanto, não apresentam espaços para comércio e serviços, o que provoca um aumento nas despesas dos moradores com transporte e contribui com a piora de sua qualidade de vida, visto que aumenta as distâncias e os tempos de deslocamento.

Outro aspecto que deve ser destacado é a carência de espaços coletivos nesses condomínios e de espaços públicos na vizinhança, o que dificulta a interação e sociabilidade, e aumenta a segregação dos mais pobres na cidade. Portanto, apesar de combater o déficit habitacional e permitir o acesso da população mais pobre ao imóvel próprio, essa tipologia possui pontos negativos a respeito dos quais é preciso refletir.

8 O CONJUNTO RESIDENCIAL MODERNO DO FILIPINHO NO IMAGINÁRIO DOS MORADORES

O presente capítulo será destinado a trechos dos relatos de moradores do grupo residencial do Filipino. Durante as conversas o objetivo foi deixá-los bem à vontade para expor suas impressões acerca das edificações do conjunto, das relações de vizinhança, da infraestrutura, das mudanças sofridas pelo bairro e pelo entorno, dentre outros aspectos. Não foi estabelecido um roteiro de perguntas.

Os entrevistados são de faixas etárias diversas e viveram no Filipino em recortes temporais diferentes (figura 121). As cinco entrevistas realizadas foram transcritas por completo e estão no fim deste trabalho (APÊNDICES A a E).

Figura 121 - Quadro de caracterização dos entrevistados

NOME	IDADE	PERÍODO QUE RESIDIU NO FILIPINHO
Alfredo Vasconcelos	68 anos	1957 até 1970
Lilia Soares	74 anos	1951 até os dias de hoje
Teresa Pflueger	81 anos	1959 - 1962
Rosa Alice Civit	52 anos	1966 até os dias de hoje
Aline Guillen	21 anos	1997 até os dias de hoje

Fonte: Elaborado pela autora, em 2018

Nas conversas com esses moradores foi possível notar a grande influência da tipologia arquitetônica e urbanística inicial do conjunto na relação de vizinhança. Aspectos como a ausência de muros e as calçadas largas contribuíram com o estreitamento dos laços dos moradores. Algo que era marcante no bairro era a proximidade, amizade, integração e boa convivência de quem ali vivia.

O Filipino foi um bairro onde todas as famílias estavam unidas sempre e não havia distinção de cor, raça, religião e fator econômico. (ALFREDO RODRIGUES VASCONCELOS FILHO)

Todo mundo se dava com todo mundo, era muita criança, porque o conjunto era novo [...]. (LILIA MARIA FERREIRA SOARES).

O nível das famílias nota 10! Total respeito e disciplina para tudo e todos. (ALFREDO RODRIGUES VASCONCELOS FILHO).

E lá no Filipino as famílias eram muito próximas uma das outras. Havia assim, como se fosse uma comunidade, a gente tinha uma proximidade, um relacionamento bom. Tanto que as cercas das casas eram de varinhas de madeira, não havia divisões por muro. (MARIA THERESA SOARES PFLUEGER). (informação verbal).⁹

⁹ Informação fornecida por meio de entrevista realizada em São Luís, em 28 de novembro de 2018. Cf. Apêndice D.

[...] as casas eram todas sem muros, os vizinhos todos se conheciam, todos se falavam, todos se ajudavam; era muito bom segundo eles falavam, que havia muita segurança, que eles podiam ficar tranquilos [...]. (ROSA ALICE GUILLÉN CIVIT). (informação verbal).¹⁰

Hoje cada um faz aquele muro enorme; olha, nós temos um vizinho, dois, três, que eu não sei quem são. A gente vê as vezes pegando o carro, saindo no carro, mas não tem nenhuma comunicação.. Com aquele muro a gente só vê a hora que entra e que sai e não dá nem bom dia. Então ficou pior com o muro, e ao passo que quando não tinha muro todo mundo as crianças se juntavam tudo e brincavam... (LILIA MARIA FERREIRA SOARES).

Figura 122 - Foto antiga de moradores do Filipinho com residências ao fundo



Fonte: Filipinho Banco da Praça (2015c)

Algo bem interessante e peculiar era a capacidade de organização dos moradores do bairro, que possibilitou, por exemplo, a formação de uma cooperativa, a compra de três ônibus seminovos (que faziam o trajeto Filipinho – Centro) e a construção de um campo de futebol, o famoso “Buracanã”.

Também tinha uma cooperativa dos moradores muito atuante, com serviços de apoio e manutenção completo.

Foi então que a nossa cooperativa de moradores comprou três ônibus modernos para época e seminovos, exclusivamente para os moradores do bairro, que com apoio dos Vereadores, obteve licença para que o ponto de partida ficasse na Praça João Lisboa, entre o cinema e a igreja.

O Filipinho foi um dos primeiros bairros de São Luis a ter seu campo de futebol e organizar um dos mais tradicionais campeonatos de futebol de bairros.

O Estádio era o Buracanã onde hoje funciona um bairro que foi originário de uma invasão e ficou para sempre. (ALFREDO RODRIGUES VASCONCELOS FILHO).

Também foram bastante relatadas as inovações desse grupo residencial, principalmente no que diz respeito à sua estrutura de apoio, que tornava mais fácil,

¹⁰ Informação fornecida por meio de entrevista realizada em São Luís, em 27 de novembro de 2018. Cf. Apêndice B.

digna e confortável a vida de seus moradores, e conferia ao Filipinho um caráter humanitário: “Meu pai era comerciante e atuou durante 53 anos na Rua Portugal. Comprar sua casa em um bairro novo e que se transformou em modelo de bairro residencial em São Luís foi a realização de um sonho dos meus pais.” (ALFREDO RODRIGUES VASCONCELOS FILHO).

Figura 123 - Foto antiga de moradores do Filipinho com residência ao fundo



Fonte: Filipinho Banco da Praça (2018a)

Ao chegar no Filipinho ficamos encantados com a qualidade de vida que passamos a ter. Na minha família nós éramos cinco irmãos. Era um bairro com uma estrutura que jamais poderíamos pensar que iríamos encontrar. Segurança, escola, posto médico, mercadinhos, farmácias, padaria, restaurante, sorveteria e áreas de lazer. (ALFREDO RODRIGUES VASCONCELOS FILHO).

Figura 111 - Foto antiga de moradores do Filipinho com residência ao fundo



Fonte: Filipinho Banco da Praça (2018b)

[...] tinha um comércio, tinha o colégio, que era o Governador Archer, atrás do colégio tinha um posto, que hoje é posto, na época era o setor de administração, nesse setor tinha assistente social, tinha professora de corte e costura, de bordado, de culinária, de pintura. O administrador era seu Vasquez, que morava na rua 13. Não tinha a igreja; a igreja foi construída depois, acho que eu tinha uns 8 ou 9 anos. (LILIA MARIA FERREIRA SOARES).

Por exemplo, nós tínhamos um verdureiro na porta que vinha trazer; passava todo dia as verduras na porta, o camaroeiro, o homem do peixe. Então nós tínhamos uma certa facilidade de vida por lá.

Havia a escola pública e havia um centro comunitário. Havia um sentido comunitário no Filipinho sim! Havia uma cooperação no sentido de a gente manter a estrutura do Filipinho, de manter as casas.

O bonde do Anil passava no Filipinho, pela avenida, e era um meio de transporte, além de ser popular, agradável, ventilado, e muito usado. Ele permitia que a gente pudesse ir para a cidade via o bonde. Tinha acessibilidade. (MARIA THERESA SOARES PFLUEGER).

Figura 112 - Foto antiga de moradora do Filipinho com residência ao fundo



Fonte: Filipinho Banco da Praça (2015d)

Segundo Maria Theresa Pflueger, “Os conjuntos eram muito mais humanos, o nível de construção era boa.”

Quanto ao padrão das casas, a maioria dos entrevistados a considerava pequena. No entanto, sua qualidade construtiva e sua fachada simples e charmosa foram bastante elogiadas.

Eles botaram no Filipinho o apelido de pombal, por que eles achavam que as casas eram pequenininhas e morava muita gente... (risos). (LILIA MARIA FERREIRA SOARES)

Pareciam casinhas de boneca. (MARIA THERESA SOARES PFLUEGER)

Figura 126 - Foto antiga de moradores do Filipino



Fonte: Filipino Banco da Praça (2015e)

Eram casas bem construídas, bem feitas. O que eu me lembro era que a obra construída durou bastante tempo sem precisar de reforma. Na frente ela tinha um gradeado que se botava plantinhas subindo. (MARIA THERESA SOARES PFLUEGER).

A estrutura era tão boa que hoje pra você quebrar uma parede é muito difícil, de tão resistente que era a estrutura que foi feita na época no bairro. (ROSA ALICE GUILLÉN CIVIT).

As casas pra época eram ótimas, porque eram forradas, que não se tinha essas coisas, eram divididas, com banheiro dentro de casa, que as casas por aí tudo o banheiro ficava fora. Eram três quartos, a sala, o banheiro, a cozinha e a lavanderia, aí tinha o quintal. (LILIA MARIA FERREIRA SOARES).

As casas todas eram iguais, eram três quartos, a cozinha pequena, um banheiro e a salinha, não havia dependência de empregada. Na parte externa não tinha nada, tinha só um tanque para lavar roupa. Era uma casa pequena. (MARIA THERESA SOARES PFLUEGER).

Figura 127 - Foto antiga de moradores do Filipino



Fonte: Filipino Banco da Praça (2015f)

Em relação ao estado atual do bairro, as opiniões são diversas:

[...] de negativo aquela praça de alimentação na frente. Eu não sei como o ônibus passa, porque eles já colocaram cadeira, mesa, ai vem carro e encosta, ai vem uns que querem comprar mas não querem sair de dentro do carro e ficam empatando o trânsito. Agora ele ficou mesmo ruim depois que fizeram a Redenção. (LILIA MARIA FERREIRA SOARES).

Hoje que é muito difícil você morar aqui no bairro, como em qualquer outro bairro, mas hoje os muros se tornaram altos, devido à falta de segurança, as pessoas ficam dentro de casa, não saem mais, você não conhece o vizinho[...] (ROSA ALICE GUILLÉN CIVIT).

O que é legal é que, por ele ser composto por essas pessoas mais velhas, ele é um bairro muito calmo, ele é muito simples. Hoje ele é considerado um bairro humilde; com o desenvolvimento da cidade, ele deixou de ser um bairro nobre [...].

No geral é um bairro muito bom. Eu gosto de morar aqui, eu acho que aqui é perto de tudo. Pra mim é um bairro perfeito. As pessoas não gostam muito de vir pra cá por que é considerado perigoso, mas analisando por uma pessoa que mora aqui, que está presente nessa região, ele é um bairro muito bom de se morar, super calmo e tranquilo. (ALINE GUILLEN). (informação verbal).¹¹

¹¹ Informação fornecida por meio de entrevista realizada em São Luís, em 27 de novembro de 2018. Cf. Apêndice C.

9 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a coleta de informações, plantas e fotos sobre o projeto e construção do Conjunto Residencial do Filipinho; assim como uma análise do contexto histórico que ele esteve inserido, suas singularidades, inovações, consequências no cenário ludovicense, e sua influência nos projetos e técnicas construtivas que viriam a ser aplicadas posteriormente no campo habitacional.

Esse conjunto pontuou um período de produção habitacional marcada pela simplicidade das casas menores, com cômodos mais compactos, e fachadas simples; pela integração e homogeneidade propiciadas pelos afastamentos laterais, ausência de muros e passeios largos e arborizados; e, principalmente, pela sustentabilidade. Não foram construídas somente residências, mas também foram oferecidas condições para que seus moradores encontrassem ali tudo que fosse necessário no que diz respeito a comércio, saúde, educação, serviços e lazer.

Esses aspectos também foram responsáveis pela formação de uma vizinhança unida, próxima, integrada, equilibrada, marcada pela equidade e com grande poder de organização – os moradores do Filipinho foram capazes de montar uma cooperativa, construir um campo de futebol, comprar três ônibus próprios, etc.

Ao compará-lo com os conjuntos habitacionais atuais, torna-se ainda mais evidente o caráter humanitário do Filipinho. A era em que vivemos hoje - a dos condomínios construídos pelo programa “Minha Casa Minha Vida” - é marcada pela busca por quantidade e não qualidade. São construídos locais para morar e não para viver. Eles não oferecem conforto, facilidades e qualidade de vida a seus moradores; não são concebidos dentro da malha urbana existente e não são dotados de infraestrutura. Dessa forma, aumentam a segregação dos mais pobres na cidade.

A partir de pesquisa bibliográfica acerca da introdução da arquitetura moderna no Brasil e em São Luís; da análise de plantas, vistas e fotos originais da construção do conjunto; de visitas ao bairro e da observação de sua dinâmica atual; da elaboração de mapas temáticos pela autora, e de conversas com moradores, tornou-se possível compreender a produção arquitetônica e urbanística moderna das décadas de 40, 50 e 60, bem como analisar a tipologia arquitetônica e padrão

urbanístico do Filipinho e compará-lo com padrões residenciais anteriores e posteriores.

Dada à importância desse bairro - que surgiu a partir do primeiro eixo de expansão da cidade de São Luís, foi financiado por verbas públicas e destinado à moradia de trabalhadores, e anunciou uma nova forma de pensar a moradia popular que, no entanto, infelizmente, não perdurou – é de suma utilidade contar sua história, que esteve intimamente conectada ao cenário político, econômico, social e cultural brasileiro e ludovicense da metade do século passado.

Vale destacar, que o grupo residencial do Filipinho não foi o único conjunto modernista edificado na capital maranhense. Outros exemplares, no entanto menos conhecidos e de menores dimensões, foram construídos em bairros como Apicum e Apeadouro, que poderiam ser estudados e analisados em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- A PRIMEIRA realização da architecture moderna em São Paulo. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 23288, 8 jun. 1928. p. 3.
- ACERCA da architecture moderna. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 9438, 1º nov. 1925.
- ALGO de impressionante será o moderno grupo residencial do bairro do Filipinho. **O imparcial**, São Luís, ano XXIV, n. 9900, 29 jan. 1950.
- ALMEIDA, Caliane C. O. **Habitação Social no Nordeste: a atuação das CAPs e IAPs (1930-1964)**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- AMORIM, Flávia Pereira; TANGARI, Vera. Estudo tipológico sobre a forma urbana: conceitos e aplicações. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, v. 22, p. 61-73, 2006.
- ANDRÉS, Felipe de Carvalho Castro. Roteiro 1: São Luís: o Centro Antigo. In: LOPES, José Antonio Viana et al. **São Luís: Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem**. Sevilla: Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008. p. 114-257.
- ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce. Concreto, muxarabis e cumeeiras para os industriários: a arquitetura e o urbanismo de Carlos Frederico Ferreira na produção do IAPI. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ARQUITETURA, 1., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010.
- ASSOCIAÇÃO DOS PRÁTICOS DO ESTADO DO MARANHÃO. **Projeto para construção de um conjunto residencial à rua Almir Nina; Lotes 2 e 3 de propriedade do IPEM**. Acervo do Arquivo Público do Estado do Maranhão. Mapoteca I, Gaveta II, Reg. 011, 1948a.
- _____. **Projeto para construção de um conjunto residencial à rua Almir Nina, nº 1, esquina com José do Patrocínio, São Luís, inclui: fachada e gradil**. Acervo do Arquivo Público do Estado do Maranhão. Mapoteca I, Gaveta II, Reg. 009, 1948b.
- AZEVEDO, Arlan. São Luís 404 anos: transformações estruturais na vida dos ludovicenses. **Imirante**, São Luís, 8 set. 2016. Disponível em: <<https://imirante.com/namira/sao-luis/noticias/2016/09/08/sao-luis-404-anos-transformacoes-estruturais-na-vida-dos-ludovicenses.shtml>>. Acesso em: 4 nov. 2018.
- BARATTO, Romullo. **Em foco**: Gregori Warchavchik. 2015. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/764818/em-foco-gregori-warchavchik>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

BONDUKI, Nabil; KOURY, Ana Paula. **Os pioneiros da habitação social**. São Paulo: Editora Unesp/Edições Sesc São Paulo, 2014. v. 2.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BURNETT, Frederico Lago. **São Luís por um triz: escritos urbanos e regionais**. São Luís: Editora da UEMA, 2011. v. 1.

CAVALCANTI, Lauro. Modernistas, arquitetura e patrimônio. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o estado novo**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999. p. 179-190.

_____. **Quando o Brasil era moderno**: guia de Arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CORREIOS. **Patrimônio arquitetônico**. 2018. Disponível em: <<https://www.correios.com.br/sobre-os-correios/a-empresa/historia/patrimonio-arquitetonico>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

COSTA, Lucio; WARCHAVCHIK, Gregori. **Vila Operária da Gamboa, Rio de Janeiro, 1934**. 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra35657/vila-operaria-da-gamboa-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 04 de nov. 2018.

COSTA, Marcelo Lima. José Otacílio Saboya Ribeiro: o saber urbanístico e as propostas de reestruturação de São Luís do Maranhão durante a Era Vargas. **Intellèctus**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 2, p. 153-168, 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/20985>>. Acesso em: 20 set. 2018.

COSTA, Marcelo Lima. **O projeto de modernização de São Luís nos anos Paulo Ramos 1936-1945**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. 2015. 347 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

DEGANI, José Lourenço. **Tradição e modernidade no ciclo dos IAPs**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2003.

DI CAVALCANTI. **Capa do catálogo da exposição da semana de arte moderna**. 1922. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra35342/capa-do-catalogo-da-exposicao-da-semana-de-arte-moderna>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

FAYET, Carlos Maximiliano et al. **Vila do IAPI**: patrimônio cultural da cidade. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento Municipal, 1995.

FERNANDES, Denise. **Representações da Semana de Arte Moderna e dos modernistas na imprensa de Porto Alegre (1922-1928)**. 2009. 51 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FERRARI, Camila. Projeto moderno de cidade: os conjuntos habitacionais dos IAP na Grande São Paulo. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 533-554, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635314/pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

FILIPINHO BANCO DA PRAÇA. Eu fardado do Liceu e Alfinete e Sapinho fardados do Ateneu. **Facebook**, 31 maio 2015f. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/839164792803947/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. Fotos de Filipino – Banco da Prada. **Facebook**, 31 maio 2015a. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/839164792803947/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. Fotos de Filipino – Banco da Prada. **Facebook**, 31 maio 2015b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/839164792803947/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. Lembrança do teu tempo de Filipino - 1965. **Facebook**, 23 maio 2015d. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/839164792803947/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. Maurício, Márcia e Mozart. **Facebook**, 21 novembro 2018b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/839164792803947/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. Meus tempos de Filipino. **Facebook**, 31 maio 2015e. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/839164792803947/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. Olha aí nosso Filipino em uma maravilhosa época. **Facebook**, 7 fevereiro 2018a. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/839164792803947/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. Zé Sergio e Papai (Seu Guimarães) em frente à Rua Willys e da nossa casa. **Facebook**, 31 maio 2015c. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/839164792803947/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FRACALLOSSI, Igor. **Clássicos da arquitetura**: Casa Modernista da Rua Santa Cruz/Gregori Warchavchik. 2013. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik>> Acesso em: 4 nov. 2018.

FRACALOSSI, Igor. **Em foco**: Rino Levi. 2015. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/779671/em-foco-rino-levi>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

GOMES, Geraldo. **O estilo moderno na arquitetura de Pernambuco**. Recife: Docomomo, 2016.

HOSPITAL DA BRIGADA MILITAR. Roteiro 3: Bairros da Boa Vista e Soledade. In: DOCOMOMO BRASIL. Núcleo Pernambuco. **Guia da arquitetura no Recife**. Recife, 2016. p. 64-93. Disponível em: <https://issuu.com/fernandoalmeida18/docs/momotur_ok_>. Acesso em: 13 nov. 2018.

INAUGURA-SE hoje o bairro do Filipinho. **O Imparcial**, São Luís, ano XXV, n. 10091, 21 jan. 1951a.

INAUGURA-SE hoje. **Diário de S. Luiz**, São Luís, ano VII, n. 1615, 21 jan. 1951b.

ITAÚ CULTURAL. **Luiz Nunes**: biografia. 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa351677/luiz-nunes>>. Acesso em: 17 set. 2018.

JORGE, Miécio. **Álbum do Maranhão 1950**. São Luís: Imprensa Oficial do Maranhão, 1950.

LAPOLLI, André. **Como destruir um patrimônio cultural urbano**: a Vila do IAPI, “crônica de uma morte anunciada”! 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____. Um resgate da Vila do IAPI - Cidade-Jardim, Urbanismo Culturalista ou Arquitetura Ambiente. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 11., 2005, Salvador. **Anais...** São Paulo: ANPUR, 2005. v. 1.

LIRA, José Tavares C. **Warchavchik**: fraturas da vanguarda. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

LOPES, José Antônio Viana. São Luís: história urbana. In: LOPES, José Antonio Viana et al. **São Luís**: Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem. Sevilla: Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008. p. 10-49.

LUCENA, Felipe. História do edifício Gustavo Capanema. **Diário do Rio**, Rio de Janeiro, 2 set. 2015. Disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-do-edificio-gustavo-capanema/>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. Eu vi o modernismo nascer...e ele começou no Recife. In: MOREIRA, Fernando Diniz (Org.). **Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil**: universalidade e diversidade. Recife: FASA, 2007.

MASULLO, Yata A. G.; LOPES, José Antônio V. Efeitos da Urbanização na Dinâmica Socioeconômica e Ambiental do Centro Histórico de São Luís - MA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 7., 2016, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande, 2016. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2016/XI-014.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

MIDLIN, Henrique E. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999.

MINHA VELHA SÃO LUÍS. Ônibus linha Filipinho (anos 80). **Facebook**, 18 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MinhaVelhaSaoLuis/>> Acesso em: 15 nov. 2018.

MODERNIZA-SE a nossa architectura. **Diário Nacional**, São Paulo, ano I, n. 290, 17 jun. 1928.

NASCIMENTO, Elisa Fonseca. **Arte e técnica na obra de Joaquim Cardozo**: notas para a construção de uma biografia intelectual. 2007. 224 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NASCIMENTO, Flávia Brito do. Conjuntos residenciais modernos: valor e preservação. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 7., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2007.

O IAPC no Maranhão. **Diario de S. Luiz**, São Luís, ano V, n. 1311, 22 maio 1949.

OBRA grandiosa do IAPC no campo da previdência e da assistência. **O Imparcial**, São Luís, ano XXIV, n. 9894, 22 jan. 1950.

PEREIRA JÚNIOR, Magno Vasconcelos. **Construção e transformação do centro urbano de São Luís – MA**: uma análise do Patrimônio Histórico. 2015. 374 f. Tese (Doutorado em Geografia, Planificação Territorial e Gestão Ambiental) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 2015.

PESSOA, Daniela. Um palácio no Rio. **Veja**, Rio de Janeiro, 23 abr. 2012. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidades/palacio-gustavo-capanema/>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

PESSÔA, José; ARAÚJO, Maria Silvia Muylaert de. **Vila Operária da Gamboa, Rio de Janeiro, 1933/1983**. 1983. Disponível em: <<http://www.jobim.org/lucio/bitstream/handle/2010.3/1453/III%20A%2037-01128%20L.pdf?sequence=3>>. Acesso em: 10 out. 2018.

PFLUEGER, Grete; LOPES, José Antônio Viana. Arquitetura do século XX. In: LOPES, José Antonio Viana et al. **São Luís**: Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem. Sevilla: Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008. p. 80-97.

PFLUEGER, Grete; FURTADO, Livia. As imagens do moderno em São Luís pelo álbum de Miécio Jorge, de 1950. **Revista Amazônia Moderna**, Palmas, v. 1, n. 1, p. 68-83, abr./set. 2017.

PLANTANDO cidades e fundando hospitais. **Diário de S. Luiz**, São Luís, ano VII, n. 1614, 20 jan. 1951.

RESULTADOS das visitas dos presidentes do IAPC e do IAPM ao Filipino. **O Imparcial**, São Luís, ano XXIV, n. 9893, 21 jan. 1950.

RUBIN, Graziela Rossatto. Movimento moderno e habitação social no Brasil. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 17, p. 57-71, 2013.

SANTANA, Andresa; SANTOS, Nadja Carolina. Patrimônio arquitetônico no bairro da Boa Vista: a influência de Delfim Amorim e a 'arquitetura de hoje' durante os anos 50 e 60 e a atual problemática da conservação destes bens. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA, 3., 2009, Recife. **Anais...** Recife: UNICAP, 2009.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. **Revisitando a sede o Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro**. 2014. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/13.147/4942>> Acesso em: 4 nov. 2018.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SERRAGLIO, João. **Clássicos da arquitetura: Caixa D'água de Olinda / Luiz Nunes**. 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/900315/classicos-da-arquitetura-caixa-dagua-de-olinda-luiz-nunes>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

SOUZA, Ricardo. **Trajetórias da arquitetura modernista**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento de Informação e Documentação Artísticas/Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea, 1982.

TRIGO, Benedita Côrte-Real Afonso. **Dez casos de habitação moderna no Brasil**. 2013. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2013/2014.

UM HOSPITAL de clínicas e casas residenciais para os comerciários. **Diário de S. Luiz**, São Luís, ano IV, n. 1175, 5 dez. 1948.

VASCONCELOS, Paulo Eduardo S. **Habitação Social em São Luís**: um estudo sobre a produção de habitação dos Institutos de Previdência e do Banco Nacional de Habitação. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2007.

_____. **Política habitacional e estado autoritário em São Luís (1964-1985)**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 1

Entrevistado(a): Alfredo Rodrigues Vasconcelos Filho

Data: 21/11/2018

Giselle: Boa tarde, Sr. Alfredo. Gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre como era o bairro do Filipinho quando o senhor foi morar lá; como eram as relações de vizinhança, como funcionava a administração, como eram as casas; pode ficar bem livre para falar o que quiser...

Alfredo: Fui morar no Filipinho em 1957, tinha 7 anos de idade. Meu pai era comerciante e atuou durante 53 anos na Rua Portugal. Comprar sua casa em um bairro novo e que se transformou em modelo de bairro residencial em São Luis foi a realização de um sonho dos meus pais. Morei desde que nasci até meus 7 anos na Rua Graça Aranha, no Centro de São Luis, junto da Catedral da Sé.

Ao chegar no Filipinho ficamos encantados com a qualidade de vida que passamos a ter. Na minha família nós éramos cinco irmãos. Era um bairro com uma estrutura que jamais poderíamos pensar que iríamos encontrar. Segurança, escola, posto médico, mercadinhos, farmácias, padaria, restaurante, sorveteria e áreas de lazer.

Todas residências, escola e rede comercial com cobertura de rede de esgoto, água tratada e rede elétrica totalmente nova. O nível das famílias nota 10! Total respeito e disciplina para tudo e todos.

Também tinha uma cooperativa dos moradores muito atuante, com serviços de apoio e manutenção completo. Tinha encanador, pedreiro, eletricista, bombeiros... O Grupo Escolar modelo de educação e com atuação e participação das famílias em todo o programa e calendário escolar.

O Filipinho foi um bairro onde todas as famílias estavam unidas sempre e não havia distinção de cor, raça, religião e fator econômico.

Giselle: Essa cooperativa de trabalhadores funcionava como? Era pago algum valor mensal?

Alfredo: Todos os moradores eram associados e com o valor do rateio definido em Assembleias Gerais. Detalhe, se por ventura um morador associado ficasse desempregado, ele ficava liberado dos pagamentos e tão logo voltasse a trabalhar

negociava o débito. Se o caso fosse mais grave, recebia até anistia. Tudo com muita transparência e seriedade. A Cooperativa tinha vários conselhos, inclusive o disciplinar, que atuava em caso de abusos como falta de respeito ao silêncio, abuso a moral e bons costumes, indisciplina de menores sem as providências dos pais...

Giselle: Interessante, muito legal! Agora o senhor poderia me falar um pouco mais das casas?

Alfredo: Eram de padrão de qualidade 10. Casas de três quartos, forradas, piso de taco, um banheiro social, uma varada, uma sala, uma cozinha, quintal de bom tamanho, laterais em formato de corredor amplos e com total segurança. Tinha área para jardins e todas as casas cuidavam dos seus jardins e cultivavam rosas de todas as cores e jarros com hortenças. Passeios internos com calçadas para os moradores e passeios públicos largos.

Giselle: Como funcionava a questão do transporte público?

Alfredo: A princípio transporte coletivo era um grande problema. Tinham poucos ônibus e desconfortáveis. Usávamos muito o bonde. Foi então que a nossa cooperativa de moradores comprou três ônibus modernos para época e seminovos, exclusivamente para os moradores do bairro, que com apoio dos Vereadores, obteve licença para que o ponto de partida ficasse na Praça João Lisboa, entre o cinema e a igreja.

Giselle: Mais alguma lembrança, senhor Alfredo?

Alfredo: O Filipinho foi um dos primeiros bairros de São Luis a ter seu campo de futebol e organizar um dos mais tradicionais campeonatos de futebol de bairros. Chegando a ter 18 times com uma estrutura de alto nível e com uma Liga dirigida nos moldes da Federação Maranhense de Futebol, chegando a revelar grandes craques para o Sampaio, Moto, Maranhão, Graça Aranha e outros times. Chegamos a ter final de campeonato no sábado à tarde com o apoio da Rádio Ribamar que transmitia as decisões. O Jornal Pequeno fazia reportagens de uma página. A rádio Difusora divulgava os resultados. Centenas de famílias prestigiavam os jogos. O Estádio era o Buracanã onde hoje funciona um bairro que foi originário de uma invasão e ficou para sempre.

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 2

Entrevistado(a): Rosa Alice Guillén Civit

Data: 21/11/2018

Giselle: Boa noite, Dona Rosinha. Seria interessante a senhora me falar um pouco da sua família, quando seus pais vieram morar no Filipinho; como erar morar no bairro durante sua infância; falar um pouco das relações de vizinhança, de como eram as casas...

Rosa: Na verdade, eu não sei mais ou menos a época que meus pais vieram morar no Filipinho, mas foi logo quando o Filipinho era novo ainda, fazia pouco tempo, eu acho que foi no período entre 60 e 63 que eles vieram morar aqui no Filipinho. Acho que foi mais ou menos essa época, pelo que eu lembro.

Quando eles vieram morar aqui, o Filipinho era novo, como já falei, as casas eram todas sem muros, os vizinhos todos se conheciam, todos se falavam, todos se ajudavam; era muito bom segundo eles falavam, que havia muita segurança, que eles podiam ficar tranquilos, não havia muro nessa época não, todas as casas eram iguais, com uma estrutura fantástica.

A estrutura era tão boa que hoje pra você quebrar uma parede é muito difícil, de tão resistente que era a estrutura que foi feita na época no bairro.

A minha mãe contava antes que era tão interessante como não havia muros, e havia o famoso terraço, aquele terraço pequeno, as secretárias das casas elas competiam. Como o terraço era daquela cerâmica de chão, então elas passavam a cera para depois passar a enceradeira, ai disse que havia uma disputa entre elas para ver quem fazia, quem deixasse o terraço mais brilhante, né, aí tinha essa disputa. Ela sempre contava que isso era bem engraçado, uma vinha olhar o da outra, pra saber quem deixou o terraço mais brilhante. Então havia essa união, entre as patroas e entre as empregadas da época, elas eram bem unidas nesse ponto.

Com o passar do tempo as casas foram se modificando, no sentido de ir colocando muros, sendo que os muros eram baixos, mesmo assim na minha época de infância mesmo, que a gente brincava, era muito bom; os muros eram baixos, nas férias a gente podia andar pelas ruas tranquilo, a gente brincava, a gente fechava as ruas,

era muito bom, havia de qualquer maneira a segurança. Hoje que é muito difícil você morar aqui no bairro, como em qualquer outro bairro, mas hoje os muros se tornaram altos, devido à falta de segurança, as pessoas ficam dentro de casa, não saem mais, você não conhece o vizinho; eu particularmente não conheço minha vizinha do lado nem a da frente, a do lado esquerdo eu conheço, porque é minha irmã, mas fora isso eu não conheço meus vizinhos, eu to totalmente aleatória, eu não sei quem são.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 3

Entrevistado(a): Aline Guillen

Data: 27/11/2018

Giselle: Gostaria que tu me falasses um pouco sobre desde quando tu e tua família moram no Filipinho; se tu sabes alguma coisa sobre a história do bairro; como são as relações de vizinhança; o que tu mais gosta no Filipinho...

Aline: Moro no Filipinho desde que eu nasci. Meus avós moravam aqui e meus pais moraram aqui, os dois, antes até mesmo de se conhecerem, moraram aqui quase a vida toda.

Meu avô não era daqui, ele era de fora do Brasil, e quando ele veio para cá ele foi para São Paulo, mas não gostou, pois achou muito movimentando; aí ele veio parar no Maranhão, em São Luís. Um dos primeiros bairros que ele morou foi o Filipinho, por que na época era pra cá que estava concentrada grande parte da população, aqui e no Monte Castelo. Ele era considerado um dos principais bairros e um dos bairros mais nobres.

O que é característico do bairro é que aqui moram muitas pessoas idosas. Como é um bairro antigo, é muito comum, quando as pessoas perguntam onde eu moro e eu falo Filipinho, alguém sempre fala: “Meu avô morou lá” ou “meus avós moram lá”, sempre conhece alguém idoso ou mais velho que mora aqui. É um bairro que quase não tem adolescentes, isso é um fato. Acho que grande parte, cerca de 90% do bairro, é composto por pessoas mais velhas.

O que é legal é que, por ele ser composto por essas pessoas mais velhas, ele é um bairro muito calmo, ele é muito simples. Hoje ele é considerado um bairro humilde; com o desenvolvimento da cidade, ele deixou de ser um bairro nobre, também pelo fato das favelas que surgiram por aqui.

Uma característica marcante dele é que é um bairro bastante calmo, muito simples, e as pessoas todas se conhecem. No geral é um bairro muito bom. Eu gosto de morar aqui, eu acho que aqui é perto de tudo. Pra mim é um bairro perfeito. As pessoas não gostam muito de vir pra cá por que é considerado perigoso, mas

analisando por uma pessoa que mora aqui, que está presente nessa região, ele é um bairro muito bom de se morar, super calmo e tranquilo.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 4

Entrevistado(a): Maria Theresa Soares Pflueger

Data: 28/11/2018

Giselle: Dona Teresa, gostaria que a senhora ficasse bem livre pra me falar um pouco do bairro...

Maria Theresa: O Filipinho surge como primeiro conjunto residencial do atual INSS e ele acolhe a classe média média e a classe média baixa, mas havia uma convivência boa.

As pessoas não tinham carro, a primeira pessoa que teve carro lá fui eu. Então, por conta disso, quando as mães estavam para ter as crianças, éramos nós que levávamos para o hospital. Assim como também não tinha telefone. Um pouco distante do Filipinho, do lado contrário, defronte, mais uns 50 metros, eu acredito, tinha um ramal, e o telefone ainda era de manivela, pra poder se comunicar.

Mas havia uma coisa muito gostosa, que era o bonde. O bonde do Anil passava no Filipinho, pela avenida, e era um meio de transporte, além de ser popular, agradável, ventilado, e muito usado. Ele permitia que a gente pudesse ir para a cidade via o bonde. Tinha acessibilidade.

Giselle: A senhora morou lá em que período?

Maria Theresa: Eu morei lá em 59. Eu casei e fiquei 3 anos lá, foi o tempo que foi construída minha casa no Cutim-Anil. Era esse o seguimento que a cidade ia desenvolver. No seguimento interno: Filipinho – Aeroporto. Centro – Rua grande, da rua grande passava pelo Areal, Areal – João Paulo, do João Paulo vinha para o Filipinho, do Filipinho ia para o Anil. Então essa era a rota natural para chegar até o aeroporto, onde, além da gente pegar os aviões, tinha o grande restaurante, que era um ponto de encontro das famílias.

E lá no Filipinho as famílias eram muito próximas uma das outras. Havia assim, como se fosse uma comunidade, a gente tinha uma proximidade, um relacionamento bom. Tanto que as cercas das casas eram de varinhas de madeira, não havia divisões por muro.

Então eu fiquei por lá morando 3 anos até minha casa ficar pronta. Depois eu não sei, hoje em dia eu não voltei mais no Filipinho, mas eu ainda frequentei o Filipinho quando a família Arruda botou primeiro uma churrascaria lá, e depois ela botou tipo uma boate/ discoteca, onde todo mundo ia. Aí começou a ser um ponto de certa maneira com referência.

Havia a escola pública e havia um centro comunitário. Havia um sentido comunitário no Filipinho sim! Havia uma cooperação no sentido de a gente manter a estrutura do Filipinho, de manter as casas. Tanto que eu acho que até a década de 80, eu acredito, as casas ficaram as mesmas, depois é que começaram a vir as reformas das casas. As casas todas eram iguais, eram três quartos, a cozinha pequena, um banheiro e a salinha, não havia dependência de empregada. Na parte externa não tinha nada, tinha só um tanque para lavar roupa. Era uma casa pequena.

Giselle: Onde a senhora morava antes?

Maria Theresa: Eu morava na rua Grande, numa belíssima casa. Claro que eu senti uma diferença muito grande da casa que eu morava pra ir morar no Filipinho. Mas foi um posicionamento do meu marido, porque meu pai era um homem de posses, e quando eu casei ele quis dar uma casa pra gente, e meu marido achou que não deveria receber a casa, e que ele deveria morar onde ele pudesse, e depois ele construiria uma casa pra gente. E eu concordei, achei que era um espírito independente, e fui morar lá. Mas ao mesmo tempo, além de eu ter ido morar por escolha, sabendo que eu ia sair de uma casa na rua grande, morada inteira, muito bem decorada, a casa do meu pai era muito bonita, as pessoas que moravam lá não se sentiam uma categoria diferenciada, a gente se entendia bem, mesmo que houvesse já níveis diferenciados lá, a gente se entendia bem.

Giselle: Se falava de as casas do Filipinho serem modernas na época?

Maria Theresa: Não, não se falava numa casa moderna, se falava numa experiência diferenciada de vida, que o instituto tinha construído as casas num mesmo padrão para poder beneficiar os associados. Se entendia mais como um benefício ao associado, mas na questão da modernidade não, não se falava em tempos de modernidade. Falava em casas para atender aos associados. Até porque, naquela época, perto do Filipinho, já começaram a construir casas boas lá de frente, do outro lado.

A continuidade do Filipinho foi o Sítio Leal. Para o Sítio Leal já veio a classe média alta pra lá, aí começaram as construções de grandes casas, mas na época da

construção do Filipinho, as construções também feitas foram defronte ao Filipinho, na rua contrária. Agora a continuidade do Filipinho foi o Sítio Leal.

Giselle: E a Redenção, aquela área do declive, quando começou a ser habitada?

Maria Theresa: A questão do declive, o que eu me lembro é que no fundo das casas do Filipinho havia o declive, o tanto que não foi construído na época, ficou vazio. Não foram construídas as casas do conjunto. A redenção foi depois que eu saí de lá. Eu saí de lá em 62. A invasão deve ter se dado uns 20 anos depois da construção, não antes disso.

Agora foi um bairro que marcou história por causa dessa boate da família Arruda. Havia também as casas da frente que eram mais categorizadas. Eu morava numa casa da frente e havia uma parte que elas ficavam mais altas e depois o terreno caía também.

Giselle: Como eram as relações de vizinhança?

Maria Theresa: A relação de vizinhança era muito tranquila. Por exemplo, nós tínhamos um verdureiro na porta que vinha trazer; passava todo dia as verduras na porta, o camaroeiro, o homem do peixe. Então nós tínhamos uma certa facilidade de vida por lá.

Tinha a escola. Muitas pessoas que moravam lá os filhos frequentavam a escola do Filipinho.

Giselle: Também foi combinado não construir muros?

Maria Theresa: Isso foi no começo. Primeiro que causou um impacto a construção do conjunto, e elas eram bonitinhas, elas tinham um certo charme. Se eu achar uma fotografia eu te mostro. Pareciam casinhas de boneca. Então houve uma intenção de manter aquele visual durante muito tempo. Durante 30 anos foi mantido o visual do Filipinho.

Giselle: Internamente a casa tinha alguma coisa que chamava atenção?

Maria Theresa: Não. Eram casas bem construídas, bem feitas. O que eu me lembro era que a obra construída durou bastante tempo sem precisar de reforma. Na frente ela tinha um gradeado que se botava plantinhas subindo. E também tinha uma outra coisa boa; como o Filipinho ficava relativamente perto do Jaguarema, havia um certo charme em morar no Filipinho, porque nós tínhamos acesso ao clube principal, tanto ao Lítero quanto ao Jaguarema, mas, sobretudo, ao Jaguarema.

Os conjuntos eram muito mais humanos, o nível de construção era boa.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 5

Entrevistado(a): Lilia Maria Ferreira Soares

Data: 30/11/2018

Lilia: O conjunto é de 1950 e o nome era conjunto residencial do IAPC, o Filipinho. O conjunto era só para os comerciários, mas como era longe, muita gente não quis ir pra lá, aí eles abriram. Aí nós fomos pra lá em 1951. Nós morávamos no Centro. Fui pra lá com 5 ou 6 anos. Há 69 anos.

Giselle: Como era o conjunto?

Lilia: Ele era fechado ali encima, assim, com uns morões, não sei se era madeira ou era cimento armado, com umas passagens de arame farpado. A partir de 10 horas da noite só entrava o pessoal do conjunto.

Giselle: Tinha cerca no conjunto todo?

Lilia: Só na frente, porque pra trás, que eu moro na última quadra, lá embaixo era mangue, que hoje é a Avenida dos Africanos. No final, depois da nossa casa, não tinha nenhuma outra casa, a minha casa era a última. Depois o IAPC construiu doze casas mais, seis de um lado e seis do outro. Aí fizeram um muro no fim, porque embaixo era uma salina, essa salina tinha um porto, que entrava barco por baixo, pelo mangue. Na época do contrabando, isso aí eu me lembro bem, os barcos vinham com contrabando, que era whisky, sandália japonesa e outras coisas mais. E quando os barcos saiam levavam o nosso café. Aí era exército lá dia e noite, quando menos a gente esperava passava lá os carros do exército.

Giselle: Quando a senhora foi morar lá ainda era vazio o entorno ou já tinha alguma coisa?

Lilia: Não, era só o Filipinho, não tinha nada. Pra baixo era o mangue; o lado aqui era um sítio, onde hoje é o Farina, lá era um sítio que dava também para um mangue. Nossos vizinhos que é o Sítio Leal, bem ali na frente, era a uma casa que era do Leal. Ai o Leal, no fundo, lá tinha um curtume que eles raspavam os couros de boi, ai ia tudo para o mangue, tinha época que fedia... Lá encima era um sítio, tinha umas casas de calçada alta, tinha um comércio, tinha o colégio, que era o Governador Archer, atrás do colégio tinha um posto, que hoje é posto, na época era

o setor de administração, nesse setor tinha assistente social, tinha professora de corte e costura, de bordado, de culinária, de pintura. O administrador era seu Vasquez, que morava na rua 13. Não tinha a igreja; a igreja foi construída depois, acho que eu tinha uns 8 ou 9 anos.

Giselle: Quais eram suas impressões a respeito das casas?

Lilia: As casas pra época eram ótimas, porque eram forradas, que não se tinha essas coisas, eram divididas, com banheiro dentro de casa, que as casas por ai tudo o banheiro ficava fora. Eram 3 quartos, a sala, o banheiro, a cozinha e a lavanderia, ai tinha o quintal. A nossa, que era de canto, o muro que separava o quintal da rua era todo feito assim de uns quadradinhos, do próprio cimento. Elas tinham 3 calçadas; uma calçada que rodeava a casa, tinha outra calçada, e outra no fim, eram largas.

As paredes, eu sei até o construtor, o engenheiro era Alexandre Costa, eu sei porque eu tinha um colega no DNR e ele disse: “Ah dona Lilian eu trabalhei muito naquelas casas”. Ele disse que dr Alexandre ia fazer vistoria meio dia, porque meio dia o sol tá certinho, ai ele chegava, olhava as paredes, se tivesse um buchinho mandava derrubar tudo e fazer de novo. O cimento, pra gente quebrar uma parede daquela é um absurdo. É um trabalho horrível para quebrar uma parede daquela.

Giselle: Como eram as relações de vizinhança?

Lilia: Ah...Ótimas! Todo mundo se dava com todo mundo, era muita criança, por que o conjunto era novo, então tinha muita criança e todo mundo se dava, até hoje. Hoje não mais assim tanto porque os velhos já morreram, mas alguns que ficaram até hoje são amigos, são unidos.

Giselle: Quais as principais mudanças que a senhora nota no bairro? Quais os aspectos positivos e negativos?

Lilia: De negativo aquela praça de alimentação na frente. Eu não sei como o ônibus passa, porque eles já colocaram cadeira, mesa, ai vem carro e encosta, ai vem uns que querem comprar mas não querem sair de dentro do carro e ficam empatando o trânsito. Agora ele ficou mesmo ruim depois que fizeram a Redenção.

Giselle: Na época a senhora considerava o filipinho um bairro autossuficiente?

Lilia: Sim. Tinha a escola, quando chegava a época de ir para o ginásio tinha o São Vicente de Paula, tinha o posto de saúde onde ficava a administração, tinham mercearias, onde hoje é aquela shopping que tem a loteria, ali tinha mercearia, padaria, lá que era o centro comercial. Onde hoje tem o posto de taxi era uma boate,

dos Arrudas, era da Barra do Corda, Angela Maria foi lá, eu fiquei doida por Angel amaria, me lembro ela morena, bonita, com corpo escultural, metida num vestido dourado.

Giselle: A senhora achou ele inovador para a época?

Lilia: Foi. Porque não tinha nada com referência a conjunto, essas coisas...

Giselle: Morar no Filipinho era chique?

Lilia: Era e não era, por que era longe, nossos parentes de mamãe não iam lá em casa, aí reclamavam que era muito longe

Giselle: A senhora se deslocava como?

Lilia: De bonde ou de ônibus do anil, que só tinham três ônibus.

Deixa eu ver outra coisa... Eles botaram no Filipinho o apelido de pombal, por que eles achavam que as casas eram pequenininhas e morava muita gente... (risos)

Giselle: A senhora acha que o fato da casa não ter muro aproximava as pessoas?

Lilia: Muuito mais, por que todo mundo se conhecia. Hoje cada um faz aquele muro enorme; olha, nós temos um vizinho, dois, três, que eu não sei quem são. A gente vê as vezes pegando o carro, saindo no carro, mas não tem nenhuma comunicação. Com aquele muro a gente só vê a hora que entra e que sai e não dá nem bom dia. Então ficou pior com o muro, e ao passo que quando não tinha muro todo mundo as crianças se juntavam tudo e brincavam...